

THAÍS CRISTINA DE OLIVEIRA

**Concepções de educação física na
Revista Brasileira de Ciências do Esporte (1 9 7 9 – 1 9 8 6)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
UBERLÂNDIA – MG
2011

THAÍS CRISTINA DE OLIVEIRA

**Concepções de educação física na
Revista Brasileira de Ciências do Esporte (1 9 7 9 – 1 9 8 6)**

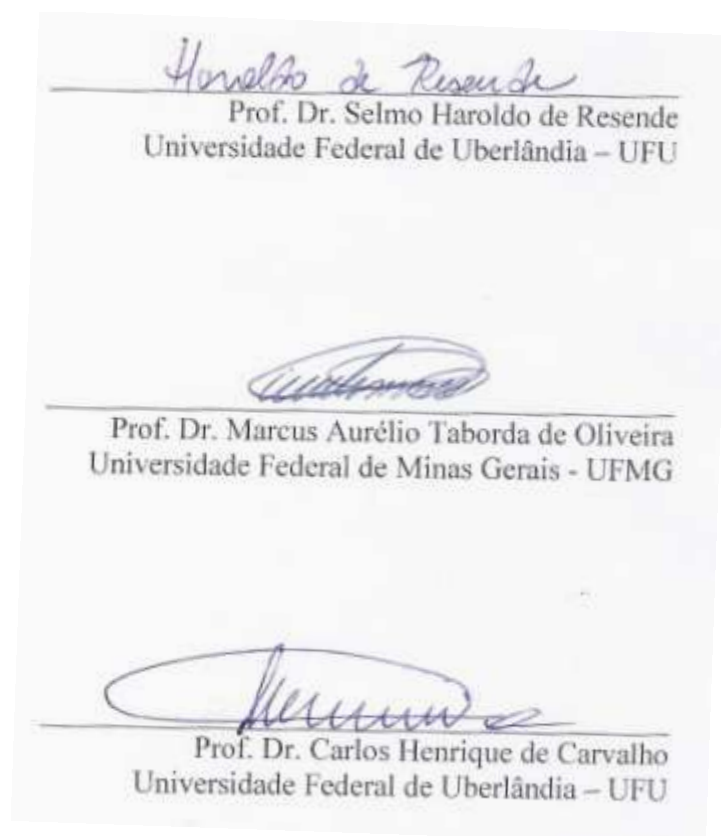
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, com requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação.

Área de concentração: Educação.

Linha de pesquisa: História e Historiografia da Educação.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
UBERLÂNDIA – MG
2011

BANCA DE DEFESA



Dissertação aprovada em 30/ 05/2011.

A Deus, que me proporcionou este momento. À minha mãe, que me dá o apoio acalentador. E ao André, pelo carinho e amor incessante.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me ajudou e me sustentou em todos os momentos que passei nesta trajetória e outras.

À coordenação do Programa de Pós-graduação em Educação, na pessoa de seu coordenador, professor doutor Carlos Henrique de Carvalho, sempre atencioso;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES);

Aos professores e colegas do programa, em especial da linha de História e Historiografia da Educação, que contribuíram para ampliar meus conhecimentos;

Ao professor doutor Haroldo de Resende, orientador desta pesquisa que deu direcionamentos à escrita deste trabalho;

Aos professores doutores Carlos Henrique de Carvalho e Raquel Discini de Campos, cujas indicações na banca de qualificação foram preciosas;

Às professoras da Faculdade de Educação Física Marina Ferreira de Souza Antunes e Gislene Alves do Amaral, com quem convivi por anos e que contribuíram para minhas reflexões;

Aos professores Marcus Aurélio Taborda de Oliveira e Carlos Henrique de Carvalho por aceitarem o convite para participar da banca de defesa.

A Cláudia, com quem dividi anseios e inquietações que me fizeram crescer como profissional;

À minha mãe, sempre disposta a me ajudar com suas orações, seu apoio contínuo, sua paciência e sua presteza;

Em especial, ao André, pelo amor, compreensão, força e por ter tornado minha vida mais feliz.

*Os homens fazem a sua própria história,
mas não a fazem como querem, não a
fazem sob circunstâncias de sua escolha e
sim sob aquelas com que se defrontam
diretamente, legadas e transmitidas pelo
passado.*

(Karl Marx)

RESUMO

Os periódicos pedagógicos voltados à área de educação física oferecem um manancial de evidências materiais do passado, sobretudo, porque estruturam, veiculam, difundem e, logo, legitimam discursos educacionais e pedagógicos que podem repercutir na prática escolar. Eis o pressuposto desta pesquisa, que analisa edições da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)* a fim de identificar concepções de educação física e seus elos com a construção histórica dessa área de estudos, pesquisas e ações pedagógicas. Os procedimentos metodológicos incluíram a pesquisa bibliográfica de fundamentação teórica, a leitura analítica de textos veiculados na Revista entre 1979 a 1986, e sua apresentação gráfica, nesse período que abrange desde a criação do periódico até a primeira mudança mais significativa em sua política editorial. A leitura analítica da *RBCE* como fonte e objeto e sua interpretação a partir de bibliografia pertinente permitem afirmar que a Revista se constituiu como uma publicação que buscava uma identidade gráfico-editorial à medida que se consolidava como objeto de leitura. Os textos publicados apresentavam uma construção editorial com concepções de educação física ancoradas num universo da formação tecnicista e ao longo das suas edições houve também a veiculação de publicações com um teor científico mais crítico. Essa vinculação entre um campo e outro ocorreu quando a mudança no corpo editorial se traduziu em transformação na linha editorial, isto é, quando a dimensão educacional da educação física edificou-se como instância de reflexão científica crítica.

Palavras-chave: periódicos; política editorial; reflexão científica crítica.

ABSTRACT

Periodicals focused on physical education pedagogical content offer a prolific source of past material evidence, above all because they structure, convey, spread, and, therefore, legitimize pedagogical and educational discourses that can reverberate in school practices. This presupposition underlies this research, which analyzes some issues of Sport Sciences Brazilian Journal aiming at identifying physical education conceptions and their links with the historical construction of this field of study, research, and pedagogical action. Methodological procedures included bibliographical research for theoretical foundation, analytical reading of the papers it published, and its graphic form between 1979 — when it was created — and 1986 — when its first relevant editorial change occurred. Such an analytical reading and interpretation, which take the journal as subject matter and primary source, allows to assert that this journal became a publication searching for its graphic and editorial identity insofar as it consolidated itself as reading object. The papers it published featured an editorial construction in which physical education conceptions have roots in a technicist approach. It also published texts whose scientific feature were more critic. The link between the former perspective and this latter resulted from a change in the editorial board, which implied changing its editorial line. In other words, it happened when the educational dimension of physical educational stood out as a subject of the scientific thought.

Keywords: periodicals, editorial policy, critical scientific reflection.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Cargo em que cada diretor/editor atuou na constituição e edição da Revista, distribuídos por áreas de formação específica 1980–1986	55
QUADRO 2 – Área de formação dos editores da <i>RBCE</i> — 1980–1985	57
QUADRO 3 – Membros diretores do <i>CBCE</i> e da <i>RBCE</i>	59
QUADRO 4 – Seções e número de textos científicos publicados na <i>RBCE</i> — 1979–1986	60
QUADRO 5 – Valor da assinatura da <i>RBCE</i> em cruzeiro (Cr\$)	71
QUADRO 6 – Valor dos exemplares da <i>RBCE</i> em cruzeiro (Cr\$) e dólar (US\$)	71
QUADRO 7 - Textos da concepção prático-esportivista de educação física publicados pela <i>RBCE</i> - 1979–1986	97
QUADRO 8 - Textos da concepção médico-biologicista de educação física publicados pela <i>RBCE</i> - 1980–1986	113
QUADRO 9 - Textos da concepção quantitativo-comportamentalista de educação física publicados pela <i>RBCE</i> — 1980–1986	121
QUADRO 10 - Textos da concepção histórico-social de educação física publicados pela <i>RBCE</i> — 1983–1986	126

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Estados brasileiros onde circulava a <i>RBCE</i>	73
FIGURA 2 – Composição gráfica da capa que perdurou até 1985	76
FIGURA 3 – Última versão da capa antes da renovação no leiaute com rearranjo dos elementos gráficos e acréscimo de outros	77
FIGURA 4 – Reprodução da capa que indica mudanças editoriais na Revista (<i>RBCE</i> , n. 2/v. 7, 1986)	78
FIGURA 5 – Reprodução da capa indicando a mudança gráfica	80
FIGURA 6 – <i>RBEFD</i> , capa do v. 7 n. 26, 1975	81
FIGURA 7 – <i>RBEFD</i> , capa do v. 8/n. 29, 1976	82
FIGURA 8 – Desenho representando vários exercícios ginásticos para serem executados no espaldar sueco com as mãos livres	84
FIGURA 9 – Pontos assinalados indicam correlação linear simples entre impulsão horizontal e medidas antropométricas nos membros inferiores	85
FIGURA 10 – Desenhos de exercícios ginásticos específicos para abdômen	85
FIGURA 11 – Sistema de registro aberto empregado na análise da função respiratória durante exercícios	86
FIGURA 12 – Forma de medir flexibilidade no Teste de Wells e Dillon	86
FIGURA 13 – Flexômetro de Leighton	87
FIGURA 14 – Análise da composição e o fluxo do ar expirado	87
FIGURA 15 – Representação de instrumentos materiais usados no teste de Margaria	88
FIGURA 16 – Instrumento de mensuração ergoespirométrica	88
FIGURA 17 – Foto ilustrativa do esquema básico simplificado do Ergo-oxyscreen	89

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1	
PERIÓDICOS NA HISTORIOGRAFIA EDUCACIONAL: USOS E PERTINÊNCIAS	21
1.1 Revistas da área de educação física como fonte e objeto de estudo	26
Capítulo 2	
REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE/RBCE: CARACTERÍSTICAS GERAIS (1979–1986)	51
2.1 Idealização e criação	52
2.2 O contexto editorial e a pesquisa científica	59
2.3 A circulação	70
2.4 O leitor	73
2.5 Aspectos gráficos	75
2.5.1 As Capas	75
2.5.2 Apresentação gráfica dos textos e sua disposição	83
2.5.3 As Ilustrações	84
2.6 Composição editorial e gráfica no teor científico da <i>RBCE</i>	90
Capítulo 3	
CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO FÍSICA VEICULADAS NA REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE	93
3.1 Concepção prático-esportivista	96
3.2 Concepção médico-biologicista	112
3.3 Concepção quantitativo-comportamentalista	121
3.4 Concepção histórico-social	126
Considerações finais	132
Referências	137

INTRODUÇÃO

A história é sempre parcial, porque o real é infinito, porque a inspiração da investigação histórica muda com a própria história.

(Jacques Le Goff)

Durante minha graduação em Educação Física, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), realizei estudos relacionados à história dessa área que despertaram meu interesse acadêmico pela pesquisa histórica. Nesse período, também me envolvi em atividades do Núcleo Brasileiro de Teses e Dissertações na área de Educação, Educação Física e Educação Especial (NUTESES)¹, oportunidade na qual pude ter contato com investigações científicas na área da educação física e da educação em geral e também pude participar da produção de trabalhos que contribuíram para meu engajamento na pesquisa acadêmica. Esses trabalhos foram fundamentais para me situar com mais clareza na pesquisa histórica, na produção científica, nas matrizes teóricas, na aplicabilidade de conhecimentos produzidos, em problemas e em algumas necessidades na área de educação física no Brasil.

Meu interesse e envolvimento se ampliaram quando cursei a disciplina “História da Educação Física”, que me mostrou a face histórica, cultural, política e econômica da educação e a importância de estudar a educação física na ótica da história da educação. Tal constatação expandiu minhas inquietações e me levou ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFU, em especial à disciplina “Introdução aos Estudos de História da Educação”. Essa inserção no ambiente da pós-graduação me possibilitou ampliar os conhecimentos sobre história e historiografia da educação, em especial sobre história da educação física no Brasil.

Nesse percurso acadêmico, tive contato com a *Revista Brasileira de Ciência do Esporte (RBCE)*, periódico do qual me tornei assinante. Aos poucos, a leitura dessa publicação suscitou questionamentos acerca do contexto histórico em que esse periódico havia sido criado, dadas a relevância e a abrangência que tem no campo da educação física no Brasil e no exterior. Os questionamentos me levaram a considerá-lo como fonte e objeto que poderia

¹ O NUTESES é um órgão complementar da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia e visa à recuperação, reunião, sistematização e análise de informações para difusão e acesso a produções científicas referentes a dissertações e teses da área de educação física, esportes, educação e educação especial advindas de cursos de pós-graduação tanto específicos da área da educação física quanto de áreas afins, no Brasil e exterior.

revelar facetas da história da educação física no país, o que motivou verificar o uso de periódicos na pesquisa histórica, através de algumas leituras. Nessas leituras e releituras, observei que os estudos que usam publicações impressas são prolíficos nos domínios da pesquisa educacional, especialmente no campo da história da educação, de modo que os pesquisadores as concebem como artefatos históricos que registram e retratam vínculos educacionais com as esferas social, econômica, política e cultural, uma vez que os periódicos, em geral, são documentos que podem traduzir com

[...] riqueza os debates, as decepções e as utopias que têm marcado o projeto educativo nos últimos dois séculos. Todos os Atores estão presentes nos jornais e nas revistas [...] As suas páginas revelam, quase sempre “a quente”, as questões essenciais que atravessaram o campo educativo numa determinada época [...] é através deste meio que emergem “vozes” que têm dificuldade em se fazerem ouvir noutros espaços...²

O potencial da imprensa noticiosa, literária, científica, religiosa etc; como fonte e objeto de análise é evidente. Compreender sua inserção histórica supõe entender como tais publicações se constituíram e como se estabeleceram na formação de grupos sociais, pois difundem ideários, concepções, valores, práticas, saberes, visões de mundo e de educação. Notamos que os estudos históricos cuja fonte e objeto são periódicos pedagógicos, os quais se tornaram frequentes, em especial no Brasil, após a década de 1980, constataram principalmente é que eles contribuíram e contribuem para estruturar, reproduzir, difundir e legitimar discursos educacionais e pedagógicos:

[...] desempenham um papel extraordinário na emergência e na institucionalização dos processos de consolidação social e intelectual e também na visibilidade, tanto universitária quanto pública e política, das redes de comunicação que, comumente, qualificam-se de “disciplinas”. As revistas especializadas correspondem a um campo delimitado do saber representando, em outros termos, os instrumentos de medida por excelência, com a ajuda dos quais os processos de comunicação disciplinar do respectivo campo se desenvolvem e têm continuidade.³

Para Magaldi, as investigações que se debruçam sobre periódicos educacionais mostraram ainda que, “[...] no caso da análise das revistas pedagógicas, a linguagem foi vista

² NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, D.; BASTOS, M. H. C. (Org.). *Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

³ SCHRIEWER, Jürgen. Études pluridisciplinaires et réflexions philosophico-herméneutiques: la structuration du discours pédagogique em France et en Allemagne. *Paedagogica Historica*, Supplementary Series, v. III, 1998 [Tradução livre de Ana Lúcia Cunha Fernandes] apud MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif. *Impressos e história da educação: usos e destinos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 16.

como um sistema que constrói tanto quanto reflete e que prescreve tanto quanto descreve, o que obriga a pensá-la como elemento constituinte da realidade social”⁴.

A incursão no universo da pesquisa histórico-educacional com base em publicações editoriais de conteúdo pedagógico tomadas como fonte e objeto bastou para nos fazer dar conta de que a *RBCE*, dada sua dimensão e projeção como publicação científica poderia ser uma fonte abundante para reconstituir aspectos da história da educação física no país. Para isso identificamos o seguinte problema: Quais as concepções de educação física propaladas nas páginas da *RBCE*? Como documento de faces ideológica, institucional, política, editorial e gráfica, abarcá-la num estudo só seria implausível, por isso propusemo-nos a investigá-la como espaço de estruturação, reprodução, difusão e legitimação de concepções de educação física. Mais especificamente, a investigação descrita aqui objetivou analisar, nas páginas da *RBCE*, entre 1979 e 1986, a materialidade da Revista, as concepções de educação física e o modo como foram apresentadas nesse periódico.

Para tanto, foi preciso entender o contexto de sua criação e as inter-relações aí estabelecidas para definir a política e a linha editorial que guiaram a construção da Revista e sua significação como veículo de divulgação de determinadas concepções de educação física. Tal entendimento se apoia numa leitura da materialidade editorial no que se refere ao discurso veiculado nos textos propriamente ditos, e ainda se estabelece pela compreensão dos aspectos gráficos, naquilo que tange à sua forma de apresentação e sua correlação com o contexto histórico-político brasileiro, coerente com a delimitação temporal operada na pesquisa. Metodologicamente esta investigação se pautou pela pesquisa bibliográfica de fundamentação teórica, bem como em uma leitura analítica dos textos, buscando interpretar as proposições da Revista em seu contexto de produção material.

Levar adiante tal proposta não teria sido possível sem uma leitura prévia de estudos afins, de maneira que tais estudos puderam facilitar a apreensão de possibilidades analíticas da Revista como documento histórico profícuo para uma interpretação. Foi assim que pudemos compreender questões importantes como as condições de produção e a circulação de publicações, bem como a força sutil e complexa do movimento histórico, que enredou a tematização da Revista. Afinal,

As questões que a imprensa pedagógica coloca estão bem no centro da problemática histórica, já que, para além de uma história das idéias um

⁴ MAGALDI; XAVIER, 7Letras, 2008, p. 22.

pouco abstrata, elas destacam a dialética do social e do mental, do individual e do coletivo, da permanência e da mudança.⁵

Com intuito de compreender o período recortado nesta pesquisa, identificamos que a produção científica na história da educação aponta o período do regime militar (1964 a 1985) no Brasil como momento de conflito entre população e governo, em razão dos ciclos de repressão e liberalização no jogo de forças entre o Estado e os setores oposicionistas da sociedade civil, bem como das contradições inerentes ao próprio bloco no poder, ou seja, dos conflitos entre as diversas facções militares e as classes dominantes⁶.

Na tentativa de minimizar as subversões, o governo militar passou a adotar “[...] mecanismos mais sutis de dominação, tendo em vista obter o consenso e a legitimidade de que necessitava para sobreviver”⁷. Assim, esclarece Veiga, nos anos iniciais do governo militar houve duas reformas educacionais que alteraram significativamente o ensino: a reforma universitária (lei 5.540/1968) e a segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação (lei 5.692/1971). Dados o recrudescimento da ditadura e o modelo econômico adotado, essas reformas “[...] representavam parte dos anseios de mudanças educacionais de setores representativos da sociedade, ao menos em termos da reestruturação do ensino, [mas] foram instituídas num contexto de autoritarismo, portanto de cerceamento das liberdades”⁸. As reformas se alinharam a acordos entre Brasil e Estados Unidos (EUA), ou seja, entre o Ministério da Educação e a United States Agency for International Development (USAID). Como um tipo de assessoria para as reformas, esse acordo previa assistência financeira e assessoria técnica a órgãos e instituições educacionais no país, em especial às universidades, como forma de apoiar o desenvolvimento de novas atividades acadêmicas e científicas.

Com a censura à imprensa e a expulsão de brasileiros descontentes com um regime cada vez mais opressivo, os problemas políticos foram subsumidos, pois a forte conotação política era abrandada pelo anúncio do governo de que as soluções provinham da gerência científica do país⁹, o que consubstanciava uma administração tecnoburocrática.

⁵ CASPARD, Pierre (Dir.). *La press d'éducation et d'enseignement*, XVIII siècle-1940. Repertoire analytique. Paris: CNRS-INRP, 1981–1991, 4v. [Tradução livre de Ana Lúcia Cunha Fernandes] apud FERNANDES, Ana Lúcia Cunha. O impresso e a circulação de saberes pedagógicos: apontamentos sobre a imprensa pedagógica na história da educação. In: MAGALDI; XAVIER, 2008, p. 18.

⁶ GERMANO, José Wellington. *Estado militar e educação no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994, 281 p.

⁷ GERMANO, 1994, p. 96.

⁸ VEIGA, Cynthia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007, p. 309.

⁹ GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação física progressista*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 30.

Para Saviani, “[...] o crescimento econômico acelerou-se, configurando o que foi chamado de milagre brasileiro”¹⁰. Os militares forjaram as palavras de ordem “Brasil Grande” e “Brasil Potência”, criando um clima de euforia favorecido pela conquista definitiva da taça Jules Rimet pela seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970, no México. Nesse ideário, era central a ideia de unidade nacional na noção de “Brasil Potência”. Essa política era necessária para eliminar as críticas internas e deixar transparecer um clima de prosperidade, desenvolvimento e calma, segundo Ghiraldelli¹¹. Assim, o Estado se empenhou política e socialmente para parcelar o trabalho pedagógico com a especialização de funções, isto é, com a introdução do tecnicismo no sistema de ensino via esquemas de planejamento previamente formulados aos quais deviam se ajustar as disciplinas e as práticas pedagógicas. Essa pedagogia tecnicista segundo Saviani buscou planejar a educação de modo a dotá-la de “[...] uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco sua eficiência. Para tanto, era mister operacionalizar os objetivos e, pelo menos em certos aspectos, mecanizar o processo”¹².

Segundo Albuquerque¹³, esse poder político e econômico produto e produtor histórico do modelo de sociedade capitalista teve efeito direto na constituição das concepções e dos saberes da formação profissional em educação física. Na relação de poder gerando saber e este passando a determinar novas relações de poder, criaram-se estruturas densas e rígidas, muito difíceis de ser modificadas. Ghiraldelli também salienta a influência desse processo na concepção da educação física, sobretudo em sua ação pró-competitividade caracterizada pela superação individual como valor fundamental e desejado para uma sociedade moderna, e na valorização do atleta-herói, “aquele que a despeito de todas as dificuldades chegou ao *podium*”¹⁴.

A educação física concebida dessa forma, se direcionou, prioritariamente, ao esporte de alto nível. Assim, desenvolveu-se o treinamento desportivo baseado nos avançados estudos da fisiologia do esforço e da biomecânica, capazes de melhorar a técnica desportiva¹⁵. Esse direcionamento competitivista da educação física foi incentivado pelo governo militar, pois reiterava a proposta de “Brasil Grande”, “[...] capaz de mostrar sua pujança através da

¹⁰ SAVIANI, 2007, p. 372.

¹¹ GHIRALDELLI, 2003.

¹² SAVIANI, 2007, p. 380.

¹³ ALBUQUERQUE, Luís Rogério. A concepção e os saberes da formação de professores em educação física no período pós-golpe militar de 1964. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., Curitiba, 2009. *Anais...* Curitiba: PUC-PR, 2009.

¹⁴ GHIRALDELLI, 2003, p. 20.

¹⁵ GHIRALDELLI, 2003.

conquista internacional”¹⁶. O governo acreditava que conquistas e méritos no esporte, como nos jogos olímpicos e nos campeonatos mundiais de futebol, eram uma boa forma de demonstrar o crescimento econômico do país e aplacar a insatisfação popular com o colapso da economia e a submissão ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

Todavia, ao endossar tal concepção de educação física, ele tinha outros interesses. Esse contexto deu ensejo a uma produção científica de tom tecnicista na área da educação física, sobrecarregada de temas ligados ao treinamento e às diversas variantes de questões relacionadas à medicina desportiva. Segundo Ghiraldelli, entre 1945 e 1964 “[...] as revistas brasileiras dedicadas à Educação Física não se cansam de publicar artigos mostrando a organização dos Desportos e da Educação Física nos países desenvolvidos. O modelo americano é o mais cativante no meio da intelectualidade universitária ligada às Escolas de Educação Física”¹⁷. À época da idealização e criação da *RBCE*, o general João Batista Figueiredo (1979–1985) presidia o Estado brasileiro; seu governo tentava neutralizar a chamada linha dura e dar continuidade à política instaurada pelo governo anterior, do presidente Ernesto Geisel (1974 a 1979).

Na gestão de Figueiredo, iniciou-se um processo de “abertura política”. Com isso, alguns empreendimentos foram realizados, a exemplo da anistia. Nesse momento, todas as pessoas que haviam sido punidas pela ditadura militar e com o exílio puderam voltar ao país. Além disso, nesse período, o país enfrentou uma crise, provocada pelo aprofundamento de problemas econômicos, como a elevação dos preços e das taxas de juros do mercado financeiro, a diminuição nos investimentos das empresas estatais e privadas. Essa situação levou várias camadas da sociedade a contestar o governo e a resistir à repressão do Estado, sobretudo por causa da falta de investimentos nos setores sociais¹⁸.

Ainda nesse momento político complexo, o regime militar começou a ser questionado por grupos oposicionistas, inclusive na área da educação, o que acarretou represálias físicas e ideológicas a intelectuais, cientistas, professores e estudantes universitários, tornando cada vez mais difícil a organização de discussões contrárias ao regime instaurado¹⁹. Mesmo assim, num movimento de contestação ao regime, surgiram entidades de cunho acadêmico-científico como a Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), em 1977, o Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), em 1978, e a Associação Nacional de

¹⁶ GHIRALDELLI, 2003, p. 31.

¹⁷ GHIRALDELLI, 2003, p.28.

¹⁸ GERMANO, 1994; SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo* (1964–1985). Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1994; FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: ed. USP, 2008. 657 p.

¹⁹ GERMANO, 1994.

Educação (ANDE), em 1979. A primeira se manifestava publicamente em reuniões anuais; as demais, com suas revistas *Educação e Sociedade* e *Revista da ANDE*, respectivamente²⁰. Essas entidades questionavam a política educacional do regime autoritário instalado no Brasil, veiculavam a produção intelectual, viabilizando canais de difusão de saberes e cooperando para o debate político no campo da educação.

Esse período do regime militar, de mazelas da política econômica, afetou substancialmente a política educacional. Como não era prioridade de investimentos do governo, a educação passou pela estagnação do ciclo produtivo, pela privatização do ensino nos três níveis (fundamental, médio e superior) e ampliação do conflito entre trabalhadores e governo, provocado pelo achatamento dos salários. Como os ganhos não acompanhavam as taxas inflacionárias, o professor e a escola pública eram desqualificados igualmente; além disso, a população se desinteressava pela educação escolar, distanciando-se dela²¹.

Devemos ressaltar que nem sempre as mudanças na literatura sobre educação física correspondem a mudanças reais na prática. Sabe-se que muitos assuntos e temas publicados nos periódicos voltados para a educação em geral e para a educação física em particular advêm da prática dos profissionais; mas, tomando como referencial as análises de Saviani, é preciso ver a pós-graduação como espaço importante para incrementar a produção científica e, no caso da educação, constituir uma tendência intelectual crítica que, embora não predominante, gerou estudos consistentes que embasam formulações críticas e a denúncia sistemática da pedagogia dominante, alimentando um movimento de contra-ideologia²², assim como na educação física. Com efeito, segundo Saviani, na década de 1980 se buscou superar os limites de uma crítica marcada pelo caráter reprodutivista. Logo, a situação educacional configurada pelas reformas instituídas no período de ditadura se tornou alvo da crítica de educadores que se organizaram, de forma crescente, em associações de natureza diversa, a partir de meados da década de 1970 e com mais intensidade na década seguinte²³.

Não é implausível supor que a redemocratização da política no país, marcante a partir de 1986, tenha sido uma das possíveis respostas à crítica de que fala Saviani e à dos educadores, por intermédio de associações e sindicatos, por exemplo. O ano de 1986 foi o ápice de algo muito esperado pelos brasileiros. Em 1985, a sociedade civil fez uma campanha vigorosa em prol do restabelecimento da democracia no país, pois os cidadãos

²⁰ SAVIANI, Dermeval. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

²¹ MACIEL, David. *A argamassa da ordem: da ditadura militar à nova república (1974–1985)*. São Paulo: Xamã, 2004.

²² SAVIANI *et al.*, 2004, p. 44.

²³ SAVIANI *et al.*, 2004, p. 49.

almejavam a liberdade de expressão, já cansados de não serem ouvidos em suas exigências de melhorias sociais, políticas, econômicas e culturais. As críticas contra o modelo reprodutivista se inserem na reação mais ampla contra as condições sociais e econômicas e o desrespeito aos direitos civis e à cidadania no país. Segundo Silva, a democracia passa nesse momento a ser entendida pelos diversos grupos sociais como algo que vai além da participação do indivíduo na vida pública, no exercício da cidadania, com direitos e obrigações políticas de cada indivíduo. A cidadania seria “[...] o produto de uma relação entre os indivíduos e o Estado; uma relação de poder composta de pressões e contrapressões, produzindo imagens simbólicas dinâmicas de auto-reconhecimento dos grupos sociais e dos seus projetos”²⁴.

No âmbito educacional, ocorreram mudanças nos discursos e nos referenciais da área da educação física. Esse processo de redemocratização facilitou a circulação de ideias e o questionamento acadêmico e pedagógico do sistema sociopolítico²⁵. A busca pela reflexão sobre a relação entre a educação física e a sociedade foi uma tentativa de justificar sua necessidade social e seu papel nas transformações da sociedade, na promoção de ideias, no estímulo ao pensamento crítico, no desenvolvimento da criatividade e da introspecção e na tomada de consciência²⁶.

É nesse contexto histórico o qual abrange o último governo do regime militar e o início da redemocratização que a *RBCE* foi fundada e se consolidou. E é esse o contexto que abarca o recorte temporal desta pesquisa (1979 a 1986), cujo intuito é analisar historicamente os textos e as ilustrações publicados em 20 números da Revista a fim de reconhecer as concepções de educação física e seus vínculos com o contexto histórico e educacional brasileiro.

Noutros termos, buscamos apontar, nesse periódico, relações entre condições de produção material, circulação, conteúdo de textos, dimensão gráfica e o contexto histórico nesses anos (1979 a 1986). Essa delimitação temporal se justifica pelas mudanças na política editorial da Revista e alguns indícios de que a trajetória histórico-política do país poderia ter provocado algumas implicações na educação física e na Revista bem como na dimensão gráfica e no conteúdo dos textos.

²⁴ SILVA, Francisco Carlos T. Brasil, em direção ao século XXI. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990, p. 390.

²⁵ BETTI, Mauro. *A educação física na escola brasileira de 1º e 2º graus no período 1930–1986: uma abordagem sociológica*. 218 f. Dissertação – (Mestrado em Educação Física) — Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade de São Paulo, São Paulo.

²⁶ BETTI, 1988.

Esta dissertação foi estruturada em três capítulos, buscando atender aos objetivos estabelecidos. O primeiro trata da importância da imprensa como veículo de informações intelectuais, culturais, sociais e de sua relevância como fonte e como objeto nos estudos históricos voltados para publicações de caráter educativo, como formadores de concepções, noções, ideias, enfim, como difusores de ideologias políticas, valores e práticas sociais no domínio educacional. Essas questões se desdobram na apresentação de pesquisas de mestrado e de doutorado sobre revistas pedagógicas sobre educação física no Brasil, as quais oferecem subsídios e abrem possibilidades analíticas à nossa leitura e análise da *RBCE*, pois tomaram tais publicações como objeto e fonte de estudo. Assim, esses trabalhos permitem entender mudanças e oscilações nos periódicos e na própria área de educação física ao longo de sua história. Nossa leitura se destinou a compreender parte das condições materiais e editoriais de produção dos periódicos analisados, as características dos assuntos publicados, as informações pedagógicas, as reflexões sobre o campo acadêmico, a história e a estruturação da educação física que cada periódico tentou transmitir em diferentes períodos históricos.

O segundo capítulo faz um exame de nosso objeto de investigação. Abordamos aspectos da produção da Revista, circunstâncias de sua criação, elementos da composição do corpo editorial, a construção da representatividade e significação atribuídas ao periódico em sua dimensão editorial, a escolha e a distribuição do conteúdo na dimensão gráfica, assim como a apresentação visual e detalhes de sua circulação. Dessa maneira, buscamos identificar a estruturação e veiculação do teor científico na materialidade da *RBCE*, no intuito de estabelecer sua caracterização geral.

O terceiro capítulo apresenta uma leitura analítica dos elementos textuais veiculados pela *RBCE*, buscando delinear e identificar concepções de educação física em suas páginas. Por meio dessa leitura visamos a entender a importância do conteúdo dos textos e o contexto anunciado, pois acreditamos que conteúdo e contexto são elementos que se inter-relacionam. Também foi relevante compreender a Revista como espaço para o qual confluem disputas e jogos de interesses próprios de processos que se traduzem em produção discursiva²⁷. Essa leitura nos permitiu compreender o que era, então, proposto à educação física com base na direção das pesquisas apresentadas no periódico e a sua relevância, como veiculador, regulador e modelador de estudos, tendo em vista um público discente e docente em um processo formativo acadêmico.

²⁷ MAGALDI, 2008.

Nas considerações finais, assinalamos a importância da *RBCE* como fonte e objeto de pesquisa na propagação de concepções de educação física e o contexto histórico no percurso de sua política editorial. Finalmente, sinalizamos algumas possibilidades de desdobramentos da pesquisa para futuras investigações.

Capítulo 1

PERIÓDICOS NA HISTORIOGRAFIA EDUCACIONAL: USOS E PERTINÊNCIAS

[...] o conhecimento não é fruto da atividade isolada do ser humano, ao contrário, tem um caráter coletivo, mesmo quando formulado ou difundido por um único homem. O homem vive em sociedade e é a partir desta vida que as idéias são criadas. A transmissão oralmente ou por escrito permite acumular conhecimentos.

(Savioli)

Depois que o alemão Johan Gutenberg²⁸ inventou a imprensa, na década de 40 do século XV, a produção mecânica de textos através da impressão em larga escala ampliou ainda mais a presença da palavra escrita na dinâmica social, veiculando a produção intelectual e cultural. Um exemplo claro dessa proeminência do texto escrito é a presença da imprensa no cotidiano e na pesquisa acadêmica. Vista como veículo e registro material da cultura, nas últimas décadas ela se projetou consideravelmente na pesquisa histórica como objeto de estudo e como fonte.

A princípio, na tentativa de construir um entendimento e uma interpretação do passado, os historiadores recorreram a jornais e revistas jornalísticas. Isso porque esses lhes oferecem tanto a possibilidade de acompanhar o percurso de dado fenômeno social — porque reúnem informações múltiplas sobre vários momentos e acontecimentos de cada época

²⁸ A impressão com tipos surgiu na China e na Coreia, no século XII. Mas foi na Alemanha do século XV, precisamente na cidade de Mainz, que o ourives Johan Gutenberg revolucionou a reprodução de textos com a impressão tipográfica com tinta sobre papel; ele inventou os tipos móveis ou cambiáveis: blocos de metal fundido, cada um apresentando em uma de suas faces a gravura em relevo das letras e demais caracteres do alfabeto latino. Esses tipos eram ordenados de modo a compor o texto numa prensa adaptada daquela usada para fazer vinho. Antes dessa invenção, os livros eram escritos ou copiados a mão por escribas, em geral monges, num processo lento e trabalhoso. Cf. ROMANO, Frank J. Printing [Imprensa]. In: STERLING, Christopher H. (Ed.). *Encyclopedia of journalism*. Thousand Oaks: Sage, 2009.

organizadas cronologicamente — quanto olhares diversos que lhes permitem compor um retrato de um tempo²⁹. No dizer de Carvalho e Inácio Filho,

[...] a conjugação da informação jornalística com a metodologia histórica tem se mostrado produtiva para ambas as áreas. Tanto a imprensa ganhou na forma de tratar suas informações e no enriquecimento de sua própria história, como a história propriamente dita encontrou um novo manancial de dados, a partir do qual pode ampliar seu ângulo de visão e promover interpretações mais abrangentes, que consigam reproduzir, de forma mais eficiente, a dinâmica social.³⁰

Tradicionais em países europeus como Portugal, França e Bélgica, os trabalhos que têm a imprensa escrita como fonte e objeto de estudo começaram no Brasil na década de 1970. Na história da educação, tais estudos têm se desenvolvido e se tornado importantes, pois tomam a imprensa como objeto de estudo e contribuem metodologicamente para apontar formas de compreender a educação com base no uso de outras fontes de informação³¹. Talvez a imprensa escrita seja hoje um dos meios mais relevantes para entender o que dificulta a articulação entre teoria e prática no campo da educação, porque

[...] o senso comum que perpassa as páginas dos jornais e das revistas ilustra uma das qualidades principais de um discurso educativo que se constrói a partir dos diversos atores em presença (professores, alunos, pais, associações, instituições, etc.).³²

Ora, jornais e revistas são projetos coletivos³³ que reúnem pessoas em torno de ideias, crenças e valores a serem difundidos pela palavra escrita mediante discursos diversos vazados em linguagens distintas — verbal, visual, gráfica etc. — para agradar a leitores diferentes. Seguindo essa vertente documental na história da educação, as revistas periódicas (ou periódicos)³⁴ consolidam outra vertente da palavra impressa útil à pesquisa histórica em educação.

²⁹ SCHELBAUER, A. R. Entre anúncios e artigos: registros do método de ensino intuitivo do jornal *A Província de São Paulo* (1875–1889). In: SCHELBAUER, Analete R.; ARAÚJO, José Carlos S. (Org.). *História da educação pela imprensa*. Campinas/Uberlândia: Alínea/ EDUFU, 2007.

³⁰ CARVALHO, Carlos H.; INÁCIO FILHO, Geraldo. Debates educacionais na imprensa: republicanos e católicos no Triângulo Mineiro – MG (1892–1931). In: SCHELBAUER; ARAÚJO, 2007.

³¹ CARVALHO; INÁCIO FILHO, 2007, p. 53.

³² NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena C. (Org.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

³³ DE LUCA, Tânia Regina. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: ed. UNESP, 1999.

³⁴ Segundo Wald, o periódico é o primeiro gênero editorial original nascido da invenção de Gutenberg, sendo sua característica principal a publicação espaçada por determinado tempo e seu conteúdo a reunião não linear de textos de autoria distinta cuja unidade reside na linha editorial do periódico ou em dado tópico a ser abordado em uma edição. Consolidou-se como veículo para movimentos políticos e culturais importantes como a Revolução Francesa e meio preferido para a divulgação de descobertas científicas. Embora enfrentem hoje o aumento nos

Também chamados de imprensa pedagógica ou educacional³⁵, os periódicos veiculam, em seu conteúdo, inovações pedagógicas, abordagens metodológicas, reflexões teóricas, análises de políticas educacionais — modos de organização e funcionamento do campo educacional. Eis por que constituem um arsenal de investigação que permite aprofundar questões educacionais, sobretudo as relativas à organização dos profissionais da educação, à prática docente, a métodos e técnicas usadas nas escolas, bem como a nuances dos estudos realizados nessa área. Mais que isso, permitem ir além da interpretação das leis, da crítica ou defesa de políticas governamentais e da presença ou omissão do Estado para construir uma compreensão da realidade educacional³⁶.

Neste capítulo, enfocamos esse material de conteúdo pedagógico apresentando um *corpus* de estudos historiográficos sobre revistas voltadas para a área de educação física. No âmbito acadêmico, as revistas de conteúdo pedagógico se caracterizam como veículo de informação e formação que registram a pluralidade do campo educacional. Como instância que apreende os modos de funcionamento da educação, fazem circular informações diversas sobre organização dos sistemas de ensino, debates e polêmicas que incidem diretamente nos saberes escolares e nos grupos inseridos nesse âmbito; assim como sobre práticas pedagógicas constituintes dos currículos. Recorrer a esse tipo de publicação se explica porque é uma das “[...] melhores ilustrações de extraordinária diversidade que atravessa o campo educativo”³⁷. Seus conteúdos são úteis à história da

custos de produção, a competição com outros meios de comunicação e as mudanças de hábitos do público, os periódicos se reinventaram no âmbito da divulgação científica; prova disso é o sem número de revistas acadêmicas circulando. WALD, James. Periodicals and periodicity [Periódicos e periodicidade]. In: ELIOT, Simon; ROSE, Jonathan (Ed.). *A companion to the history of book* [Manual de história do livro]. Oxford: Blackwell, 2007. [Tradução livre]

³⁵ Por uma questão de melhor precisão conceitual, referimo-nos a essas publicações ao longo do texto como revista e/ou periódico de conteúdo pedagógico, educacional. Embora o termo imprensa pedagógica seja corrente na pesquisa acadêmica, parece-nos um tanto impreciso conceitualmente, sobretudo caso se considere o campo semântico mais corrente da palavra imprensa: jornalismo (escrito e falado), notícia, fatos do cotidiano, efemeridade, objetividade, imparcialidade; texto eminentemente informativo, acrítico (quem faz a crítica é o leitor, com base na descrição objetiva do fato), mensagem codificada segundo certas regras (título, subtítulo e intertítulo, lide — parágrafo inicial cuja leitura, em tese, basta para saber do que se trata o texto, pois contém os atributos essenciais do fato —, ausência de adjetivação e termos abstratos, dentre outros traços). O termo imprensa pedagógica iguala certas características que são distintivas. Cremos que esse rótulo se aplique mais a revistas como *Escola Pública*, *Educação*, *Nova Escola* e *Revista do Professor* ou a cadernos que noticiam fatos da educação em diários como *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Os textos dos periódicos — parece-nos — não relatam o efêmero, o cotidiano, a informação factual pura — não noticiam; nem seguem todas as técnicas de codificação textual do jornal ou da revista jornalística, isto é, parte do que se chama imprensa hoje.

³⁶ CARVALHO, 2007.

³⁷ NÓVOA, 1997, p. 13.

educação, das mudanças dos saberes pedagógicos e do movimento que emana de esforços e lutas na área da educação.

Alguns pesquisadores³⁸ sistematizaram informações concernentes a revistas de conteúdo pedagógico. Em tais sistematizações as revistas são tidas como um *corpus* documental vasto porque testemunharam tanto o surgimento de métodos e concepções pedagógicas de dada época quanto a ideologia moral, política e social de grupos profissionais³⁹ do campo educativo. Ao mesmo tempo, constituem um veículo de informação importante do campo educacional porque divulgam assuntos e conteúdos referentes ao seu campo de abrangência⁴⁰. De modo que a riqueza de seu conteúdo mostra que nelas se encontram informações úteis para apreender a multiplicidade do campo educacional⁴¹.

Graças à dinâmica e diversidade dos periódicos de conteúdo pedagógico, ao analisá-los o pesquisador pode tomá-los como fontes documentais ou objeto de investigação. Noutras palavras,

[...] se pode afirmar a dupla alternativa que as revistas de ensino oferecem aos estudos histórico-educacionais ao serem tomadas simultaneamente como fontes ou núcleos informativos para a compreensão de discursos, relações e práticas que as ultrapassam e as modelam ou ao serem investigadas, de um ponto de vista mais interno, se assim se pode dizer,

³⁸ Destacam-se estes estudos: BICCAS, Maurilane de Souza. *O impresso como estratégia de formação: Revista de Ensino de Minas Gerais* (1925–1940). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008. 216 p.; MONARCHA, Carlos (Org.). *Levantamentos das revistas: Revista da Sociedade de Educação* (1923–1924); *Educação* (1927–1930); *Escola Nova* (1930–1931); *Educação* (1931–1932); *Revista de Educação* (1933–1935); *Revista de Educação* (1935–1937); e *Revista de Educação* (1938–1943). 2003. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003; FRADE, Isabel Cristina A. S. *Imprensa pedagógica: um estudo de três revistas mineiras destinadas a professores*. 2000. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000; CATANI, Denice Barbara. *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo — 1902–1919*. 1989. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890–1922)*. 1997. Tese (Doutorado em História Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997; BASTOS, M. H. C. A imprensa periódica educacional. In: CATANI, D.; BASTOS, M. H. C. (Org.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A escola nova e o impresso: um estudo sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). *Modos de ler, formas de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1997; CASPARD, Pierre; CASPARD, Penélope. Imprensa pedagógica e formação contínua dos professores primários (1815–1939). In: CATANI; BASTOS, 1997; NÓVOA, 1997; BORGES, Vera Lúcia Abrão. *A ideologia do caráter nacional da educação em Minas: Revista de Ensino (1925–1929)*. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993; CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *A imprensa periódica como objeto de instrumento de trabalho: catálogo da hemeroteca Júlio de Mesquita do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. 1975. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

³⁹ CATANI, Denice Bárbara. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. *Educação e Filosofia*, Uberlândia: ed. UFU, v. 10, n. 20, 1996.

⁴⁰ CATANI, 1996.

⁴¹ NÓVOA, 1997.

quando então configuram-se aos analistas como objetos que explicitam em si modalidades de funcionamento do campo educacional.⁴²

Frade analisou essas formas de investigação e constatou que, na área da educação, a maior parte das pesquisas centra-se em revistas oficiais de associações, órgãos governamentais e grupos de pesquisa e que a tendência mais acentuada é tomá-las como fontes para compreender o campo educacional. A investigação de Biccás⁴³ tomou a *Revista do Ensino* como fonte e objeto de estudo do ponto de vista de sua produção e distribuição como produto de certas estratégias pedagógicas e editoriais. Nesse recorte, apontou possibilidades de pesquisa historiográfica, tais como

[...] história das edições; história das políticas educacionais, concretizadas em prescrições legais e regulamentares que estabelecem padrões e procedimentos para a sua produção, distribuição e uso; história da escola, entendida como instituição que é produto histórico da intersecção da pluralidade de dispositivos de normatização e de práticas de apropriação; história dos saberes pedagógicos que, veiculados pelo impresso, normatizam as práticas escolares, constituindo objetos de intervenção; história cultural dos usos sociais e saberes escolarizados como currículo e disciplina escolar.⁴⁴

Para a autora, tomar esses periódicos como tema constitui um desafio enorme, qual seja, trabalhar em várias fronteiras, a exemplo da educação, da linguagem e dos estudos sobre a leitura, “[...] em seus aspectos históricos e sociológicos”⁴⁵. Ainda segundo ela, tais estudos consideram formas variadas de ver uma mesma questão na tentativa de compreender vários sentidos em que revistas de conteúdo pedagógico foram empregadas.

A análise de trabalhos sobre esse tipo de publicação fica cada vez mais relevante porque evidencia a diversidade de seus elementos constituintes, apresenta caracterizações importantes e dissemina acontecimentos do cenário educacional, abrindo um caminho significativo aos pesquisadores. Esta pesquisa segue esse caminho, procurando conhecer a produção editorial na área da educação física que busca assegurar níveis de regulação científica e, ao mesmo tempo, saber como essa produção constitui canais capazes de atualizar e reforçar os sistemas de conhecimento, valores e representações que orientam os princípios editoriais da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)*, objeto desta investigação.

⁴² CATANI; BASTOS, 1997, p. 187.

⁴³ BICCAS, 2008.

⁴⁴ BICCAS, 2008, p. 27.

⁴⁵ BICCAS, 2008, p. 27.

1.1 Revistas da área de educação física como fonte e objeto de estudos

Nos estudos no campo da educação física, surgiram produções científicas importantes em que revistas de conteúdo pedagógico do país são tomadas tanto como fonte, como também na perspectiva de objeto de estudo. Essa produção ajuda a entender a projeção da educação física como campo social, profissional e acadêmico em vários períodos históricos. Com base nas buscas que fizemos, o uso de periódicos de conteúdo educacional como fonte e objeto de estudo na pesquisa acadêmica começou em 1999, com a tese de doutoramento de Silvana Vilodre Goellner⁴⁶, em que ela analisa a revista *Educação Physica*, que circulou no Brasil e em Portugal. Esse periódico foi estudado ainda por Omar Schneider⁴⁷, em 2003. Outros três trabalhos se referem à *Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (RBEFD)*: a tese de doutorado de Marcus Aurélio Taborda de Oliveira⁴⁸ e as dissertações de mestrado de Sérgio Teixeira⁴⁹ e Washington Luiz de Carvalho⁵⁰, em que este periódico foi tomado como objeto de estudo e fonte.

A seguir, abordamos cada uma dessas pesquisas a fim de mapear o uso de revistas de conteúdo pedagógico na produção científica da área da educação física, caracterizar parcialmente esse campo de investigação e analisar o aporte historiográfico em busca de subsídios para compreender essa área de pesquisa. cremos que isso seja útil para o nosso propósito de analisar as concepções de educação física presentes na *RBCE* de 1979 a 1986, pois, ao demarcar esse tipo de estudo no campo da educação física, serve-nos como um patamar de reflexão.

Goellner, em sua tese de doutorado, intitulada *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Physica*, publicada em 1999, discorre sobre imagens coletivas e individuais da mulher apresentadas na revista *Educação Physica*, primeiro periódico do Brasil

⁴⁶ GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Physica*. 1999. 187f. Tese (Doutorado em Educação) — Instituto de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

⁴⁷ SCHNEIDER, Omar. *A revista de Educação Physica (1932–1945): estratégias editoriais e prescrições educacionais*. 2003. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

⁴⁸ OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. *A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência*. 2001. 399 f. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

⁴⁹ TEIXEIRA, Sérgio. *O lazer e a recreação na Revista Brasileira de Educação Física e Desportos como dispositivos educacionais (1968–1984)*. 2008. 251 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

⁵⁰ CARVALHO, Washington Luiz de. *O corpo administrado: biopolítica e disciplinarização na Revista Brasileira de Educação Física (1972–1980)*. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

especializado nessa área. Segundo a autora, na década de 1930 o Estado começou a se empenhar em ações no campo das práticas corporais e esportivas, recorrendo à educação física e ao esporte para intervir na preparação e educação dos cidadãos, a fim de que enfrentassem os desafios da sociedade moderna. Ela informa que a revista foi criada na cidade do Rio de Janeiro, por um grupo de professores civis de Educação Física liderados por Oswaldo Rezende e Paulo Lotufo; seu financiamento e sua publicação couberam à editora Cia. do Brasil. Ela esclarece ainda que o periódico foi apoiado por pessoas importantes da área à época, a exemplo de Américo Netto, professor da Escola de Educação do Governo do Estado de São Paulo; Henry Sims, diretor da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro; Fred Brow, técnico da Confederação Brasileira de Desportos; Georges Summer, membro da Associação Cristã de Moços da América do Sul; e o escritor Coelho Neto.

Para garantir a regularidade, a continuidade e o perfil científico da revista, os primeiros textos publicados na *Educação Physica* eram traduções de fragmentos de livros, de textos originais enviados pelos próprios autores e de artigos publicados em periódicos internacionais, escolhidos pelos seus editores. Dentre textos de orientações político-ideológicas distintas, Goellner identificou autores de nacionalidade alemã, argentina, chilena, espanhola, estadunidense, francesa, italiana, japonesa, norueguesa, polonesa, portuguesa, russa, sueca, uruguaia e outras. Com a regularidade, aos poucos a revista se tornou fonte de consulta para profissionais da educação física e leigos interessados nessa área e em esportes. A partir de 1937, ela ganhou “[...] maior sistematicidade, circulação, produção e divulgação de conhecimentos técnicos, científicos, pedagógicos, estéticos e ideológicos”⁵¹. Embora a orientação política de então fosse a do Estado Novo, Goellner afirma que a revista não seguia essa orientação ou a de sistemas políticos afins ao abordar, com recorrência, a importância de práticas corporais e esportivas para a formação física e moral da juventude, regeneração da raça, cuidado com a beleza e com a saúde; essa recorrência era característica do movimento mundial de entendimento da educação física.

Ainda segundo Goellner, o periódico não abordava especificamente a educação física feminina, mas seu discurso verbal e gráfico reproduzia e recriava imagens distintas do corpo da mulher: estático e em movimento, real e idealizado, entre outras formas. Em 1939, os editores criaram uma seção específica para as mulheres, em que o corpo feminino aparecia em fotografias e desenhos, em momentos de prática de exercícios físicos como, por exemplo, salto do trampolim da piscina e mergulhos ou exercícios ginásticos. Segundo afirma a autora,

⁵¹ GOELLNER, 1999, p. 5.

essa publicação mostrava a finalidade da prática de atividades físicas como sendo o embelezamento e convocava a leitora para modelar seu corpo. Contudo, ainda no dizer de Goellner, a revista *Educação Physica* não se preocupava em apresentar a pluralidade e diversidade dos corpos femininos, pois tomava como referência a mulher adulta, jovem, branca, heterossexual e de classe média. Criado e recriado em suas páginas, esse estereótipo situava as mulheres parcialmente responsáveis pela construção de um estado satisfatório de saúde e vigor físico que, as afirmava nos espaços urbanos então apropriados a atividades físicas.

Presente nas várias páginas do periódico, onde marcava um modelo estético da figura feminina e era incorporado cada vez mais como objetivo e incentivo à prática de atividade física entre homens e mulheres (a estas cabia a responsabilidade de cuidar da aparência física e do movimento de seu corpo), o discurso visual e verbal da beleza feminina e da prática de atividades esteve presente, também, nas capas da revista *Educação Physica*. Como informa Goellner, elas exibiam reproduções de estátuas gregas e numerosas imagens enaltecedoras da perfeição corporal dos gregos. Nessa representação, a beleza clássica modelava o ser e o estar no mundo, com valores e normas éticas, políticas e ideológicas.

Na década de 1940, espelhada nos ícones de beleza produzidos em estúdios cinematográficos americanos, a revista criou imagens da exterioridade do corpo feminino e veiculou uma representação conceitual de beleza segundo padrões estéticos clássicos e modernos. Esse perfil incentivou a mulher, a “[...] exercer a atração e o fascínio do sexo oposto”⁵². Essa prescrição de uma forma específica do corpo feminino feita pelo periódico situou a mulher na condição de ser desejada e se fazer desejada. Por consequência, esse modelo de beleza feminina funcionava como critério de seleção entre as mulheres, por exemplo, para o casamento.

Se a mulher tinha grande presença no discurso do periódico, sua presença autoral era menor. Segundo Goellner, poucos textos sobre embelezamento feminino eram escritos por mulheres — os que o eram reforçavam modelos já destacados. Noutras palavras, fossem incorporadas pelas mulheres ou não, essas representações de beleza veiculadas na revista advinham “[...] de um olhar e de um discurso masculino, não porque desenhadas e faladas por homens, mas porque interiorizadas por um inconsciente que fantasia a diferença para torná-la suportável”⁵³.

No dizer de Goellner, essa preocupação com o comportamento da mulher (sua forma de se expressar e movimentar) inquietava o Estado, e tal inquietação ecoava na revista *Educação*

⁵² GOELLNER, 1999, p. 49.

⁵³ GOELLNER, 1999, p. 60.

Physica, pois esta sempre incorporava e registrava o discurso oficial do governo em suas páginas. Por exemplo, em 13 anos de circulação, seu conteúdo exaltou a maternidade como missão da mulher, então responsável por gerar e criar filhos fortes e saudáveis, preparados para ter um futuro promissor num país que se modernizava a cada ano. A concepção veiculada na revista fortalecia a imagem da mulher como “mulher-mãe” numa dimensão política, a “mãe cívica”, e mostrava a maternidade como destino de toda mulher. O cuidado corporal e os exercícios físicos visavam a resultados positivos na função orgânica, em particular na reprodução.

Essa padronização de condutas e comportamentos mostrava o caminho que todas as mulheres deveriam seguir, pois a ela se associava a representação de feminilidade, mulher adulta, responsável pelos filhos e pelo lar. Além disso, o incentivo expresso pela revista para que a mulher praticasse exercícios físicos em espaços públicos — embora após o casamento e a maternidade ela tivesse de se resignar ao seu lar, ao qual a mulher-mãe deveria se limitar seja para fazer tarefas diárias ou ginástica — coadunava-se com o estímulo à prática de atividades recreativas e físicas voltadas à educação higienista, isto é, com mudança de hábitos e novos modelos de relações afetivas, em parques na década de 1930 — a exemplo do “Curso de mãezinhas”, que visava a preparar as meninas para ser mães a fim de orientar o comportamento dos indivíduos em todas as circunstâncias da vida privada e social⁵⁴.

Goellner se refere, também, à noção de casamento veiculada pela revista *Educação Physica*, que o apresentava como acontecimento natural e que, se preservado, garantiria a higiene social e ordem pública, com a contribuição primordial da mulher. Muitos textos expressavam o que as mulheres deveriam fazer para manter o casamento e a felicidade com seus esposos, estabelecendo os dualismos masculinidade–paternidade e feminilidade–maternidade como padrões reguladores para integrar a família brasileira à ordem urbana. Outros textos associavam a prática de atividades físicas para homens e mulheres com noções de procriação, medidas profiláticas para evitar doenças físicas, esterilização daqueles considerados “anormais” (pessoas com deficiência física e mental), supostamente importantes para que pudessem nascer filhos fortes e saudáveis, capazes de defender a pátria. Essas ideias, segundo Goellner, seguiam concepções nazi-fascistas de fortalecimento do corpo e da raça (ariana) e de refinamento racial, patente na educação física da Alemanha nacional-socialista.

Ainda no dizer de Goellner, a revista *Educação Physica* apontou características essenciais à feminilidade, que incluíam beleza, saúde, harmonia nos movimentos, leveza, vigor físico, energia e delicadeza. Segundo essa autora, os textos e as imagens veiculados pelo

⁵⁴ GOELLNER, 1999, p. 69.

periódico representavam formas diversas de intervenção estética e política no corpo feminino na tentativa de corrigir e controlar desvios de conduta e de movimento. Descritas e desenhadas, tais imagens se enquadravam em padrões considerados próprios do gênero feminino; criados e cultivados para alcançar os objetivos determinados pela sociedade, que culturalmente convencionou a agregação e estabilização da vida social da mulher.

Em suma, o estudo de Goellner mostra que, ao longo de sua trajetória de publicação, entre 1932 e 1945, a revista *Educação Physica* estereotipou a mulher, ao lhe sugerir um modelo de saúde e vigor físico, veicular uma representação de beleza ditada por estátuas gregas e atrizes de filmes dos Estados Unidos e definir, como papel dela na sociedade do Estado Novo, manter o corpo saudável e higiênico, comportar-se com refinamento, controlar seus movimentos e sua expressão, praticar atividades físicas para ter resultados positivos na função orgânico-reprodutiva, preservar a feminilidade e, sobretudo, ter responsabilidade pelos seus filhos, pelo esposo e pela sua casa.

A dissertação de mestrado de Omar Schneider, denominada *A revista de Educação Physica (1932–1945): estratégias editoriais e prescrições educacionais*, também se refere à revista *Educação Physica*. Em sua investigação, Schneider aborda a revista do ponto de vista de sua materialidade, sua orientação editorial, seus objetivos e das representações que os editores construíram relativamente à revista, a si mesmos e aos leitores. Os passos metodológicos desse pesquisador seguem a metodologia da história cultural e as proposições da arqueologia dos objetos, em que são interrogados pela sua materialidade. Além disso, ele criou um banco de dados para caracterizar a materialidade da revista como bem cultural que contém marcas de sua produção e de seus usos; com esse banco, ele pôde armazenar informações sobre autores, títulos dos textos, conteúdo publicado e traços materiais da revista.

Schneider informa, assim como Goellner, que o nome inicial da revista, de 1932, *Educação Physica: Revista Técnica de Esportes e Atletismo*, mudou em 1937 para *Educação Physica: Revista Técnica de Esporte e Saúde*. Por força da reforma ortográfica da língua portuguesa de 1937, o nome passou a ser grafado, em 1939, como *Educação Física: Revista de Esportes e Saúde*, vigente até sua última edição, em 1945. Esses dois pesquisadores utilizaram a grafia *Revista Educação Physica* em seus estudos.

No dizer de Schneider, os editores lançaram a revista para ajudar a desenvolver os esportes no Brasil, mas com refinamento técnico e educacional. Noutras palavras, a criação da revista seria

[...] uma força nova nos domínios da educação *physica* [e esperava] reunir todos os elementos mais representativos e de maior autoridade e competência, no justo desejo de tornar um bloco único e indissolúvel todas

as pequenas e grandes *parcelas* [sic] de verdadeiros valores que se acham esparsas.⁵⁵

Como esclarece Schneider, a revista afirmou seus princípios e os seguiu enquanto circulou. Aí se incluíam: difundir parâmetros científicos que embasavam a educação física, estimular o esporte como aperfeiçoamento da raça, incentivar a formação de técnicos especialistas, divulgar os fins morais e sociais das atividades físicas, coadunando-se com o governo e com instituições particulares na execução de programas, e promover a união entre os indivíduos e as entidades que propugnavam o progresso da educação física⁵⁶.

Informa que, em 88 números, foram publicados 3.768 artigos — 1.566 assinados por 805 autores (média de dois por autor). Em 13 anos de existência, a revista *Educação Physica* conseguiu publicar 12 edições anuais (entre 1938 e 1941, a média foi de um número mensal). Em sua opinião, a regularidade mensal e a consistência anual resultaram do aumento no número de assinantes a partir de 1937, graças à mudança no nome, a inclusão da palavra saúde e a retirada de *technico*, em 1938, teriam suscitado um interesse maior da comunidade leitora. Para Goellner, porém, o número de edições da revista aumentou porque o Estado Novo estimulou a divulgação, via periódicos, de conhecimentos técnicos, científicos, pedagógicos e ideológicos, assim como da educação física e do esporte como elementos de engrandecimento e fortalecimento do que era então tido como pátria.

Em sua análise editorial da revista *Educação Physica*, Schneider destaca que seu conteúdo se guiou fundamentalmente por assuntos centrais: acampamento, alimentação, bibliografia, esporte, filosofia, fisiologia, fundamentos pedagógicos, literatura, saúde, treinamento e turismo. Embora esporte e saúde tenham sido os mais recorrentes, juventude foi outro tema relevante, para os editores. Segundo o autor, a revista se preocupou com a melhoria e o aperfeiçoamento da juventude brasileira; muitos de seus textos tratavam desse assunto. Contudo, a organização dos textos da revista por temas era oferecida no sumário, onde os artigos de mesmo tema eram agrupados, funcionando como roteiro de leitura, diferentemente da parte interna do periódico, em que a distribuição dos textos era aleatória, ou seja, os textos de mesmo tema não estavam dispostos em sequência.

Schneider afirma que a revista teve dois papéis: um de informar sobre atividades esportivas no Brasil e no mundo, saúde e atuação do professor, dentro e fora da escola e outro de se tornar um catálogo de venda de produtos variados. Com efeito, segundo Schneider, no

⁵⁵ SCHNEIDER, 2003, p. 40.

⁵⁶ SCHNEIDER, 2003.

período em que circulou, a revista às vezes propunha uma leitura informativa e recreativa para professores de Educação Física, outras vezes publicava primordialmente anúncios variados: de venda e locação de imóveis à venda de alimentos para desportistas. Em dado momento, os anúncios se tornaram tão frequentes que o corpo editorial criou um índice específico para eles⁵⁷. Esses dois papéis sustentaram sua publicação.

Além disso, a revista passou a veicular projetos educacionais de estabelecimentos de ensino privado, imprimindo em suas páginas imagens de colégios, ginásios e institutos do estado do Rio de Janeiro. Tal qual um catálogo-mostruário das escolas, ela expunha a organização e o trabalho desenvolvido de forma bem estruturada: as imagens retratavam a arquitetura das escolas, o mobiliário, as condições de higiene e a referência profissional do corpo docente.

A concepção de educação física que esse periódico se preocupava em propagar, diz Schneider, desdobrava-se em três dimensões do processo educacional: a intelectual, a moral e a física. Os editores queriam torná-la um órgão orientador da educação física no Brasil e em Portugal: ela “[...] surgiu para apostolizar no Brasil e em Portugal a beleza desse ideal de uma raça mais completa e mais nobre, desenvolvida ampla, simultaneamente, em todas as suas possibilidades”⁵⁸. Seus editores entendiam que o periódico poderia educar não só seus leitores, mas também o Estado, ao educar homens “[...] novos, mais fortes e melhores”; ele não só visava “[...] sugerir, propagar, fazer compreender”, mas também “[...] desejava persuadir, estimular, levar a realizar”⁵⁹. Para Schneider, esse discurso deixava entrever o interesse dos editores em investir na produção cultural com fins políticos.

Conforme aponta o pesquisador, durante o período em que circulou, a revista *Educação Physica* investiu na difusão de uma cultura esportiva e publicou, do primeiro ao último número, assuntos relativos à educação física, ao esporte e à saúde. Em suas análises, atentou-se para a reconfiguração dos discursos sobre educação física veiculados nas páginas da revista entre as décadas de 1930 e 1940; sua percepção é que a educação física veiculada pelo periódico se preocupava com a forma e o modo de executar os movimentos e que um novo modelo proposto para a educação física foi apresentado em uma revista dos Estados Unidos em 1934 e traduzido para a revista *Educação Physica*. Criado pelo doutor Fisher, tal modelo focava nos resultados e na objetividade do esporte; também privilegiava regulamentos, rendimento, quantificação e racionalização do treinamento com base científica,

⁵⁷ SCHNEIDER, 2003, p. 40.

⁵⁸ SCHNEIDER, 2003, p. 113.

⁵⁹ SCHNEIDER, 2003, p. 115.

além de propor a preparação do trabalhador para a fábrica, isto é, instruí-lo a obedecer às regras e se ajustar à organização fabril.

Schneider encontrou na revista *Educação Physica* textos de Fernando de Azevedo, de 1939, sobre como deveria ser uma educação física integral (incluir ginástica educativa, jogos e exercícios esportivos). E argumenta que, mesmo havendo negação do esporte como conteúdo central das aulas de Educação Física, esse modelo de prática pedagógica na disciplina já estava intrínseco ao ambiente escolar e que esporte e ginástica eram os assuntos mais recorrentes nas edições do periódico.

Ele notou ainda que, em vários textos publicados nas décadas de 1930 e 1940, o termo educação física se referia ao esporte, então visto como prática corporal e inserido cada vez mais na escola. Vários autores destacaram em seus textos que a educação física objetivava não só atuar na cura de moléstias ou eliminar traços de um povo degenerado, mas também desenvolver as potencialidades e capacidades físicas de alunos. “[...] portadora de novos códigos”, essa nova educação física se constituía para uma “idade moderna”, para suprir as “[...] necessidades de homens mais eficientes e otimistas”⁶⁰. O periódico reiterava essa ressignificação da educação física difundindo o esporte como prática esportiva racional e divulgando o discurso do aperfeiçoamento da raça pela atividade esportiva e da produção de um homem preparado para uma nova sociedade, mais moderna e industrializada.

Assim como Goellner, Schneider reconhece, em sua análise das capas da revista, a estética das estatuas gregas. As figuras perfeitas salientavam a harmonia das formas, como que direcionando o olhar do leitor à busca de um corpo esculpido pela atividade física. Conforme sua interpretação, esse modelo de corpo apresentado pelo periódico devia ser seguido e posto em prática por pessoas comuns e professores. Assim, seria possível “[...] criar uma raça forte, destemida e determinada”⁶¹. Essa presença dos moldes helênicos de saúde e beleza no período de circulação da revista representou o padrão da educação integral, ou seja, uma educação nas dimensões física, moral e intelectual. Segundo Schneider, a educação física tinha como alvo o corpo, a melhoria das condições de higiene, o hábito de se exercitar diariamente, o amor ao esporte, o aprendizado escolar de regras de saúde, o culto à estética corporal, o amor à pátria e a moralização de hábitos, de modo que, para os editores da revista, essas características eram essenciais à melhoria do homem na sociedade, sobretudo da juventude.

⁶⁰ SCHNEIDER, 2003, p. 131.

⁶¹ SCHNEIDER, 2003, p. 135.

Schneider se alinha a Goellner ao reconhecer que tais características sinalizavam a presença do projeto nazista no Brasil, sobretudo a “melhoria” racial pela esportivização da sociedade, ideia então difundida na revista *Educação Physica* em textos e imagens. Visto que os editores viam tal conteúdo como exemplar para a juventude, o periódico veiculou o assunto regime nacional-socialista alemão e conquistas esportivas com ênfase no aperfeiçoamento racial; mas, afirma o primeiro, enfrentou dificuldades em manter sua periodicidade após o Brasil romper relações diplomáticas com a Alemanha. A publicação, assim, viu-se obrigada a angariar mais leitores; para tanto, propôs ampliar seu escopo editorial, de modo a incluir textos sobre saneamento, família, cotidiano, casamento e criação de filhos, em que sugeria normas de conduta e educação familiar a ser assimiladas, dentre outras questões. Goellner, porém, vê esse período fértil da revista — mais acessibilidade, “maior sistematicidade, circulação, produção e divulgação de conhecimentos técnicos, científicos, pedagógicos, estéticos e ideológicos”⁶² — como resultado do apoio do Estado Novo à publicação, e não do rompimento diplomático.

Segundo Schneider, uma vez que veiculava assuntos variados, a revista *Educação Physica* se apresentava diferentemente a cada tipo de leitor: ao professorado, como leitura de formação e atualização; aos diretores de estabelecimentos de ensino, como mediadora de instruções oficiais da educação física; aos médicos, como veiculadora de teorias da medicina; ao alunado dos cursos de Educação Física, como publicação que continha instruções e observações sobre disciplinas do curso oferecido pela Escola Nacional de Educação Física, possibilidade de ter formação mais segura e atualizada; aos alunos de outras instituições e seus pais, como repertório de conhecimentos indicativos de como educar os filhos. Também Goellner salienta essa faceta da revista, dizendo que supostamente os editores esperavam que o periódico fosse um empreendimento editorial de influência perene na educação física no Brasil; sobretudo, que estimulasse a modificação de costumes entre futuros líderes e fomentadores da cultura, pois assim poderiam intervir na produção cultural, isto é, participar da produção de um homem novo para o país, que ansiava pela modernidade e por reconhecimento internacional, que poderia ocorrer via esportes⁶³.

Posto isso, o trabalho de Schneider⁶⁴ identifica a revista *Educação Physica* como difusora do desenvolvimento esportivo no Brasil e ligada ao refinamento técnico e educacional; também como espaço para textos informativos sobre assuntos variados, em

⁶² GOELLNER, 1999, p. 5.

⁶³ SCHNEIDER, 2003.

⁶⁴ SCHNEIDER, 2003.

especial saúde e esporte, assim como textos publicitários, tais como anúncios de venda de produtos. Em todo caso, sua preocupação central era a objetividade dos esportes em termos de rendimento, quantificação e racionalização do treinamento e a cientificação da educação física. Tal preocupação refletia-se no estímulo às atividades esportivas como útil tanto para a formação de um homem preparado para viver numa sociedade mais moderna e industrializada quanto para a “melhoria” da raça por intermédio de esportivização da sociedade.

Outro periódico voltado para a educação física abordado em pesquisas acadêmicas é a *Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (RBEFD)*, publicada de 1968 a 1984, pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Assim como no caso da revista *Educação Physica*, tais pesquisas enfocaram esse periódico tanto como objeto de estudo, quanto como fonte documental.

Oliveira, em sua tese de doutoramento intitulada *A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência*, analisou a produção da revista, desde sua primeira edição, em 1968, até a última, em 1984. Ele a vincula à experiência cotidiana de professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, aos Programas de Educação Física da Prefeitura Municipal de Curitiba a partir de 1970 até 1984 e aos planos de ensino de algumas Unidades Educacionais. Esse pesquisador se propôs a “[...] reconstituir, a explicar e compreender como teria se desenvolvido a história da Educação Física escolar no Brasil ao longo da ditadura militar”⁶⁵, tendo como foco de discussão esse periódico. Objetivou, assim, “questionar algumas verdades eternas, absolutas que orientaram a produção historiográfica da Educação e da Educação Física”⁶⁶, partindo destes questionamentos:

Será que a tão propalada crise da Educação Física afirmada em tantos estudos não é muito mais um diálogo de surdos? Quando os estudiosos na academia enredam-se em debates profundos acerca do significado dessa disciplina escolar, será que falam da mesma coisa das quais falam os seus interlocutores, por exemplo, os professores de Educação Física ou mesmo os membros da academia que têm orientações teóricas diferentes, quando não antagônicas?⁶⁷

Com base nesses questionamentos, Oliveira expõe a necessidade de evidências empíricas para a produção da área da educação, especialmente da educação física, para ir além de conjecturas. Esse autor investigou as concepções de educação física escolar

⁶⁵ OLIVEIRA, 2001, p. 31.

⁶⁶ OLIVEIRA, 2001, p. 30.

⁶⁷ OLIVEIRA, 2001, p. 15.

veiculadas pela *RBEFD* como veículo oficial do Estado, identificou propostas e/ou perspectivas diferentes das oficiais e propôs “[...] apontar elementos para a compreensão de como os professores de Educação Física se apropriaram das formulações oficiais na sua prática pedagógica cotidiana no interior da escola”⁶⁸.

Com esses objetivos, pretendeu comprovar a hipótese de que profissionais da área de educação física, aqueles que pesquisam e lecionam nas escolas “[...] participaram como sujeitos ativos ou passivos da configuração e da consolidação do modelo de Educação Física escolar patrocinado pelo governo autoritário”⁶⁹. Para tanto, recorreu à história oral para produzir documentos a partir de reminiscências de profissionais pesquisadores da Educação Física (vinculados às universidades ou às Forças Armadas), professores que atuavam diretamente na realidade cotidiana da escola, sujeitos que atuaram como dirigentes de entidades e autoridades ligadas à Educação Física e ao esporte, nacionais e internacionais (pessoas que foram alunas de Educação Física à época). Seus roteiros de entrevistas permitiram mesclar a história de vida de professores com a entrevista temática, de modo a captar a interseção das histórias de vida com a história da sociedade.

Oliveira quis compreender a prática cotidiana, a intervenção pedagógica do professor nas aulas de Educação Física da rede municipal de Curitiba nas décadas de 1970 e 1980⁷⁰; e sua pesquisa mostra que, embora o autoritarismo e a restrição do governo militar sejam fatos incontestes, a ditadura não transformou drasticamente o cotidiano escolar de professores e alunos; mas a educação física escolar passou por mudanças, tendo, por exemplo, que acompanhar orientações do governo e seguir a tendência esportiva mundial.

Segundo informa Oliveira, a *RBEFD* foi criada, em 1968, com o nome de *Boletim Técnico e Informativo de Educação Física*, mudado para *Revista Brasileira de Educação Física*, em 1971, depois para *Revista Brasileira de Educação Física e Desportos*, em 1975. Era “[...] um periódico patrocinado e editado pelo governo autoritário [...]” e caracterizado como “[...] veículo governamental privilegiado na difusão de princípios e normas acerca da Educação Física”⁷¹. Entre 1968 e 1984, foram publicadas 53 edições; das quais as dez primeiras foram distribuídas gratuitamente para professores, cabendo o ônus financeiro à Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME). Da 11ª edição à 46ª, a assinatura foi paga.

⁶⁸ OLIVEIRA, 2001, p. 21.

⁶⁹ OLIVEIRA, 2001, p. 27.

⁷⁰ OLIVEIRA, 2001, p. 211.

⁷¹ OLIVEIRA, 2001, p. 69.

A partir do número 47, voltou a ser distribuída de graça aos leitores. A tiragem inicial foi de dois mil exemplares e a final, de cem mil.

Ainda no dizer de Oliveira, como publicação oficial do governo militar, a *RBEFD* disseminava em suas páginas a abordagem desportiva da educação física brasileira: prática corporal superior às demais práticas quanto a suas possibilidades educacionais e à vinculação do esporte à educação, e desta ao desenvolvimento do Brasil. Também representou uma alternativa à possibilidade de implementação do modelo pedagógico difundido pelo governo para a educação física escolar, pois publicava textos cujo conteúdo, além do esporte, continha outras possibilidades educativas para a intervenção do professor de educação física escolar. À parte o norteamamento dado à educação física pelo Estado, a revista publicou textos que se contrapunham às políticas oficiais difundidas pelo regime militar, orientações diametralmente opostas ao que o governo idealizava para a área de educação física. Ao mesmo tempo, divulgava o movimento pró-redução do número de aulas de educação física em detrimento do esporte, de modo que as possibilidades da disciplina fossem canalizadas para a prática esportiva.

Oliveira afirma que a *RBEFD* evidenciava o debate de ideias que admitiam “[...] valores diferenciados para as práticas das atividades físicas no interior da escola, como atividade eminentemente educativa”⁷². Publicou artigos de autores brasileiros e estrangeiros, sobretudo de países socialistas do Leste Europeu. Conforme declarações nos editoriais, a inserção de textos de autores estrangeiros supria a lacuna resultante da escassez de artigos de autores brasileiros. Seu conteúdo era eminentemente técnico, com ênfase na prática esportiva, e tendente ao desenvolvimento científico na área; também se alinhou, até 1975, às tendências dogmática e pragmática. Segundo o autor, um editorial de 1975 assinado por Manoel Gomes Tubino, colaborador do periódico, refere-se à dogmática como dimensão humanista do esporte, meio de educar e dignificar o homem pela formação embasada em atividades corporais; noutros termos, a educação física se voltava à educação integral das pessoas. A tendência pragmática se voltava à competição, ao esporte de alto rendimento, à vitória, à superação e ao enfrentamento — numa palavra, à *performance* individual, por sua vez guiada por um modelo científico calcado na verificação, na mensuração, no controle e no planejamento dos resultados.

No dizer de Oliveira, o editorial da *RBEFD* era espaço do Estado, contando, às vezes, com o texto assinado por militares, daí o tom intimidador. Em essência, eram como apologias

⁷² OLIVEIRA, 2001, p. 131.

do governo autoritário ao esporte de rendimento e às atividades esportivas. Por isso se pode afirmar que a revista seguia uma perspectiva mais pragmática que dogmática. Esse pesquisador explicita que a corrente pragmática concebeu o esporte como fim em si mesmo, ajudando, assim, a fortalecer o desenvolvimento de áreas científicas, a exemplo da fisiologia, biomecânica, nutrição e aprendizagem motora: o “[...] corpo como instrumento de rendimento poderia ser preparado, treinado, forjado com base nos emergentes cânones científicos”⁷³. Tal abordagem ficou conhecida como “moderna, nova”, científica”⁷⁴: uma antítese da dogmática, tida como “velha”, arraigada à tradição. A tendência pragmático-utilitarista-cientificista, ou seja, a vinculação da educação física escolar ao esporte, permaneceu na revista até sua reforma editorial, materializada na 47ª edição.

Contudo, se os editores não interferiam no editorial, faziam-no em outras seções da revista que continham a presença do Estado, pois a definição sem restrição externa de seu conteúdo cabia a eles. Isso quer dizer que o periódico divulgava a concepção oficial de educação física, mas sustentava o debate sobre o sentido da universalização da disciplina na escola. Com efeito, Oliveira salienta que as páginas da revista abrigaram um debate aberto sobre a caracterização da disciplina Educação Física: ora mera atividade ao divulgar uma tendência utilitarista, ora objeto de um necessário trato científico e de orientação humanista no interior da escola, atrelados à noção de um conhecimento a ser abordado por essa disciplina.

Segundo Oliveira, fragmentos da *RBEFD* sugerem que, de meados do decênio de 1970 ao início do de 1980, as conjecturas humanistas se expandiam em suas páginas. Vários estudos eram desenvolvidos nessa perspectiva, mas suas bases científicas não eram consensuais, assim como não o era a ideia de que a educação física necessitava de trato científico. Enquanto sobretudo, autores estrangeiros alimentavam o debate na revista, autores nacionais buscavam embasar suas pesquisas em estudos internacionais na tentativa de conferir “[...] legitimidade aos seus trabalhos”⁷⁵. De 1979 a 1980, o discurso oficial do governo influenciou publicações com conteúdo relativo à psicomotricidade e à educação física infantil; na academia, a produção na área também divulgava e considerava a educação física escolar como abordagem tecnicista com ênfase no gesto técnico, no desempenho, no rendimento e no resultado. Logo, a educação física escolar se aproximava da preparação de atletas em clubes desportivos.

⁷³ OLIVEIRA, 2001, p. 144.

⁷⁴ OLIVEIRA, 2001, p. 145.

⁷⁵ OLIVEIRA, 2001, p. 118.

Oliveira afirma que influências dos Estados Unidos, da Inglaterra e da Alemanha ajudaram a consolidar o esporte e as pesquisas sobre esse fenômeno. A maioria dos textos publicados na *RBEFD* enfocava a aprendizagem e o treinamento desportivo, e a concepção de ciência recorrente nos estudos supunha coleta, observação, indicação, mensuração, quantificação dos dados, verificação, controle e prova. Mas esses elementos foram apresentados sob perspectivas diferentes, ampliando a noção de educação física graças à difusão de conceitos como educação integral, educação para todos e educação permanente — supostamente embasados na ciência. Para atender aos interesses do governo, de sistemas ou grupos e porque pertencia a conformações culturais e era objeto de um debate amplo entre quem defendia a dimensão científica ou humana e quem apoiava a dimensão técnica ou integral, a educação física mudou como prática cultural.

Para Oliveira, a educação física escolar foi transformada em treinamento esportivo, por isso ele se propôs a analisar, nas páginas da *RBEFD*, textos que tratavam de tal assunto. Alguns autores, diz ele, viam a educação física não só como esporte (competitivo, de rendimento, seletivo e excludente), mas também como prática educativa, ou seja, meio de educação ampla, porque preservava a pluralidade de práticas corporais de diferentes origens culturais e ideais humanitários diversos. A revista representou uma forma de publicação que muitos autores usaram para esclarecer profissionais da área sobre a formação pela educação e pela educação física. Discursos oficiais da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) veiculados pelo periódico mostravam o esporte como prática educativa conformadora, que estimulava a obediência a regras, estabelecia fraternidade entre os povos e lhes servia valores éticos altivos, ou seja, o esporte. Fomentado pelo ideário “olímpico”, ele passou a reinar absoluto no sistema educativo. Essas orientações se disseminaram como elemento agregador da sociedade, “[...] capaz de congrega nações, classes e indivíduos”⁷⁶.

Essa pesquisa esclarece ainda que a *RBEFD* veiculou a opção do Estado de adotar uma política de educação física e esporte orientada por um viés internacional que direcionava a educação física escolar para a formação de atletas e para o esporte de elite, segundo o *Manifesto sobre o desporto*⁷⁷, publicado na revista. Na concepção do Estado, a escola estava vinculada ao desporto nacional, e nesse momento, por volta de 1973, surgiam na revista os termos estudante-atleta, talento esportivo, aula-treinamento, sugerindo que a educação física

⁷⁶ OLIVEIRA, 2001, p. 138.

⁷⁷ Documento internacional que visava ao direito de todos de praticar o desporto e, segundo o qual, as atividades esportivas deveriam ser parte integrante de todo sistema de educação, pois eram necessárias ao equilíbrio e à formação geral dos jovens, preparando-os para uma sã utilização dos momentos de lazer.

estava subordinada ao esporte. Daí o discurso da esportivização dessa disciplina na escola. Noutros termos, o periódico confirma a preocupação de dar à educação física nacional um *status* mundial e com direcionamento a sua autonomia.

No cruzamento de sua análise sobre publicações da revista com as entrevistas de professores, Oliveira compreendeu que o Departamento de Educação Física do MEC era uma estrutura financeira e técnica composta por editores que elaboravam a *RBEFD*, mas dos quais alguns não eram especialistas em comunicação e, em certos casos, tampouco em Educação Física. Segundo o autor, a revista se empenhou em apresentar o papel atribuído aos professores de educação física no período da ditadura militar; suas edições os convocavam a seguir orientações do Departamento de Educação Física, que em alguns momentos assumia uma posição corporativa, indício da importância da área e de seus profissionais. Nas convocações havia ainda manifestações convidando os docentes a participar da elaboração da *RBEFD*, que era, então, vista como “[...] espaço de troca de experiências e debates”⁷⁸.

Sobre a vinculação entre educação física e desenvolvimento do país, Oliveira aponta a relevância que o governo central dava ao curso superior de Educação Física e à especialização do esporte na universidade. O Estado vinculava a educação física à formação de recursos humanos, situação em que o professor alcançava papel fundamental no desenvolvimento e na manutenção da lógica do regime. Assim, os fins da *RBEFD* convergiam para a formação e informação de professores de Educação Física. Oliveira diz que a maioria dos artigos publicados na *RBEFD* era sobre e para esses professores; nos textos estavam a diversidade de tendências na educação física e sua relação com o esporte, a saúde e a escola. Os artigos que disseminavam essa relação de controle social eram de autoria de setores diferentes do Estado, pesquisadores e professores brasileiros e estrangeiros de orientações distintas e, enfim, de entidades diversas. Nos artigos ou nos editoriais, o professor é visto como “[...] peça-chave no desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade”⁷⁹.

Posto isso, a pesquisa de Oliveira caracteriza a *RBEFD* como periódico oficial do governo militar, pois, além de veicular os ideais militaristas, vinculava o esporte à educação e ao desenvolvimento do país. A revista procurou mostrar como o governo ditatorial orientou a educação física escolar por um modelo de educação física fundado no desempenho esportivo, no rendimento, na técnica, na competição, modelo esse tido como o mais avançado.

Assim como Oliveira, Teixeira enfocou a *RBEFD* em sua pesquisa de mestrado *O lazer e a recreação na Revista Brasileira de Educação Física e Desportos como dispositivos*

⁷⁸ OLIVEIRA, 2001, p. 185.

⁷⁹ OLIVEIRA, 2001, p. 190.

educacionais (1968–1984) como fonte e objeto de estudo. Direcionou suas investigações sobre a revista também ao período do governo militar, mas se ateve à compreensão do lazer e da recreação como práticas corporais para o estabelecimento de controle sobre os corpos. Para esse pesquisador, a revista era um “[...] veículo difusor dos benefícios advindos das práticas corporais”⁸⁰ para promover o controle social pela veiculação de discursos que estimulassem a adesão dos profissionais de educação física ao modelo de práticas corporais instituído. Sua fundamentação teórica se serviu de conceitos de Michel Foucault, sobretudo de seus estudos designados genealógicos, em que há “[...] correlação entre discursos e práticas sociais, com enfoque explícito na temática do poder”⁸¹. Tais conceitos (disciplina, biopolítica, normalização e governamentalidade) fundamentam sua análise da instalação do controle social, presente no lazer e na recreação no período da ditadura militar.

Teixeira apresenta a *RBEFD* como mecanismo representativo e difusor do ideário militar, havendo coincidência entre a data de criação da revista, 1968, e um certo recrudescimento do Estado em relação a seus opositores. Na sua opinião, os objetivos do periódico incluíam fazer a educação física equivaler a outras áreas de conhecimento cuja legitimidade científica era considerada maior. Assim, as estratégias de governo “[...] buscavam agradar a população, para que justamente conquistasse as possibilidades de modelar, administrar, controlar e, assim, governar”⁸². Uma delas pode ter sido a distribuição gratuita da revista pelo Estado, o que Teixeira vê como forma de difundir o ideário do Estado ditatorial, fomentar intenções militaristas e reafirmar tanto o modelo de governo militar quanto o controle social mediante práticas corporais de lazer e recreação.

A periodicidade da *RBEFD*, diz Teixeira, foi pouco regular: bimestral entre o primeiro e o segundo número, publicados em 1968; a partir de 1969 não houve regularidade. Capas e contracapas estampavam fotos e ilustrações que aludiam ao esporte, exceto as de algumas edições que mostraram a prática de atividades corporais voltadas ao lazer e à recreação. Tal qual Oliveira, Teixeira esclarece que o corpo editorial continha militares, seguindo uma tendência de normalização social, e que a seção “Editorial” era controlada pelo Estado e por agentes aliados ao governo, onde divulgavam informações e prescrições direcionadas à população em geral, buscando regular a sociedade por meio da revista. Em sua leitura dos editoriais, afirma que uma das preocupações do governo era “[...] consolidar a Educação

⁸⁰ TEIXEIRA, 2008, p. 80.

⁸¹ TEIXEIRA, 2008, p. 15.

⁸² TEIXEIRA, 2008, p. 84.

Física como um campo de investigação científica”⁸³. Exemplo disso está no primeiro editorial da revista, redigido pelo tenente-coronel Arthur Orlando da Costa Ferreira, para quem tal consolidação devia começar nos órgãos de chefia, para romper com a ineficiência nessa área.

Segundo esse autor, o corpo editorial da *RBEFD* se preocupou com a distribuição e receptividade do periódico, a publicação de textos de brasileiros e a contribuição de professores colaboradores, havendo inclusive discursos sobre a possibilidade de o professorado da educação física incluir a revista em seu planejamento pedagógico. Para o pesquisador, o periódico estava aparentemente aberto a publicações de qualquer viés ideológico, embora ele não tenha encontrado discursos opostos ao regime; mesmo que implicitamente, os artigos publicados reiteravam pressupostos do governo militar. Oliveira, porém, destacou que havia, sim, ideias não totalmente sintonizadas ao ideário militar, a exemplo de textos relativos à implementação pedagógica nas aulas de Educação Física, que inscreviam um discurso oposto ao que o governo militar propunha e divulgava, ou seja, a redução da educação física ao esporte.

Ainda conforme Teixeira, a *RBEFD* teve duas fases. Na primeira, que perdurou até meados da década de 1970, enfatizou o papel das práticas corporais na regulamentação da população, de modo que as suas páginas propagaram o esporte de alto nível e a necessidade de motivar a juventude a aproveitar bem as horas de lazer. Visto como fenômeno social de visibilidade, o esporte foi adotado na condição de mecanismo de disciplinarização da população, pois era oferecido como opção de lazer e recreação da população como espectadora ou praticante. A segunda fase começou em 1975, pouco depois de o general Ernesto Geisel assumir o governo⁸⁴. Nessa fase, o discurso veiculado pela revista voltou a enfocar uma prática de atividades físicas mais participativas, conforme a conjuntura nacional e internacional; além disso, buscou cooptar o professorado a estimular a participação e o envolvimento da população na prática de atividades corporais para ampliar as estratégias de controle social via lazer e recreação.

Teixeira reitera as análises de Oliveira ao destacar a prevalência do esporte nos conteúdos diversos publicados pela *RBEFD*. Ele afirma que essa ênfase no esporte nas orientações articuladas pelo Estado militar começou na 10ª edição e talvez se justifique pela

⁸³ TEIXEIRA, 2008, p. 81.

⁸⁴ Tido como severo, de pouco humor, Ernesto Geisel assumiu a presidência em 1974 por eleição indireta. Começavam aí as mudanças no regime de governo que culminariam no início de uma possível redemocratização do país. Seu governo foi marcado pelo diálogo com a igreja católica, com líderes de oposição ao regime militar e líderes sindicais. Também durante seu governo houve arrefecimento da censura e da repressão policial entre 1974 e 1975. Cf. SKIDMORE, Thomas. The road to redemocratization [O caminho da redemocratização]. In: _____. *Brazil: five centuries of change* [Brasil: cinco séculos de mudança]. New York: Oxford University Press, 1999, p. 184–188.

preocupação do governo autoritário em conter manifestações contrárias ao regime político instalado. Uma das táticas usadas para isso foi direcionar a atenção da população ao desporto para evitar seu interesse nas “causas subversivas” e uma eventual adesão a elas⁸⁵.

Discursos voltados para a competição de alto rendimento, visualizando as potencialidades do desporto infantil, foram introduzidos na revista pelo coronel Eric Tinoco Marques. A intenção do governo era disseminar a positividade das práticas corporais relativas ao esporte e,

[...] ao instaurarem-se esses mecanismos, (...) concentrar a juventude em locais regulamentados, direcionando suas atenções para as práticas esportivas, que por sua vez, traziam consigo um ideário relacionado à adoção de um modo de vida saudável. Nesse ponto, os discursos estendiam-se a toda a população, pois a partir do momento em que ela os incorporava como verdadeiros, corroborava para que fossem referendados.⁸⁶

Outra característica da *RBEFD*, segundo Teixeira, foi ser pensada como instrumento de formação profissional, isto é, como possibilidade de atualização permanente de professores para buscar sua participação maciça no propósito de regulamentar a população. Isso foi um traço marcante na maioria dos editoriais, cuja leitura poderia instigar o professorado de educação física a participar da divulgação do periódico e reforçar ideias governamentais. Nessas circunstâncias, a função do profissional de educação física seria assumir os discursos ditatoriais como próprios e administrar a parte técnica das práticas corporais direcionadas à população.

É provável que esse estímulo às práticas corporais conduzidas segundo o viés disciplinador para regulamentar a população se vinculasse à falta de apoio popular ao governo militar para combater ações subversivas. Ora, se o Estado precisava fortalecer o regime, uma possibilidade de fazer isso era recorrer a estratégias como o esporte, que assumiu a mesma configuração popular e coletiva, “[...] atentando-se para os avanços científicos alcançados e denotando estreita relação com os conhecimentos médicos e biológicos”⁸⁷. Para Teixeira, como mecanismo de controle difundido pelo regime militar, o esporte se apresentava ora como atividade física sistemática que se interligava com o lazer e a recreação, ora como desporto de alto rendimento, em prol da hegemonia do país no cenário mundial, veja-se o caso dos Jogos Pan-americanos. Os aspectos promovidos pelo esporte estavam demarcados, sobretudo, na *RBEFD*, que

⁸⁵ TEIXEIRA, 2008, p. 89.

⁸⁶ TEIXEIRA, 2008, p. 90.

⁸⁷ TEIXEIRA, 2008, p. 87.

[...] colimava um enquadramento, em que o controle social deveria ser exercido sobre a coletividade, estendendo-se a todas as regiões brasileiras, fosse pela participação direta nas práticas corporais, ou pela divulgação dos resultados das competições de alto nível. Ele era um mecanismo capaz de promover o lazer e a recreação, por meio tanto da prática, como pela contemplação e, nesse sentido, alastrava no corpo social as propagandas acerca do patriotismo, identificando os atletas como representantes da nação, que a cada vitória reforçavam o sentimento cívico da sociedade.⁸⁸

Em suma, pode-se dizer que essas táticas, consubstanciadas no esporte, para desenvolver a confiança (autoestima) nacional reforçavam uma vigilância, cuja função era fiscalizar e controlar a sociedade permanentemente, através da disciplina, visando à sua normalização e a um ajuste a uma norma padrão.

Os conceitos de recreação e lazer foram abordados por vários autores na *RBEFD*. Segundo Teixeira, pela finalidade atribuída ao lazer e à recreação na revista, tais conceitos funcionavam como abordagens disciplinadoras das pessoas, enquadravam-nas nos ditames de normalização da sociedade e se inseriam no seu cotidiano como horas de lazer, controladas e ajustadas a padrões disciplinares. Com propostas voltadas ao lúdico, o regime militar pretendia “[...] fabricar as subjetividades e espalhar na população estratégias de convencimento em relação aos efeitos positivos do lazer e da recreação”⁸⁹; noutros termos, o Estado visava administrar o lazer e a recreação com táticas orientadas e com a adoção de técnicas sutis de enquadramento social. Isso ocorria nas páginas da revista em formulações conceituais de modelos disciplinadores do governo. Nessa ótica, o professor de educação física tinha de se tornar um “recreador”, posição em grande ascensão, conforme indicava a Associação Brasileira de Recreação na *RBEFD* em 1971, inclusive no âmbito educacional, pois a Associação via a recreação como essencial ao envolvimento com práticas corporais.

Teixeira salienta que, embora os editores da *RBEFD* incentivassem a produção de profissionais brasileiros, seus textos eram escassos na revista. Isso deu margem à publicação de autores estrangeiros, isto é, à disseminação de mecanismos de controle e enquadramento das pessoas em torno do lazer e da recreação, pois o contexto político e social do Brasil de então refletia o que ocorria no mundo. O discurso de autores estrangeiros se afirmava ao ideário militar brasileiro e aos editoriais da revista. Lazer e recreação vinculados a práticas corporais ganhavam dimensão educacional, reforçando a “autonomia” das pessoas, e as direcionava à construção da moral segundo os ditames militares.

⁸⁸ TEIXEIRA, 2008, p. 97.

⁸⁹ TEIXEIRA, 2008, p. 103.

Ainda segundo Teixeira, a educação física passou pelo mesmo movimento que a educação em geral, pois no início do período militar os discursos centravam-se no mérito individual. Esse movimento foi veiculado no periódico e direcionado aos professores de Educação Física, cuja função seria então fazer os alunos se tornarem atletas com base em técnicas de controle social mantenedoras da ordem até a obtenção do “sucesso”. Persistência, empenho, ação, obediência e disciplina seriam características fundamentais à constituição de atletas e referência para outras pessoas. Além disso, como propagadores do ideário da revista, os professores criariam mecanismos de administração criteriosa da população para controlar suas ações.

Como esclarece Teixeira, outra forma de controlar a população assumida pelo governo foi o programa Esporte para Todos. Em suas palavras, “[...] foi um estratagema utilizado no regime militar e divulgado na *RBEFD*, que determinou um tipo de império de visibilidade sobre os indivíduos, com intuito de formar uma identidade nacional que corroborasse o anseio de instaurar um sentimento cívico na população”⁹⁰. Vinculado à “arte de governar”, o programa se alinhava à intenção de produzir subjetividades pela divulgação dos benefícios da atividade física com participação popular maciça, proposta para cooptar e controlar as massas. Mais que professores ou pessoas ligadas ao esporte, seus agentes eram quaisquer cidadãos patriotas desejosos de contribuir para o desenvolvimento da pátria.

Tal programa, de origem europeia, foi apresentado pela *RBEFD* dentro do objetivo de disseminar a prática esportiva consubstanciada no lazer e na recreação, ou seja, de estender o esporte a “pessoas comuns”, pois naquele momento ainda era uma prática elitista. As propostas do programa eram fundamentadas em modelos internacionais e funcionavam como mecanismos de ordenamento social, controle da população e fiscalização da sociedade. Conforme a revista divulgou, o programa previa atividades coletivas e individuais e pregava a prevalência do lazer e da recreação sobre a competição. Era um movimento instituído pelo governo militar para lançar uma postura mais “democrática” no esporte e que buscou criar condições adequadas de democratização das práticas esportivas, promovendo atividades que incluíssem a maioria da população. A participação maciça nas atividades propostas ampliava as possibilidades de controle social e disciplinarização das massas.

Teixeira afirma que os discursos sobre políticas governamentais para o bom uso do “tempo livre” veiculados na *RBEFD* eram instrumentos úteis à consecução da ordem e do controle social pela prática de atividades corporais. A intenção era convencer as pessoas dos

⁹⁰ TEIXEIRA, 2008, p. 142.

efeitos positivos da prática de atividades físicas — bem-estar e prazer nas atividades lúdicas. Os textos enalteciam o “[...] bom aproveitamento do tempo livre do trabalhador”⁹¹ para que as horas de folga, de lazer, pudessem ser controladas e a ordem social pudesse ser mantida e, ao mesmo tempo, apresentavam a ociosidade como propensa aos vícios, pois o trabalho contribuía para que o trabalhador fosse digno, compromissado e responsável. Nesse sentido, “[...] o lazer e a recreação compunham uma lógica de produtividade que intervinha nas horas de folga do trabalhador, orientando-o para as práticas corporais adequadas ao ajustamento social”⁹². Essas medidas serviam de instrumento de fiscalização mútua entre os que aderiam às práticas corporais como horas de lazer, que na concepção do Estado se tornavam momentos de produtividade. Assim, os corpos eram distribuídos de modo a atender às lógicas de utilidade e obediência implantadas pelo governo.

Enfim, como se pode depreender da pesquisa de Teixeira sobre a *RBEFD*, o governo militar buscou suavizar as estratégias de organização das multiplicidades encontradas na sociedade, delineando um sentido de liberdade, mas espalhando técnicas coercitivas com “teor” de autonomia. Para tentar conter ações subversivas e manifestações contrárias aos seus ideais, recorreu ao lazer e à recreação para incitar a população a praticar atividades cuja finalidade era enquadrá-la nos ditames de normalização e inseri-la em estratégias de promoção da ordem social e de aproveitamento do tempo produtivo; e recorrer ao lúdico foi a forma de mediar a produção de subjetividades e a difusão de estratégias para convencer a população das “benesses” do lazer e da recreação.

A *RBEFD*⁹³ foi ainda fonte documental da dissertação de mestrado de Carvalho, *O corpo administrado: biopolítica e disciplinarização na Revista Brasileira de Educação Física* (1972–1980), que também recorreu a Foucault para fundamentar seu estudo, assim como a outras fontes documentais: o Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil, a *Revista Esporte e Educação*, o Parecer 257/71, o decreto 69.450/71, manuais de educação física (curso por correspondência da divisão de educação física do MEC) e o Plano Nacional de Educação Física e Desporto/PNED (Lei 6.251/75). Esse pesquisador propôs discutir a educação física esportiva como saber-poder atuante no controle da população e prática de assujeitamento do indivíduo. Especificamente, objetivou analisar a inserção de tal saber-poder nas técnicas de governo embasadas em análises sistêmicas; compreender o uso da educação

⁹¹ TEIXEIRA, 2008, p. 121.

⁹² TEIXEIRA, 2008, p. 123.

⁹³ Enquanto Oliveira e Teixeira se referiram ao periódico como *Revista Brasileira de Educação Física e Desportos*, Carvalho se utilizou da nomenclatura *Revista Brasileira de Educação Física*, atribuída à revista em 1971.

física esportiva como técnica de controle da população pelo sequestro do tempo-livre e de disciplinarização via práticas pedagógicas; enfim, refletir sobre a ruptura entre educação física esportiva dogmática e educação física esportiva pragmática.

Carvalho afirma que a *RBEFD* é um veículo divulgador de saberes técnicos e pedagógicos e instrumento facilitador das pretensões do governo de sondar a população. O alto “padrão técnico” desse periódico objetivava seduzir os profissionais da educação física esportiva para que ajudassem a expandir a “comodidade social”⁹⁴ da população. Sua leitura analítica dos editoriais aponta para a inserção do periódico na Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo, para informar com mais clareza à população, em especial jovens e crianças, cabendo à educação física e a seus profissionais despertar uma consciência desportiva e contribuir na formação do caráter da população. O ideário militar atuaria em mecanismos de controle coletivo e individual via lazer e recreação, o que, de certo modo, retoma a análise de Teixeira.

Com efeito, corroborando as análises de Teixeira, a investigação de Carvalho mostra que os autores dos artigos publicados sobre lazer e recreação os consideravam como ocupação programada, disciplinarização e controle da coletividade pelo enquadramento do indivíduo para corrigir perturbações, isto é, aplacar ações sociais e manifestações antigoverno. Carvalho vê a recreação e o lazer como um saber-poder capaz de propiciar benefícios individuais e sociais, através de atividades físicas em geral, como jogos, dança, teatro, música e programas esportivos coletivos. Ele ressalta que o governo almejava controlar plenamente a população, ajustando os indivíduos ao sistema.

O controle do tempo das pessoas era útil, sobretudo, ao enquadramento dos marginalizados (pessoas ociosas) ao sistema de ordem geral, e não necessariamente ao sistema da produção ou do trabalho. Segundo Carvalho, o “sequestro do tempo das pessoas”, que se apoiou na plena ocupação dos indivíduos, visou enquadrar os que estavam desempregados, fora do sistema de produção ativa e inseri-los nos programas de educação física esportiva, para que não tivessem atitudes subversivas relativas ao Estado.

Assim como Teixeira, Carvalho diz que a *RBEFD* divulgou o programa Esporte para Todos, isto é, afirmou a importância das atividades físicas e recreativas. Carvalho, porém, afirma que Lamartine Pereira da Costa, editor da revista, autor de vários artigos publicados e coordenador do Diagnóstico de 1971⁹⁵, elaborou o programa propondo um “Decálogo, o

⁹⁴ CARVALHO, 2009, p. 57.

⁹⁵ O “Diagnóstico da educação física e desportos no Brasil” tinha como função principal identificar as lacunas dos setores e servir de base para as futuras intervenções, pois a máxima daquele momento era a ideia de “ordem

conjunto de idéias-força” que orientou a campanha. Tal decálogo foi constituído pelos assuntos lazer, saúde, desenvolvimento comunitário, integração social, civismo, humanização das cidades, valorização da natureza, adesão à prática esportiva, adesão ao esporte organizado e valorização do serviço à comunidade. Como o Brasil de então tinha graves problemas sociais, as ideias-força seriam direcionadas a aspectos sociais, oferecendo uma estrutura participativa e o espírito de união.

Carvalho discute as duas orientações que sustentaram a educação física: a dogmática — mais alinhada aos princípios de uma economia liberal clássica — e a pragmática — alinhada aos fundamentos de uma sociedade de cunho neoliberal. A primeira alude ao liberalismo clássico, por se aproximar dos princípios amadores e humanísticos defendidos pela educação física escolar, e foi concebida na educação física do século XVIII para reconstituir um homem ideal, formá-lo integralmente visando à docilização dos corpos mediante atividades físicas saudáveis. A segunda se ajusta aos princípios neoliberais, pelo imediatismo de resultados que propõe como *performance*, e objetivava ao desempenho e treinamento vinculados aos interesses políticos e econômicos.

A partir das prescrições da *RBEFD*, Carvalho enfatiza que as instituições educacionais formadoras de profissionais da educação física deveriam, na perspectiva daquele momento histórico, ser eficientes na preparação de professores e alunos, modelos perfeitos de aptidão física; assim como a escola deveria seguir uma técnica de saber que, pela cientificidade e pelos constantes reajustamentos, viabilizaria ações mais eficazes. Aos alunos egressos caberia ter conhecimentos diferentes daqueles de quem ingressava e seriam avaliados nos quesitos serviço e trabalho prestado ao ambiente e à educação física. Nessa conjuntura, as características administrativas das escolas de educação física deveriam se basear no modelo sistêmico, em que a carga de atividade física seria aumentada ao limite máximo do indivíduo ou do atleta, pois assim o controle científico seria mais rigoroso em relação ao aumento das

para o progresso”. Em linhas gerais, repercutiu nas ações para o plano de educação física e desportos apresentado em 1971; além disso, uma das conclusões desse diagnóstico foi a necessidade de modernizar a estrutura administrativa, substituindo a Divisão de Educação Física (DEF), órgão considerado altamente desorganizado e com nível de eficiência operacional excessivamente baixo para enfrentar os problemas de grande magnitude que se apresentavam para o setor pelo Departamento de Educação Física e Desporto (DED1). Um dos principais aspectos abordados no diagnóstico foi a participação relativa da população brasileira em atividades desportivas, cujos índices estavam entre os mais baixos quando comparados com os países de nível semelhante de desenvolvimento. Cf. PINTO, Joécio. F.; VAGO, Tarcísio. M.; FARIA FILHO, Luciano. M. Representações de esporte e Educação Física na ditadura militar: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos dedinho (1969–1974). CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2., Recife, 2007. *Anais...* Recife: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007.

cargas. Esse saber-poder seguiu os ditames do regime militar para agir na população de forma organizada e determinante.

Com base nos autores e nos textos publicados na *RBEFD*, Carvalho afirma que essa publicação resultou de uma “[...] tecnologia de poder-saber que, desde fins do século XVIII e início do século XIX, procurou cuidar minuciosamente da população”⁹⁶. A revista foi criada como estratégia governamental para professores de educação física, no intuito de lhes oferecer informações técnicas que os habilitassem a popularizar a vertente esportiva, de modo que esse pesquisador identificou a busca do ajustamento de docentes e leitores ao sistema militarista. O governo administrava o tempo das pessoas a fim de enquadrá-las no sistema autoritário; incluía-as nos programas de educação física esportiva na tentativa de instituir um saber-poder de forma organizada e determinante em seu cotidiano.

As pesquisas aqui sumariamente apresentadas mostram que publicações com orientação editorial para a área de educação física podem se caracterizar por diferentes perspectivas de análise, variando de acordo com cada contexto histórico. Essa diferenciação fica patente no tratamento acadêmico que cada pesquisador deu a tais publicações. Contudo, pareceu-nos haver um elo comum entre os trabalhos apresentados: a presença de uma vontade de governo nos periódicos que constituem objeto e fonte de tais estudos. Como se viu, essa presença, por um lado, é explícita na seção “Editorial”, até mesmo pela natureza desse tipo de texto, que é o espaço para a exposição da opinião dos editores e, por outro, é implícita nos textos de outras seções. Sobretudo, ela se traduz na introdução de ideais de conduta propostos pelos regimes políticos para serem assimilados pela disseminação de modelos feita por tais publicações.

É forte a influência do governo nas edições da revista *Educação Physica* publicadas durante a vigência do Estado Novo, quando alusões a propostas de governos nazi-fascistas se introduziram em textos cuja temática aludia ao esporte e à ginástica, deixando entrever os vínculos entre Brasil e Alemanha. Também forte é a sombra do governo militar na *Revista Brasileira de Educação Física e Desportos*, cujos textos tentavam cooptar cada vez mais colaboradores para a disseminação de princípios autoritários e o enquadramento social através do esporte na lógica do lúdico, ou seja, do lazer e da recreação. Essa presença do Estado em cada período histórico se alinhou à finalidade de cada periódico de alcançar não só professores e alunos da Educação Física, mas também toda a sociedade.

⁹⁶ CARVALHO, 2009, p.146.

Essas “[...] histórias são como holofotes e refletores — iluminam partes do palco enquanto deixam o resto na escuridão. Se iluminassem igualmente o palco todo, de fato não teriam utilidade”⁹⁷. Sobretudo, essas leituras crítico-analíticas feitas por tais pesquisadores contribuem para o entendimento dessa faceta da pesquisa histórica na área de educação. Esse mapeamento do debate acadêmico em torno de revistas de conteúdo pedagógico da área de educação física permitiu apreender elementos úteis à compreensão desse campo de pesquisa. São informações úteis ao entendimento de materiais ainda pouco explorados historicamente na área da educação física. Por isso podemos dizer que a fundamentação teórica, os procedimentos metodológicos e as categorias de análise em tais estudos amparam a análise de nosso objeto de investigação, a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*; ou seja, a análise das concepções de educação física representadas na materialidade editorial, textual e gráfica dessa Revista. Nossa tarefa aqui prevê, então, perscrutar esse periódico de modo a criar um quadro, um perfil que permita ao leitor compreender e reter elementos constitutivos centrais da publicação e destacá-los dos borrões e das manchas para que sejam notadas particularidades não assimiláveis por um olhar mais superficial, nem inteligíveis sem a lupa da interpretação histórica.

⁹⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Capítulo 2

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE/RBCE:
CARACTERÍSTICAS GERAIS (1979–1986)

O objeto da pesquisa histórica é constituído por documentos que transmitem ao historiador a realidade do passado de uma forma parcial, proporcionando um conhecimento que é “mutilado”.

(Paul Veyne)

Do que se viu até aqui, esperamos que esteja evidente o alinhamento desta pesquisa àquelas análises comentadas há pouco; afinal, tomamos como objeto de estudo e fonte de investigação um periódico cujo conteúdo se volta para o campo da educação física. As discussões e as teorizações nela publicadas abrem um veio investigativo que nos parece relevante para ampliar os estudos sobre a presença e os efeitos da palavra impressa no campo da educação física, em especial sobre o modo como os periódicos podem veicular ideias norteadoras de ações. Assim, nas páginas da *Revista Brasileira de Ciência do Esporte (RBCE)*, buscamos reconhecer concepções de educação física propagadas em textos decorrentes de estudos e pesquisas da área de educação física, que constituem a centralidade de seu conteúdo e, ao mesmo tempo, aspectos dessa feição científica, também materializados na apresentação (tipo)gráfica de tais textos. De maneira que é possível reconhecê-las na dimensão gráfico-editorial uma vez que se trata de um registro material que contém vestígios de dado contexto pretérito.

Neste capítulo, buscamos identificar elementos da materialidade gráfico-visual, da forma da *RBCE*, que nos permitam compor um quadro elucidativo de sua relação com a leitura e com seu leitor em termos da (in)formação que buscava transmitir, assim como de sua política editorial. A esse propósito subjaz a suposição de que a dimensão gráfica do periódico dá pistas das decisões tomadas para definir uma linha editorial a ser seguida e um público leitor a ser alcançado. Isso porque tais decisões se vinculam ao contexto de criação e produção da *RBCE*, em que gravitam a edição (conteúdo a ser publicado, sua divisão, sua apresentação gráfica), a distribuição, a circulação, a

composição do corpo editorial e outros aspectos que podem ter influenciado nas escolhas tipográficas, gráficas e ilustrativas para materializar a Revista. Este trabalho estuda as edições da *RBCE* publicadas entre 1979, seu ano de lançamento, e 1986, quando houve mudanças na política editorial e também na sua dimensão gráfica. Esse recorte abrange 20 números⁹⁸. Ativemo-nos a evidências que permitissem analisar a solidez da construção de um significado para o periódico.

2.1 Idealização e criação

A *RBCE*, ao ser criada em 1979 se apresentou como Revista voltada às ciências do esporte como, por exemplo, a educação física. Essa atribuição científica justifica pelo contexto em que a originou, isto é, pelos propósitos definidos pelo grupo que decidiu ser preciso divulgar a pesquisa científica de campos do conhecimento convergentes para a área das ciências do esporte. O periódico foi criado pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), que havia sido fundado em 17 de setembro de 1978 com o propósito de “solucionar” problemas emergentes no campo das ciências do esporte e incentivar a investigação científica no país⁹⁹. Sua sede inicial era em São Caetano do Sul, no estado de São Paulo. Mas, conforme fossem as possibilidades e necessidades administrativas de cada direção, a sede poderia ser transferida.

A pesquisa de Paiva joga luz sobre as circunstâncias de criação do CBCE. Essa autora analisou documentos disponíveis na sede do Colégio, tais como correspondências emitidas e recebidas, boletins, atas, estatutos, entre outros, para apresentar a forma de organização, estruturação e análise das práticas científicas no e do Colégio. Segundo ela, de início o CBCE se caracterizou como associação denominada ora “entidade civil” sem fins lucrativos, ora “sociedade civil de caráter científico e cultural”, de estudantes e profissionais que partilhavam interesses afetos às ciências do esporte e à atividade física¹⁰⁰. Ainda segundo Paiva, o CBCE resultou de “desacordos e desafetos” na Federação Brasileira de Medicina Desportiva (FBMD) quanto ao peso político de trabalhos desenvolvidos por professores de educação física nessa área de pesquisa, e não pela demanda social

⁹⁸ Edições especiais do periódico para veicular só os *Anais* do CONBRACE não foram abarcadas nesta pesquisa, portanto não serão analisadas.

⁹⁹ PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. 1993. *Educação física/ciências do esporte: resgates e perspectivas na luta dos sentidos dentro do CBCE*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

¹⁰⁰ PAIVA, 1993, p. 67.

consciente da importância de discutir cientificamente a educação física e as ciências do esporte¹⁰¹.

Assim, o Colégio se constituiu da união de profissionais da educação física, da medicina, da psicologia e de outras áreas afins, que se apresentaram como grupo multiprofissional para congregar, numa única organização, todas as associações vinculadas ao esporte e entidades organizadas isoladamente. Mais que um grupo agregador, o CBCE quis ser reconhecido como o American College of Sports Medicine¹⁰² do Brasil. Para isso, buscou se autopromover e se autoprojetar via expansão e divulgação de suas pesquisas e seus trabalhos científicos. Para tanto, criou a *RBCE* e o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), em setembro de 1979, com o objetivo de se estabelecer e se fortalecer como grupo de pesquisadores da área de ciências do esporte reconhecido no Brasil e no exterior.

O CONBRACE passou a ser importante para os profissionais das áreas congregadas, pois os professores teriam — e têm — a oportunidade de conhecer as pesquisas produzidas aqui e no exterior, assim como divulgar seus trabalhos para profissionais de outras regiões do Brasil e de outros países. Os “Anais” do congresso referentes às edições abrangidas no recorte temporal desta pesquisa foram publicados em números exclusivos da *RBCE*, em 1981, 1983 e 1985, em que constavam a programação, os resumos e os painéis de cada trabalho apresentado no evento. Realizado até hoje, o CONBRACE ocorre a cada dois anos em uma cidade diferente do país. A cada edição, ocorre a mudança da diretoria do grupo e a transmissão oficial dos cargos aos novos diretores é feita durante as atividades do congresso.

Entre 1978 e 1986, a diretoria do CBCE foi presidida pelos médicos Victor Keihan Rodrigues Matsudo (1978–1981), Cláudio Gil Soares de Araújo (1981–1983), Osmar Pereira de Oliveira (1983–1985), e pelo professor de Educação Física Laércio Elias Pereira (1985–1987). A organização dessa associação se inspirou em grupos similares dos Estados Unidos. A ideia central das primeiras gestões era a possibilidade de fazer ciência com rigor e qualidade num país de Terceiro Mundo, desprovido da sofisticação de laboratórios de pesquisa e de equipamentos de última geração; além disso, era possível e necessário que os profissionais da educação física se transformassem em cientistas do esporte ou, pelo menos,

¹⁰¹ PAIVA, 1993, p. 58.

¹⁰² De acordo com Paiva, o American College of Sports Medicine era uma associação norte-americana que tinha como finalidade publicar pesquisas sobre a medicina esportiva e que foi tomada como inspiração para a criação do CBCE.

desenvolvessem uma atitude científica fundamentados nas ciências do esporte. Dessa forma o CBCE

[...] reunia dissidentes e agregados que mantinham em comum a mesma vontade de produzir conhecimento sobre a mesma ótica de problematização temática: medir, quantificar, comparar tudo que cabia dentro de uma particular visão de esportes traduzida em prática sistemática ou assistemática de uma atividade física ou modalidade desportiva¹⁰³.

No primeiro número, a *RBCE* não informou ao leitor o nome de seus diretores/editores; mas apenas o dos membros da diretoria do Colégio, diferentemente do que fez nos números posteriores. Nesse momento de criação do periódico, essa informação sugere que havia um só grupo presidindo tanto o Colégio, quanto a Revista. Logo, o periódico buscava justificar as impropriedades pelo esforço e empreendimento do CBCE no que julgava ser tarefa científica importante, ou seja, “[...] pela boa vontade e pela busca da perfeição, próprias de quem faz pesquisa e ciência por convicção e vocação”¹⁰⁴.

Os editores mostram como o grupo se sentia nos primeiros investimentos da Revista, pois se empenharam na “[...] busca da perfeição”¹⁰⁵, mesmo que faltassem informações importantes para uma publicação de cunho científico. Assim, dadas as atribuições instituídas ao corpo editorial e a responsabilidade a ele determinada, convém identificar cada membro para uma leitura mais detalhada da materialidade gráfico-editorial do periódico. O quadro a seguir identifica a função de cada editor da *RBCE* em cada gestão. Nas páginas da *RBCE* não há indicação/denominação desses membros como corpo editorial; essa nomenclatura foi definida para os fins deste trabalho, em que se entende corpo editorial como o conjunto dos editores, incluindo-se o diretor do periódico.

¹⁰³ PAIVA, 1993, p. 78.

¹⁰⁴ EDITORIAL. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte/RBCE*, São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, n. 1, 1979, p. 2.

¹⁰⁵ EDITORIAL. *RBCE*, v. 1, n. 1, 1979, p. 2.

QUADRO 1
Cargo em que cada diretor/editor atuou na constituição e edição da Revista, distribuídos por áreas de formação específica
1980–1986

CARGO	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
Diretor responsável	Osmar P. S. de Oliveira	Osmar P. S. de Oliveira	Osmar P. S. de Oliveira	Carlos Roberto Duarte	Carlos Roberto Duarte	Carlos Roberto Duarte	
Editor-científico	Jorge Pinto Ribeiro	Jorge Pinto Ribeiro	—	Marco Antônio Vívolo	Marco Antônio Vívolo	Marco Antônio Vívolo	Antonia Dalla Pria Bankoff
Editor-executivo	Carlos Roberto Duarte	Carlos Roberto Duarte	Nelson Gomes Bittencourt	Maria de Fátima S. Duarte	Maria de Fátima S. Duarte	Maria de Fátima S. Duarte	
Editor de avaliação	José Ney F. Guimarães	José Ney F. Guimarães	—	—	—	—	—
Editor de crescimento e desenvolvimento	Ana Maria P. de A. Tarapanoff	Ana Maria P. de A. Tarapanoff	—	—	—	—	—
Editor de educação	Lamartine P. da Costa	Lamartine P. da Costa	—	—	—	—	—
Editor de medicina	Plínio Montemór	Plínio Montemór	—	—	—	—	—
Editor de psicologia e sociologia	Sandra Maria Cavasini	Sandra Maria Cavasini	—	—	—	—	—
Editor de treinamento desportivo	Manoel José Gomes Tubino	Manoel José Gomes Tubino	—	—	—	—	—
Editor-chefe/responsável	Osmar P. S. de Oliveira	Osmar P. S. de Oliveira	—	Osmar P. S. de Oliveira	Osmar P. S. de Oliveira	Osmar P. S. de Oliveira	—
Editor da área pedagógica	—	—	Alfredo G. Faria Júnior	—	—	—	—
Editor da área biomédica	—	—	Maurício Leal Rocha	—	—	—	—
Comissão científica	—	—	—	—	—	—	Ademir Gebara Ieda F. da S. Folegatti João Batista F. da Silva Roseli Golfetti Silvana Venâncio Freire Wagner Wey Moreira Asdrubal F. Batista Ídico Luiz Pellegrinotti

Em 1979, o grupo diretor do CBCE não estava preocupado em divulgar os nomes dos editores/diretores da *RBCE*, talvez porque isso fosse distinguir a diretoria do Colégio do corpo editorial. Era como se os idealizadores do CBCE quisessem mostrar que o Colégio e a Revista tinham a mesma origem, os mesmos ideais, o mesmo senso de direção.

Os cargos de diretor-responsável, editor-científico, editor-executivo, editor de avaliação, editor de crescimento e desenvolvimento, editor de educação, editor de medicina, editor de psicologia e sociologia, editor de treinamento desportivo e editor-chefe/responsável foram criados em 1980 e continuaram até 1981. A partir de 1982, os editores de avaliação, de crescimento e desenvolvimento, de educação, de medicina, de psicologia e sociologia e de treinamento desportivo não apareceram mais nem foram mencionados nas edições posteriores, o que sugere o início de mudanças na formação do corpo editorial. Além de se manterem o editor-chefe/responsável e o editor-executivo, foram criados os cargos de editor da área pedagógica e editor da área biomédica. Essa divisão das áreas editoriais pode ser vista como indício de que a política editorial do periódico mudava, a ponto de agregar a área pedagógica na Revista.

Entre 1983 e 1985, a Revista apresentou apenas o diretor-responsável, o editor-científico, o editor-executivo e o editor-chefe/responsável; caíram o editor da área pedagógica e o da área biomédica, criados em 1982. Também se nota que, em 1986, os cargos de editores foram agrupados numa “comissão científica”, sinalizando uma nova estruturação na edição da Revista e mais coesão no grupo quanto às responsabilidades a eles atribuídas, pois não havia distinção entre cargos de editor. Mas cabe ressaltar a inclusão, a partir do segundo número de 1986, do cargo de editor-científico nas duas últimas edições desse ano.

Até 1985, o corpo editorial incluía pesquisadores de três áreas: educação física, medicina e psicologia (cf. QUADRO 2). É notável a ausência de Carlos Roberto Duarte no QUADRO 2, responsável pela Revista no período 1983–1985 e cuja formação acadêmica não é mencionada. Dos oito membros da “comissão científica” de 1986, seis se formaram profissionalmente em educação física: Ademir Gebara, Ieda F. da S. Folegatti, João Batista Freire da Silva, Silvana Venâncio Freire, Wagner Wey Moreira, Ídico Luiz Pellegrinotti e Antonia Dalla Pria Bankoff. A formação profissional de Roseli Golfetti e Asdrubal Ferreira Batista não foi informada. Como se pode deduzir, a formação dos editores se ancorava na área da educação física, e não mais na medicina, como nos anos anteriores. Certamente essa tônica era parte da mudança editorial na *RBCE*.

QUADRO 2
Área de formação dos editores da *RBCE* — 1980–1985

ÁREA DE FORMAÇÃO	EDITORES
Educação física	José Ney Ferraz Guimarães Lamartine Pereira da Costa Manoel José Gomes Tubino Nelson Gomes Bittencourt Maria de Fátima da Silva Duarte Alfredo G. Faria Júnior
Medicina	Osmar P. S. de Oliveira Jorge Pinto Ribeiro Ana Maria Paes de Almeida Tarapanoff Plínio Montemor Marco Antonio Vívolo Maurício Leal Rocha
Psicologia	Sandra Maria Cavasini

Em meio às mudanças, Osmar Pereira Soares de Oliveira foi o único do corpo editorial presente por cinco anos, desde a criação da Revista até 1985, tendo, em alguns momentos, assumido dois cargos, o de diretor-responsável e o de editor-chefe/responsável, como em 1980 e 1981 (cf. QUADRO 1). Permaneceu como diretor-responsável por três anos e editor-chefe/responsável por seis anos consecutivos. Essa permanência pode ser uma das justificativas para a manutenção do padrão gráfico-editorial da Revista até 1985, quando ele se afastou da *RBCE*. A partir de 1986, foram introduzidas mudanças editoriais e gráficas.

À primeira vista, a *RBCE* nos parece uma produção autônoma, independente, sem vínculo com o governo. Na seção “Editorial” (n. 3/ v. 1), os editores anunciam que não haveria “[...] nada de credos políticos e religiosos, nada de favorecimentos, mas ética em primeiro lugar. O CBCE poderá estudar a política do esporte, sem fazer política no esporte”¹⁰⁶. A imagem de uma produção independente que os editores tentavam fazer transparecer sugeria distanciamento de publicações antigovernistas e das políticas do governo. Também representava, para a comunidade científica, possível autonomia para publicar os textos que quisesse e certa coesão de ideias do grupo que encabeçava o periódico.

Todavia, embora o CBCE enfatizasse seu periódico como produção autônoma, livre de intervenções externas, há indícios de uma aproximação com o governo militar. No editorial do v. 1, n. 3 de 1980 os editores descrevem:

Nestes últimos meses, o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte manteve importantes contactos com personalidades da mais alta representatividade do esporte brasileiro. Primeiro um encontro em Brasília, depois repetido em São

¹⁰⁶ EDITORIAL. *RBCE*, v. 1, n. 1, 1979, p. 2.

Paulo, com o Cel. Péricles Cavalcanti, Secretário de Educação Física e Desportos do Ministério de Educação e Cultura; em seguida, uma conversa com o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Major Sílvio de Magalhães Padilha, quando em visita ao Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa, em São Paulo; depois, um encontro informal com o presidente do Conselho Nacional de Desportos, Gal. Cesar Montagna de Souza e seu acesso-técnico, Cel. José Maria Covas Pereira. A rigor, nessas conversas procuramos falar pouco ou quase nada do nosso Colégio Brasileiro, mas muito ou quase tudo das Ciências do Esporte. Foi com alegria e entusiasmo que pudemos sentir, sem exceções ou restrições, que o estudo científico, a racionalização do trabalho, o treinamento embasado na ciência e a importância multidisciplinar, já estão incorporados ao nosso esporte – na filosofia desses órgãos e nas “mangas arregaçadas” de seus Presidentes. [...] nós resolvemos investir no indivíduo, ou mais precisamente, no indivíduo que faz ciência no esporte. Na sua vontade de saber e na sua capacidade de estudo.¹⁰⁷

A intenção do grupo de investir no indivíduo, numa época em que se discutiam mais os problemas econômicos do país, adveio da perspectiva pragmática, que, segundo Carvalho¹⁰⁸ toma como princípio a valorização do mérito, do empenho individual, da competência no esporte e da instrumentalização do homem, tornando-o um objeto para fins de competição, investindo nele para ser um “capital *performance*”, características que se alinhavam ao ideário militar. O desenvolvimento desses princípios era direcionado para a modernização, pois características como competição, individualismo, rendimento, mensuração e produção compunham aspectos da educação física que a sociedade de então exigia¹⁰⁹.

Os editores da *RBCE* acreditavam, sobremaneira, na junção de forças com o “[...] cooperativismo multiprofissional, o estilo moderno de melhores resultados para se alcançar objetivos em qualquer linha da atividade humana”¹¹⁰. Negavam “[...] a existência e o valor de todas as associações que congregam isoladamente profissionais dos ramos desportivos”¹¹¹. A cooperação multiprofissional se estendeu a diferentes profissionais em prol das ciências do esporte, estabelecendo-se liames entre áreas do conhecimento, tais como educação física, medicina, psicologia, sociologia, treinamento desportivo e seus campos de atuação.

Representando essas áreas diversas, a diretoria do CBCE e a da *RBCE*, no período em que estudamos a Revista tiveram em comum alguns de seus membros diretores, como está sintetizado no Quadro 3. Em 1980, Plínio Montemor, Osmar P. S. de Oliveira e Sandra Maria Cavasini, do CBCE, compuseram também a diretoria da *RBCE*. Já em 1986 não havia

¹⁰⁷ EDITORIAL. *RBCE*, v. 1, n. 3, 1980, p. 4.

¹⁰⁸ CARVALHO, 2009.

¹⁰⁹ OLIVEIRA, 2001.

¹¹⁰ EDITORIAL. *RBCE*, v. 1, n. 1, 1979, p. 2.

¹¹¹ EDITORIAL. *RBCE*, v. 1, n. 1, 1979, p. 2.

nenhum membro em comum nas duas diretorias, indício de uma desvinculação entre as duas organizações.

QUADRO 3
Membros diretores do CBCE e da RBCE

ANO	MEMBRO	DIRETORIA DO CBCE	DIRETORIA DA RBCE
1980	Plínio Montemor	Vice-presidente de educação	Editor de secção: Medicina
	Osmar P. S. de Oliveira	Tesoureiro	Diretor responsável e editor-chefe
	Sandra Maria Cavasini	Comitê: Psicologia	Editor de secção: Psicologia e Sociologia
1981–1982	Osmar P. S. de Oliveira	Presidente eleito	Diretor responsável e editor
1983–1985	Osmar P. S. de Oliveira	Presidente	Editor responsável

Essa inter-relação entre as duas organizações até 1985 estava patente nos editoriais da Revista, em afirmações como “[...] continuamos acreditando na importância da revista como órgão oficial do CBCE”¹¹², ou: “Além da periodicidade conseguimos manter o bom nível científico da revista, que é uma das propostas do CBCE”¹¹³. Desse modo, a Revista se tornou uma espécie de porta-voz do Colégio, pois acabava por divulgar os anseios, os projetos e as ações determinadas pelos membros do CBCE na busca de agregar profissionais da área das ciências do esporte.

2.2 O contexto editorial e a pesquisa científica

Apesar dessa inconstância do corpo de editores, entre 1979 e 1986 a RBCE publicou 145 textos em 19 seções. A mudança no corpo editorial se traduzia em mudança na divisão e classificação dos textos publicados; provavelmente porque os que passavam a comandar as editorias recém-criadas contribuíam com novos temas, o que exigia novas seções. Ora, está claro que a Revista foi uma construção processual, quase um laboratório de experimentação editorial, em que testavam recursos que pudessem consolidar e fortalecer a linha editorial adotada na gênese do periódico. A profusão de seções exemplifica essa inquietude com a divisão editorial mais adequada. A seguir, o Quadro 4 exhibe os itens que compuseram o Sumário da Revista nesse período.

¹¹² EDITORIAL. RBCE, v. 1, n. 1, 1980, p. 5.

¹¹³ EDITORIAL. RBCE, v. 6, n. 1, 1984, p. 99.

QUADRO 4
Seções e número de textos científicos publicados na *RBCE* — 1979–1986

SEÇÕES	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
Editorial	1	3	2	—	2	3	2	3
Posição oficial	1	—	—	—	—	—	—	—
Textos sem indicação	1	—	—	4	—	—	—	—
Anais do congresso	1	—	—	—	—	—	—	—
CBCE em notícias	1	3	2	—	—	—	—	—
Crônica esportiva	1	—	—	—	—	—	—	—
Diretoria	1	—	—	—	—	—	—	—
Artigo de fundo	—	1	1	—	—	—	—	—
Artigo original	—	12	12	6	5	8	7	—
Mesa-redonda	—	3	—	—	—	—	—	—
Artigo de revisão	—	3	—	1	3	1	1	—
Ponto de vista	—	—	—	—	1	1	—	—
Relato de experiência	—	—	—	—	—	—	1	—
Normas para publicação	—	1	1	1	2	3	2	1
Congressos	—	3	2	—	—	—	—	—
Cursos	—	—	2	1	—	—	—	—
Comunicado dos editores da <i>RBCE</i>	—	—	—	—	2	3	2	—
Formulário de inscrição	—	—	—	—	—	2	2	1
Estudos	—	—	—	—	—	—	—	16

O item “Diretoria” apareceu só no primeiro número e apresentava os diretores do CBCE e a função de cada um. Nos demais números, essa seção não é enumerada no Sumário, mas se apresentou na página anterior ao índice, ora dividindo a mesma página com os editores da Revista, o que ocorreu do n. 1/v. 2, de 1980, ao n. 3/ v. 6, de 1985; ora dividindo a página com os editores e com o índice dos textos publicados nas edições de 1986. Essa seção permite acompanhar as mudanças na composição da diretoria do CBCE e na dos editores da *RBCE* a cada volume.

Em 1979, a seção “Posição oficial”, apresentada só uma vez na Revista, divulgou o artigo “Perda de peso em lutadores”. Apoiada no parecer do Colégio Americano de Medicina do Esporte, essa seção demonstrou a opinião dos editores sobre o assunto. Tal seção, portanto, teria sido criada para assumir e divulgar a posição oficial da Revista e do Colégio especialmente sobre o assunto perda de peso em lutadores e suas principais consequências, expondo aos leitores da *RBCE* a visão teórico-prática do grupo.

As seções “Anais do congresso” e “Crônica esportiva” estiveram presentes na Revista em 1979. A primeira, no número inicial do periódico; nela, foram publicados resumos de artigos componentes dos *Anais* da primeira edição do CONBRACE, realizado entre os dias 3 e 6 de setembro de 1979. Depois disso, não apareceu nas demais edições dos números publicados no período do recorte temporal desta pesquisa; como dissemos (no início deste capítulo), os editores optaram por publicar uma edição especial para veicular tais textos. A “Crônica esportiva”, do professor Osmar de Oliveira, foi criada na edição de 1979 e narrou a

história de criação do CBCE, na qual faz uma analogia entre a instituição do Colégio e o nascimento e crescimento de um bebê.

No triênio 1979, 1980 e 1981, a seção “CBCE em notícias” se fez presente em seis dos sete números publicados. A seção divulgava os acontecimentos científicos e profissionais relativos aos membros e aos diretores do CBCE e da Revista. Noticiava eventos na área de educação física e ciências do esporte, além de relatar informações que mostravam os vínculos do grupo com outros países, em especial os intercâmbios com membros diretores de jornais e revistas internacionais e vários grupos de pesquisas. Desses relatos noticiosos se destacam as viagens feitas por representantes do CBCE para outros países, os congressos nacionais e internacionais promovidos, a criação de laboratórios, as reuniões no Brasil e no exterior, em suma, os intercâmbios realizados pelos editores da Revista e pelos membros do CBCE. A estruturação e linguagem dos textos dessa seção revelam uma feição noticiosa, a apresentação em primeiro plano de atributos essenciais de dado fato para facilitar sua compreensão via relatos. Vejamos dois trechos:

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte estabeleceu com a Université de Sherbrooke em Quebec, Canadá, um intercâmbio pelo qual esta Universidade receberá de modo especial a inscrição de dois profissionais brasileiros recomendados pelo CBCE, para o mestrado em Cineantropologia (com enfoque na Educação Física) que se inicia em setembro deste ano. O CBCE solicita a qualquer interessado enviar para nossa secretaria o “currículum vitae” atualizado e carta explicativa sobre as razões que o levaram a pleitear esta posição. São considerados pré-requisitos: ser membro do CBCE, ter concluído curso superior, ter fluência no francês e compreender textos em inglês.¹¹⁴

Uma nova revista sobre Medicina Esportiva está sendo publicada em 1981. Trata-se do “International Journal of Sports Medicine”, escrito em inglês e com tiragem quatro vezes por ano. Aborda preferentemente temas de medicina interna, fisiologia, biomecânica, bioquímica e morfologia, relacionados à atividade física.¹¹⁵

O item “Textos sem indicação” é uma classificação que adotamos neste trabalho a fim de agrupar os textos não incluídos nas seções explicitadas da Revista. A publicação de tais textos se concentra em 1982; em geral, são artigos científicos voltados para a importância e avaliação da aptidão física e do comportamento de indivíduos de ambos os sexos.

Entre 1979 e 1986, a seção “Editorial” esteve ausente somente no ano de 1982. Espaço para publicar a visão da *RBCE*, os editoriais concentravam informações gerais sobre características do periódico, opinião de editores e considerações sobre os conteúdos

¹¹⁴ CBCE em notícias. *RBCE*, v. 2, n. 1, 1980, p. 36.

¹¹⁵ CBCE em notícias. *RBCE*, v. 2, n. 3, 1981, p. 45.

publicados no impresso. Alguns eram apócrifos, talvez para incluir as pessoas que direta ou indiretamente participavam da produção das edições e, assim, tentar transmitir ao leitor uma noção de unidade do grupo empreendedor da Revista. O “Editorial” do n. 1/v. 2, de 1980, intitulado “Carta aos amigos”, foi assinado pelo CBCE e descreve eventos, viagens e reuniões feitas pelos membros do Colégio. O do n. 3/v. 2, de 1981, foi assinado pelo editor científico Jorge Pinto Ribeiro. Depois disso, a maior parte dos editoriais foi assinada pelos editores, atribuindo responsabilidade a todos eles.

Nessa seção, transparece o empenho de legitimação científica da Revista perante os leitores, como n. 2/v. 2, de 1981, em que os editores reforçam a vontade de se equipararem aos centros de pesquisas internacionais ao falarem de seus propósitos: “Sem alardes ou sensacionalismos, mas de maneira simples e objetiva, tem procurado mostrar ao Brasil os novos rumos das Ciências do Esporte, ao modo como os grandes centros mundiais fazem há bom tempo”¹¹⁶.

Os editoriais são ricos em marcas textuais dessa tentativa de legitimação científica ao atribuir à Revista a posição de publicação científica importante para o desenvolvimento da ciência, como sugere o trecho destacado a seguir:

[...] *O rumo das Ciências do Esporte no Brasil* está traçado, está bem orientado e a Revista Brasileira de Ciências do Esporte *é o registro do caminho que será percorrido*. Este caminho será enriquecido na medida em que escrevamos o resultado de nosso trabalho de forma a *contribuir para o desenvolvimento de nossa comunidade científica*.¹¹⁷ (Grifo nosso).

A partir de 1986, identificamos mudanças no discurso editorial, que passou a mostrar uma perspectiva crítica de educação física. A cargo de outros editores¹¹⁸, o editorial apresentou outra feição textual, pois nele foram inseridos assuntos referentes às ciências do esporte, sobretudo sua importância na sociedade, e especulações mais reflexivas sobre a importância de uma visão crítica. Além de romperem com a configuração anterior, deram um tom mais pedagógico à publicação. Nas três edições de 1986, o “Editorial” se tornou espaço de reflexão sobre o homem, a criança e as mudanças ocorridas no mundo; também salientou a importância da ciência e reforçou tanto a natureza científica da Revista quanto a consciência crítica nas pesquisas feitas na área de educação física e nas ciências do esporte. Vejamos dois trechos desses editoriais.

O Homem criou, finalmente, e só há pouco a Ciência, destacando Homens que pensam cientificamente de Homens que pensam de acordo com o senso

¹¹⁶ EDITORIAL. *RBCE*, v. 2, n. 2, 1981, p. 4.

¹¹⁷ RIBEIRO, Jorge Pinto. Editorial. *RBCE*, v. 2, n. 3, 1981, p. 5.

¹¹⁸ Apresentados no Quadro 1.

comum. Eis que, às portas de mais um século [...] o Homem não se compreende a si e nem ao que está a sua volta.¹¹⁹

As ciências do Esporte integram-se na Ciência do Homem. Estudar cientificamente a atividade do Homem que faz esporte é estudar um capítulo importante da história do mundo, é tentar compreender-se e compreender o que nos rodeia. [...] E o que é ser criança? O que é a infância num país miserável do 3º mundo? Não é o acontecer “natural” das “fases” de desenvolvimento, porque estas alteram-se pelas condições sociais de vida. Será que podemos chamar vida,

a tão somente sobrevivência da maioria das crianças brasileiras? Das crianças que trabalham desde a sua mais tenra idade, da criança que brinca e que joga quando o tempo de trabalho lhe permite o jogar e o brincar? Os alegres folguedos, os amigos, os grupos, os passeios pelo sol, as brincadeiras na chuva, não são a vida de nossos milhões de crianças, mas, são fragmentos, pedacinhos de felicidade forjados na sua luta para sobreviver. Ser criança no Brasil não é um privilégio, não é fantasia, não é sonho. Ser criança já é ser força produtiva, mão de obra barata, exército de reserva. É preciso que a criança seja criança, que o adulto seja adulto, que o homem seja humano. Mas, é preciso também a clareza de que esta humanização, só poderá existir numa sociedade onde as pessoas tenham o direito à VIDA, a qual, é muito mais que o simples sobreviver¹²⁰.

O editorial do n. 1/v. 8, de 1986, assinado por Manuel Sérgio, filósofo e doutor em motricidade humana, ensaísta do fenômeno desportivo, demonstrou o perfil que a *RBCE* incorporaria e é sintomático da mudança de tom:

Olho para esta revista e vejo que, também ela, se apresenta para a mudança, nos termos e nos objetivos, não se deixando coagular numa mentalidade impermeável à crítica. Há nela mesmo uma dúvida socrática que não permite passar do total ao totalitário (como é habitual nalgum analfabetismo hiperpolitizado que nos rodeia) e mantém, vivo, um espírito de reflexão crítica e interrogativa. Essa atitude mental insere-se na tradição pedagógica das grandes filosofias da questão e do pôr-em-causa (com Sócrates, Descartes, Hume, Kant, Hegel e Marx) que sugeriram, na história do pensamento, vias de libertação integral. Tradição essa que representa a alma de toda cultura rebelde às sínteses prematuras propostas (impostas) pelos sistemas repressivos filosóficos e políticos. Perante o assalto à subjugação da palavra, para fazer dela escrava dócil do furor demagógico do Ter e do Poder, nunca será demais apontar revistas, como esta, onde pensar não se recusa o respeito pela Liberdade e pela Justiça não se cobra. Se nos permitem, parabéns ao CBCE, onde a ciência e a consciência são sinais de esperança...¹²¹

¹¹⁹ EDITORIAL. *RBCE*, v. 7, n. 2, 1986, p. 55.

¹²⁰ EDITORIAL. *RBCE*, v. 7, n. 3, 1986, p. 85.

¹²¹ SÉRGIO, Manuel. Editorial. *RBCE*, v. 8, n. 1, set. 1986, p. 114

Os editoriais de 1986 apontaram um momento de certa ruptura com pesquisas de fundo positivista e o início de uma pesquisa mais reflexiva, mais da influência do homem no mundo e de sua inserção na sociedade dotada de cultura, e menos do observável e do mensurável. Os editores queriam

Que o CBCE, quebrando as amarras do absenteísmo, se apresente como centro produtor, fomentador e veiculador da produção do conhecimento nas Ciências do Esporte, envolvendo-se nos debates pertinentes às definições das políticas nacionais de Educação Física e Esportes, vindo a identificar-se assim, com uma prática que perceba as atividades físico-desportivas não mais como um reduto de formação de máquinas de bater recordes, mas sim como um espaço onde o Homem aprenda a se tornar cada vez mais humano.¹²²

Essas palavras fazem transparecer um alerta quanto à importância do profissional de educação física como alguém que tenha visão mais crítica e abrangente de seu campo de atuação, assim como assumem um pensar voltado para necessidades sociais, com ideais mais conscientes e reflexivos, inversamente ao que a Revista se propôs a dizer até aquele momento em seus editoriais.

Criada em 1980, a seção “Mesa-redonda” veiculou estudos apresentados no CONBRACE de setembro de 1979 e publicou a transcrição da mesa-redonda sobre o tema fisiologia, coordenada pelo professor Maurício Leal Rocha. É provável que a criação dessa seção tenha vindo suprir a falta de textos científicos disponíveis aos editores para ser veiculados na *RBCE* ou poderia ser ainda uma forma de ampliar o volume de textos.

De 1980 a 1981, a seção “Artigo de fundo” apresentou dois textos nos seis números publicados nesse período. Criada em 1980 e extinta em 1981, funcionou como uma espécie de extensão do editorial. Caracterizou-se como uma nota de esclarecimento sobre acontecimentos ocorridos com a editoração da *RBCE*, a realização do congresso promovido pelo CBCE e as expectativas do trabalho realizado com a Revista.

De 1980 a 1985, a seção “Artigo original” apresentou 51 artigos, abarcando temáticas variadas e fontes diferentes: revisão de literatura, pesquisas empíricas em laboratórios, descrição de caso e estudos empíricos comparativos. Na seção denominada “Artigo de revisão”, os editores inseriram a tradução do resumo do artigo “Atividade física durante a menstruação e a gravidez” no n. 2/v. 1, de 1980, retirado da revista *Physical Fitness Research Digest*, publicada em Washington, Estados Unidos. Foram publicados também dois artigos apoiados no Parecer do American College of Sports Medicine (Colégio

¹²² EDITORIAL. *RBCE*, v. 7, n. 2, jan. 1986, p. 55.

Americano de Medicina do Esporte), “A quantidade e qualidade de exercício recomendada para o desenvolvimento e manutenção da aptidão física em adultos sadios”, no n. 3/v. 1, 1980, e “O uso e abuso dos esteróides anabólico-androgênicos nos esporte”, no n. 1/v. 2, 1980. São publicações que nos deixam entrever a influência de tais grupos na *RBCE*. Essa seção foi composta tanto por estudos advindos de grupos norte-americanos quanto por autores e grupos de pesquisa nacionais.

A seção “Ponto de Vista” não foi listada no Sumário da Revista, mas na primeira página dos artigos havia a identificação “Ponto de vista”. Os únicos dois textos publicados nessa seção tratavam de considerações sobre os aspectos gerais das ciências do esporte no Brasil. A seção “Relato de Experiência” não foi apresentada no Sumário da Revista nem mencionada na seção “Comunicado dos editores da *RBCE*”¹²³, mas designou o texto “Atividades físico-recreativas para deficientes”, publicado no n. 3/v. 6, de 1985.

A seção “Normas para publicação”, editada de 1980 a 1985, apresentou diretrizes para a apresentação à Revista de artigos decorrentes de pesquisas, estudos e descrições. Das informações aos autores sobre os textos para publicação, os editores destacaram:

*A Revista Brasileira de Ciências do Esporte é uma publicação oficial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Serão considerados para publicação trabalhos sobre investigações originais, estudos ou descrições de casos e artigos de revisão nos tópicos de relevância para a área de Ciências do Esporte. Os trabalhos deverão ser enviados para a publicação na condição de estarem somente sendo submetidos para esta publicação e, portanto não foram ou não serão publicados em outro local*¹²⁴.

Tais normas abrangiam desde a indicação da estrutura necessária a um artigo até instruções gerais, como idioma, unidades de medida, página título, resumo e *summary*, unitermos, texto, página de agradecimentos, referências, ilustrações, tabelas, fórmulas e equações. O recorte a seguir é elucidativo, nesse sentido:

A organização costumeira do texto de um artigo de pesquisa é uma seção introdutória pequena fornecendo a razão para o estudo e incluindo um posicionamento específico do problema estudado; uma seção onde a metodologia e a técnica são descritivas; uma seção de resultados onde os dados, observações e outras informações obtidas são apresentadas e uma seção de discussão em que os resultados são discutidos e interpretações e conclusões são apresentados. Uma seção de sumário não é necessária pois

¹²³ Seção que apresentava aos autores o conteúdo que os trabalhos deveriam abarcar para se adequarem às seções da Revista.

¹²⁴ NORMAS para publicação. *RBCE*, v. 1, n. 2, 1980, p. 39.

esta é a função do resumo. Todas as seções do trabalho deverão ser escritas em gramática correta assim como com brevidade e clareza. Em nenhuma página do texto são permitidas notas de rodapé. Notas não numeradas podem aparecer ao final do artigo com propósito de apresentar informações especiais sobre técnicas e equipamentos, e endereços atuais dos autores. Tais notas deverão ser datilografadas em espaço duplo na página de agradecimentos¹²⁵.

Em 1981, os editores acrescentaram outra orientação aos autores interessados em publicar na Revista: “A critério do Editor Científico poderão ser publicados resumos de temas livres apresentados em congressos, cursos sobre temas básicos para os quais não haja bibliografia adequada e traduções de artigos já publicados em outros países”¹²⁶. Essa indicação parece justificar a veiculação de cursos e mesas-redondas ocorridos em congressos promovidos pelo CBCE, assim como a tradução de artigos e resumos extraídos de revistas estrangeiras, talvez para completar a quantidade mínima de textos da *RBCE*, pois o número de trabalhos enviados parecia ser insuficiente para a composição de cada volume.

Em 1986, “Normas para publicação” foram impressas como “Instruções para os autores”, que alteravam alguns critérios; essa seção não foi listada no “Sumário” dos n. 3/ v. 7 e n. 1/v. 8 de 1986, mas esteve presente nessas edições. Assim, os textos deveriam ser inéditos, obedecer à sequência preconizada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e não exceder 12 páginas. Nessas instruções, nada se mencionou sobre ilustrações, tabelas, fórmulas e equações como indispensáveis aos artigos.

A seção “Congressos” permaneceu na Revista entre 1980 e 1981, quando veiculou a divulgação de eventos em áreas ligadas às ciências do esporte. Apresentava o tema de simpósios e congressos regionais, nacionais e internacionais, além do local e data em que ocorreriam. Os eventos internacionais divulgados na Revista ocorreram em Chicago, Honolulu, La Crosse, Porto Rico e Miami, nos Estados Unidos; Roma, na Itália; Moscou, na Rússia; Estocolmo, na Suécia; Praga, na República Checa; Tbilisi, na Geórgia; Ontário, no Canadá; Buenos Aires, na Argentina; Viena, na Áustria; e Tóquio, no Japão. Como se pode depreender, os editores se empenharam em fazer dessa seção um noticiário sobre eventos diversos, embora o periódico fosse quadrimestral, o que talvez fizesse esse noticiário perder seu valor como algo atual para o leitor, por causa da distância temporal entre a publicação dos números da Revista e a data de realização dos eventos.

¹²⁵ NORMAS para publicação. *RBCE*, v. 1, n. 2, 1980, p. 41.

¹²⁶ NORMAS para publicação. *RBCE*, v. 2, n. 2, jan. 1981, p. 34.

A seção “Cursos” apareceu em quatro números da Revista. Estruturalmente, os cursos foram veiculados como texto direcionado a pesquisadores da área de fisiologia, medicina do esporte e a profissionais interessados em pesquisa sobre aptidão física. Foram publicados dois cursos, divididos em três partes respectivas, cada qual publicada em números subsequentes da Revista. Um deles — Curso de Metodologia Científica — foi veiculado nos n. 2/v. 2, n. 3/v. 2, e n. 1/v. 3, de 1981, a fim de apresentar processos estatísticos que auxiliariam aos pesquisadores das ciências do esporte analisar fatos e fenômenos abrangentes da área. Além disso, o curso mostrava como fazer pesquisa científica voltada para uma abordagem científica do esporte, mostrando as etapas, os conceitos estatísticos importantes para realização de testes, a metodologia empregada na coleta dos dados, as formas de organizar os dados obtidos em testes e o modo de sistematizar os resultados.

Na seção “Comunicado dos editores da *RBCE*”, o corpo editorial solicitava aos membros do CBCE, em especial aos pesquisadores, para que enviassem textos científicos ao periódico. Relataram que muitos trabalhos eram enviados a congressos, mas poucos à Revista; aliás, justificaram a ênfase na área biológica dizendo que a *RBCE* não recebia textos de outras temáticas em conformidade com as normas de publicação. Mas é preciso considerar que tais normas se referiam, sobretudo, a unidades de medida, ilustrações, tabelas, fórmulas e equações, isto é, a elementos de uma linha positivista e tecnicista de pesquisa. Nesse caso, pode-se aventar a falta de estímulo à submissão de trabalhos de outras temáticas e/ou áreas não relacionadas com a pesquisa experimental. Palafox¹²⁷, fazendo uma análise de publicações científicas sobre aspectos filosófico-pedagógicos na área da educação física, identifica que havia vários pontos de direcionamento da política pedagógica para as pesquisas e escolas na área de educação física fundamentadas em pressupostos internacionais que deveriam adequar os temas à medicina esportiva, ao aprimoramento da aptidão física e ao esporte de alto nível. Se isso explica certa dificuldade de acesso dos professores de educação física às pesquisas, também ajuda a entender por que poucos artigos eram enviados para publicação. Naquele contexto, a própria formação dos professores de educação física em geral e sua falta de experiência em publicação científica compunham entraves à pesquisa e à produção intelectual de algo inédito e original. Fazer pesquisa nos moldes preconizados pela Revista até 1985 exigia voluntários, tempo livre, aparelhos para testes e outros requisitos,

¹²⁷ PALAFOX, Gabriel Humberto Muñoz. *Educação Física no Brasil: aspectos filosóficos-pedagógicos subjacentes à política nacional em ciência e tecnologia para esta área no período 1970–1985*. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Estudos Pós-graduados em Educação da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

exigências que não se coadunavam com as atividades dos professores de Educação Física, sobretudo a escolar, uma vez que se aproximavam mais das condições de trabalho de professores pesquisadores vinculados a universidades, assim como de alunos ligados a núcleos e laboratórios de pesquisas.

Caracterizado no “Sumário” da Revista como seção, o item “Formulário de inscrição” apresentava um formulário, propriamente, para o profissional se cadastrar no CBCE. Ele deveria ser preenchido pelo profissional ou estudante interessado em se associar ao Colégio, com dados pessoais e acadêmicos, depois enviado à caixa postal da instituição e, caso o registro não fosse aprovado pelos diretores, o pagamento seria devolvido. Embora a Revista estimulasse a associação ao Colégio ao veicular esse formulário, o seu preenchimento e o pagamento da inscrição não garantiam a condição de associado do CBCE nem da RBCE. No item “Qualificações para as categorias” do formulário de inscrição, os editores determinavam critérios ao associado quanto à identificação de sua categoria profissional ou acadêmica: ser “Membro pesquisador” exigia, no mínimo, uma publicação como autor principal e três coautorias em órgão de divulgação científica reconhecido pelo CBCE ou apresentação de dois trabalhos como autor em eventos científicos que o CBCE reconhecia, ou ainda ter publicado livro, tese ou dissertação relativos à área de ciências do esporte; a categoria “Membro efetivo” exigia conclusão de graduação universitária e apresentação escrita por dois membros pesquisadores; para ser “Membro estudante”, o candidato deveria frequentar curso de graduação universitária e ter apresentação escrita por um membro pesquisador. O membro receberia “[...] periodicamente a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, o *Boletim de Ciências do Esporte*, o Diploma de membro do CBCE, a carteira de sócio, além de se beneficiar com descontos em todas as atividades promovidas e/ou apoiadas pelo CBCE”¹²⁸. Em meio a esses benefícios, incluídos num único valor de assinatura e inscrição, pode-se aventar a intenção dos editores de atribuir, ao leitor, um status de cientista e, à Revista, um meio de elevar seu reconhecimento profissional na área, por intermédio das publicações.

Nas três edições de 1986 identificamos que a nova comissão de editores procurou mostrar ao leitor uma nova forma de apresentar a RBCE, criando a seção “Estudos” para classificar os artigos ali publicados, dando a entender que os textos teriam um significado de conhecimento adquirido por meio de análise e reflexão, dando uma nova imagem às publicações do periódico. Esses traços indicando uma nova etapa para a Revista foram

¹²⁸ FORMULÁRIO de inscrição. RBCE, v. 5, n. 3, 1984, p. 94.

apresentados também, no que tange à formatação, à capa, ao leiaute, aos assuntos tratados, enfim, ao modo como a *RBCE* se apresentou ao leitor nessas edições.

Nas edições finais de 1986 (n. 3/v. 7 e n. 1/v. 8), a *RBCE* divulgou, na página posterior à do editorial, o Programa Nacional de Educação em Saúde através do Exercício Físico e do Esporte, do Ministério da Saúde associado ao da Educação (não listada no QUADRO 4 como seção da Revista porque não foi indicada em seu Sumário). O intuito do programa era “[...] rediscutir o binômio EXERCÍCIO e SAÚDE em um contexto atual e amplo”¹²⁹, a fim de melhorar a qualidade de vida da população pela prática de exercícios físicos e do esporte, utilizando-os para educar e fortalecer a educação física na escola e avaliar seus efeitos na população em geral. A veiculação desse programa deixa entrever que o periódico servia a propósitos governamentais ao anunciar as ações propostas pelo governo e aproximava a revista das políticas do Estado.

A forma de organização do conteúdo editorial da *RBCE* ao longo do período em que a estudamos é esta que acaba de ser esboçada. Essa distribuição consolidou-se enquanto a Revista era produzida, ou seja, enquanto a composição do corpo editorial se definia em favor de concepções científicas da área, ciências do esporte, fundamentadas tanto em estudos de natureza tecnicista quanto em pesquisas de cunho crítico e reflexivo. Os critérios de seleção de artigos e autores se alinharam aos objetivos que se pretendia atribuir aos novos modelos de pesquisa científica, manifestados em textos traduzidos e transcritos de outras revistas. Muito provavelmente, a escolha foi feita para divulgar e legitimar um ideário que a *RBCE* queria inculcar em novos pesquisadores e na própria forma de se conceber a educação física.

A intenção de se estabelecer no campo das ciências dos esportes aparece no próprio “Formulário de inscrição” publicado do n. 3/v. 5, de 1984, ao n. 3/v. 6, 1985, em que os editores adotam a versão em inglês da denominação do Colégio, *Brazilian College of Sport Sciences*, como identificação no formulário. Essa poderia ser uma tentativa dos diretores do CBCE e editores da Revista em querer torná-lo visível a partir de uma espécie de chancela internacional à comunidade científica.

Acreditamos que as seções da *RBCE* dão pistas de uma intenção clara de consolidar um meio de divulgação da ciência em prol de novos modelos de pesquisa no campo das ciências do esporte. Além disso, vemos as seções e o que divulgavam como estratégia para dar visibilidade ao grupo idealizador da *RBCE* e às suas pesquisas no cenário brasileiro. Assim, mais que publicar

¹²⁹ PROGRAMA Nacional de Educação em Saúde através do Exercício Físico e do Esporte. *RBCE*, v. 7, n. 3, 1986.

textos, esse periódico procurava angariar novos membros-assinantes para estabelecer e fortalecer o grupo do CBCE, no Brasil e quiçá no exterior.

2.3 A circulação

Até aqui, tentamos apontar o discurso emanado do CBCE e fundador do periódico *RBCE*. Ativemo-nos às circunstâncias de sua criação, em que se inclui a definição de uma linha editorial guiada pela direção do Colégio e pelo corpo editorial da Revista, cuja formação acadêmica dá o tom do conteúdo. Além de se materializar na impressão dos textos que compõem o conteúdo editorial, esse teor científico apresenta outras marcas, em diferentes aspectos, como, por exemplo, na tipografia e no leiaute das capas.

Entender a tentativa de obter mais assinantes supõe conhecer a forma de circulação da *RBCE*. Seguindo a periodicidade quadrimestral de publicação, cada volume da Revista contém três números correspondentes aos meses de janeiro, maio e setembro, respectivamente. Desde a primeira edição, em 1979, até o n. 3/ v. 2, em 1980, a Revista foi editada na sede do Colégio em São Caetano do Sul. A partir do n. 1/v. 3, de 1981, o envio de artigos e textos passou a ser encaminhado para uma caixa postal na cidade de Volta Redonda, Rio de Janeiro. Em 1983, a partir do n. 2/v. 4, o envio de trabalhos era destinado à cidade de São Paulo, também para uma caixa postal. Essas informações foram apresentadas no expediente da Revista.

Desde sua fundação, foi distribuída por assinatura paga. Todos os membros associados do CBCE, automaticamente, tornavam-se assinantes do periódico, recebendo-o em seus domicílios ou nas instituições onde trabalhavam. O Quadro 5 representa a categoria de cada assinante e os valores estabelecidos em cruzeiro (Cr\$) para cada tipo de assinatura. Os Quadros 5 e 6 omitem alguns valores porque a própria Revista os omitia.

Esses quadros demonstram reajustes no valor dos exemplares e das assinaturas para cada categoria de associado. Nesse período, o país passava por uma crise econômica, ocorrendo um grande aumento dos valores dos produtos. O Quadro 5 mostra o aumento expressivo do valor das taxas para assinante anual devido à inflação. Nota-se que, a partir de 1983, os editores disponibilizaram, para novos assinantes, as edições anteriores, tanto o volume completo quanto cada número avulso. O periódico, em maio de 1983, passou a ser vendido também no exterior, tendo seu valor estabelecido em dólar. Os valores das edições de 1986 não foram divulgados na Revista, do que se pode pressupor que talvez tenham permanecido os mesmos do último reajuste.

QUADRO 5
Valor da assinatura da *RBCE* em cruzeiro (Cr\$)

FORMA DE AQUISIÇÃO	SET./1979	JAN./1980	JAN./1981	MAIO/1981	MAIO/1983	JAN./1984	MAIO/1985
Assinatura anual para estudante	Cr\$ 300	Cr\$ 500	Cr\$ 500	Cr\$ 1.250	—	—	—
Assinatura anual para pesquisador	Cr\$ 1.000	Cr\$ 1.000	—	Cr\$ 2.500	—	—	—

QUADRO 6
Valor dos exemplares da *RBCE* em cruzeiro (Cr\$) e dólar (US\$)

FORMA DE AQUISIÇÃO	SET./1979	JAN./1980	JAN./1981	MAIO/1981	MAIO/1983	JAN./1984	MAIO/1985
Valor do exemplar avulso	Cr\$ 100	Cr\$ 150	Cr\$ 200,00	—	Cr\$ 4.000	Cr\$ 5.000	Cr\$ 20.000
Valor dos volumes anteriores	—	—	—	—	Cr\$ 12.000	Cr\$ 15.000	Cr\$ 50.000
Valor dos volumes anteriores para exterior	—	—	—	—	US\$ 11	US\$ 11	US\$ 11
Valor do exemplar avulso para exterior	—	—	—	—	US\$ 4	US\$ 4	US\$ 4

Fonte: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA¹³⁰

Para fins elucidativos, fizemos a conversão dos valores das assinaturas e dos exemplares da Revista para a moeda atual, o real (R\$). Após a conversão dos valores, fizemos a média entre eles. Assim, da moeda cruzeiro (Cr\$) para Real (R\$), o valor do exemplar avulso e dos volumes anteriores corresponde, respectivamente, a R\$ 50,01 e R\$ 188,89. A conversão dos valores em dólar (US\$)¹³¹ para Real (R\$) é de aproximadamente R\$ 45,51 para o exemplar avulso e de R\$ 125,42 para os volumes anteriores. No que tange aos valores das assinaturas (QUADRO 5), a Revista informou apenas os valores em cruzeiro (Cr\$) que, convertidos para Real (R\$) em média corresponderiam a R\$ 109,47 para a assinatura anual no caso de estudante e de R\$ 295,44 para pesquisador.

¹³⁰ RIO GRANDE DO SUL. *Fundação de Economia e Estatística*. Disponível em:

<http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/servicos/pg_atualizacao_valores.php>. Acesso em: 18 out. 2010.

¹³¹ Cotação oficial do dólar — US\$. Cf. DI TIZIO, Iberê Luiz. *Cotação oficial do dólar*. Disponível em:

<<http://www.ditizio.ecn.br/tabelas/dolar.html>>. Acesso em: 18 out. 2010.

Atinente às mudanças financeiras nesse período, Skidmore¹³² afirma que houve aprofundamento da crise econômica por causa do aumento dos juros das taxas internacionais e nacionais, elevando, assim, os preços dos produtos. Em 1980, a inflação foi de 110,2%, decorrente dos cortes nos investimentos das empresas estatais e do declínio do capital privado investido no país. Esse desequilíbrio inflacionário justificou o grande e rápido aumento dos valores da assinatura. Ainda naquele ano, o editorial n. 2/v. 1 destacou o custo das mercadorias. Os editores ressaltaram que diminuíram o “tamanho da letra” do impresso e o número de páginas porque “o papel estava caro”, reforçando a ideia conjuntural do período de crise econômica.

Apesar de essa crise afetar as publicações da *RBCE*, não foi mencionado em suas edições o interesse de torná-la um veículo de *merchandising*, ou seja, de veicular anúncios para obter recursos pela venda de espaço publicitário em suas páginas. Percebemos que a atitude de seus editores foi recorrer ao sistema de assinatura e à venda de exemplares avulsos, uma forma de gerar mais recursos financeiros para imprimir edições futuras. Entendemos que, a venda avulsa se mostrou importante para não interromper a continuidade das edições. Também contribuíram para isso a decisão dos editores de estabelecer valores em dólar, o que poderia ter ajudado a aumentar a abrangência no mercado de vendas, além de vincular a *RBCE* a instituições e grupos de pesquisa estrangeiros. A *RBCE* não informa quantos exemplares produziu e distribuiu, mas informa onde pôde chegar de 1979 a 1981: circulou em 78 cidades destes estados: Amazonas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe, além do Distrito Federal.

¹³² SKIDMORE, 1994.



LEGENDA

- Estados brasileiros onde a RBCE circulou
- Estados brasileiros onde a RBCE não circulou

FIGURA 1 – Estados brasileiros onde circulava a RBCE

Fonte: RBCE, n. 3/v. 2, 1981, p. s/n.

2.4 O leitor

Apesar de uma orientação político-editorial que excluía alguns leitores, dada a especificidade dos assuntos veiculados, a distribuição feita através dos Correios e a divulgação ser limitada à ação dos diretores e dos editores, a RBCE circulou em quase todo o território nacional em 1981. Obviamente, a escolha de o que publicar pressupõe a definição de um público leitor; e o fato de a Revista não ter chegado, naquele momento, a Alagoas, ao Amapá, ao Acre, ao Espírito Santo, à Rondônia e a Roraima permite aventar que o leitor-alvo eram pessoas ligadas à pesquisa científica nas disciplinas que compõem as ciências do esporte. O periódico se refere a seus leitores, porém não define claramente quem são. Mas a ficha de inscrição do CBCE oferece condições de delinearmos um tipo de leitor: o estudante da universidade, ou mesmo seu professor/ pesquisador, pois a universidade brasileira é, senão o principal, um dos principais centros de pesquisa do país. Em suma, era um leitor especializado, com conhecimento prévio para superar certas barreiras, como o hermetismo dos textos de divulgação de pesquisas científicas e a terminologia que foge à compreensão e ao interesse do leitor acostumado a uma linguagem mais cotidiana.

Notamos que, dos seis estados onde a *RBCE* não circulou até 1981, três deles não haviam instituído o curso de Educação Física. Esse fato, sendo coincidência ou não, permite supor que seria um dos motivos da não existência de assinantes da Revista, mesmo que esta não se voltasse só para a área de educação física, mas também a outras áreas ligadas às ciências do esporte.

No exterior, as publicações da Revista atingiram 19 cidades em 13 países: Arábia Saudita, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, Estados Unidos, Guatemala, México, República Dominicana, Suécia e Venezuela. Apesar de a Revista não fornecer dados sobre o número de exemplares e a quantidade assinantes, percebe-se que houve ampla divulgação e distribuição do periódico. Em dois anos de existência (1979 a 1981), conseguiu efetivar tal abrangência em virtude dos contatos estabelecidos com pesquisadores desses outros países durante eventos, congressos e reuniões realizadas no Brasil e no exterior, onde os membros do CBCE divulgaram a Revista. Cabe destacar que as primeiras edições foram encaminhadas para os principais centros de investigação da área. No exterior, sua divulgação e circulação foram garantidas pelo estreito vínculo entre seus editores e membros do American College of Sports Medicine. Nesse sentido, o Brasil passou por uma forte influência das pesquisas realizadas no exterior, sobretudo de laboratórios dos Estados Unidos, e essa foi a forma que os editores da *RBCE* encontraram de se estabelecerem no campo das ciências do esporte e no universo editorial, mantendo o intercâmbio com esses importantes centros de pesquisa.

É notório que o envolvimento do Estado norte-americano com o governo militar brasileiro iniciado em 1964 não se restringiu a formar militares segundo a doutrina da U. S. Army School of Americans¹³³, na zona do canal do Panamá. Outra forma de suporte ao regime implantado foram a cooperação e cooptação no campo educacional. A educação física no Brasil, inserida nesse campo, também foi influenciada. No campo do esporte, alinhou-se aos códigos internacionais, em especial a práticas desportivas desenvolvidas e disseminadas por países como os Estados Unidos e Alemanha, tentando estabelecer um modelo cultural.

¹³³ Principal centro de treinamento intensivo de oficiais militares latino-americanos, com base na doutrina de Segurança Nacional. Cf. GERMANO, José Wellington. *Estado militar e educação no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994, p. 55.

2.5 Aspectos gráficos

O teor do discurso que caracterizamos até aqui ecoa também na dimensão (tipo)gráfica da *RBCE*, na capa, na apresentação gráfica dos textos, nas ilustrações e nas fotografias. A seguir, buscamos identificar as marcas desse teor nos elementos que compõem a linguagem gráfica da *RBCE*. Partimos do começo, da capa.

2.5.1 As Capas

A capa da *RBCE* contém o nome do periódico, o logotipo do CBCE, dados sobre a edição (mês, ano, volume e número) e uma representação gráfica mais austera, sóbria, o que sugere um movimento ascendente, nos remete à imagem de uma escada. Como o periódico apresentava o “Expediente” (espaço que reúne as funções e os nomes das pessoas que participaram da produção geral da revista) de forma incompleta, isto é, não mencionava a função e o nome de todos os profissionais envolvidos na produção, não foi possível identificar os dados sobre a elaboração gráfica. Embora haja créditos ao impressor e a quem fez a composição da Revista, não se especifica se a composição abrange o desenho da capa e a elaboração do projeto gráfico.

Nesse sentido, analisando a representação gráfica e o que se destaca na capa, vemos que se diferencia pela cor, pelo tamanho e pela posição. O espaço da capa foi dividido em dois campos: o canto superior à esquerda, um quarto da mancha gráfica, onde está o nome do periódico, e outro no canto inferior direito, também um quarto, onde está a logomarca do CBCE. Ambos ocupam espaços similares em proporção. A cor de fundo da capa permaneceu branca, mas a das letras mudava conforme o volume de cada número, assim como mudava a cor do elemento abstrato. Os dados sobre a edição ocupam horizontalmente a parte inferior direita da capa, logo abaixo da logomarca do colégio. Esse tipo de composição, sobretudo a falta de textos de chamada, coaduna-se com capas típicas de periódicos ligados a instituições de ensino superior.

A expressão que compõe o título-logo da *RBCE* é vazada em dois tipos de letra, que a separam tipograficamente em duas expressões menores dispostas uma sobre a outra. “Revista brasileira de” é impressa em letras sem serifa¹³⁴, maiúsculas, correndo horizontalmente; “ciências do esporte” é estampada em tipo serifado, negrito, com maiúsculas, disposta sob a outra locução, verticalizando o sentido da tipografia da nomenclatura (ciências do esporte) . O

¹³⁴ “Serifa: pequeno traço que aparece na extremidade das hastes de uma letra. Também chamado remate, filete. Exemplo: A, B. Quando não existe esse traço diz-se letra ou tipo sem serifa, com em A, B.” HENDEL, Richard. Glossário. In: _____. *O design do livro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 213–216.

tamanho da letra, o posicionamento e a direção das locuções põem em destaque tipográfico-visual a segunda locução; isto é, enfatizam o norteamento da temática do periódico em termos do conteúdo. Como elemento gráfico da composição, o logotipo do CBCE por si só já se destaca pela própria posição que ocupa. De certa forma, concorre com o nome da Revista, como elemento de atração do olhar, tendo apelo visual similar. Disso se pode deduzir que a Revista traduz o Colégio e este, aquela; um e outro estão integrados, não se dissociam. A vinculação estreita da Revista com o CBCE é reforçada na folha de rosto do periódico pela frase “Órgão de Divulgação Oficial do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte”, presente em quase todas as edições.

Essa disposição gráfica apresentou poucas mudanças de 1979 a 1985. Praticamente manteve os mesmos elementos iniciais e o mesmo arranjo, havendo mudança somente na cor em cada edição.



FIGURA 2 – Composição gráfica da capa que perdurou até 1985

Fonte: RBCE, 2003.

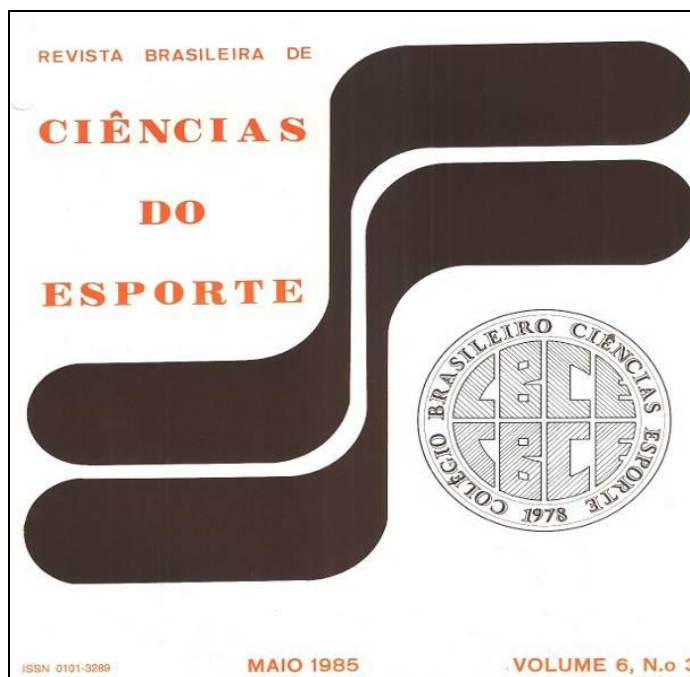


FIGURA 3 – Última versão da capa antes da renovação no leiaute com rearranjo dos elementos gráficos e acréscimo de outros

Fonte: RBCE, 2003.

Nos primeiros 17 números analisados, 1979–1985, as capas apresentaram uma única composição gráfica, o que acabou estabelecendo uma marca registrada da Revista. Se, por um lado, a regularidade e a simplicidade visual (ausência de imagens e uso de duas cores) resultavam em economia nos custos de impressão — logo, de produção —, por outro deixavam a capa monótona, repetitiva, pouco informativa, desvinculada do conteúdo. Com efeito, a monotonia da capa parece ter preocupado os editores da RBCE. Assim, a partir do n. 2/v. 7, de 1986, a composição gráfica das capas começou a mudar.

Na primeira edição de 1986, a capa ganhou outro elemento de composição gráfica, uma fotografia estampada. A imagem fotográfica exhibe duas crianças próximas a uma bola, o que nos parece uma tentativa de representar não apenas o tema da Revista, mas também o momento histórico, em que a sociedade voltava suas atenções para as questões sociais. Se assim o for, então, mais que enriquecer a composição visual da capa, a fotografia parece anunciar o conteúdo do periódico no contexto político do país, fazendo o papel de um texto de chamada.

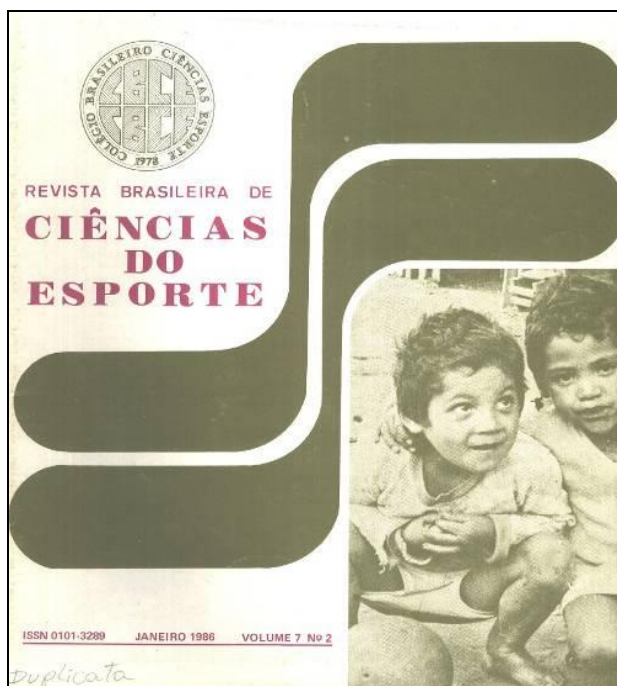


FIGURA 4 – Reprodução da capa que indica mudanças editoriais na Revista (RBCE, n. 2/v. 7, 1986)
Fonte: RBCE, 2003.

Por ser elemento novo na composição gráfica da capa, a fotografia escolhida merece reflexão. O conteúdo da imagem parece corroborar o mote do conteúdo editorial: o esporte. Com efeito, essa imagem de certa forma ilustrou parte do que foi publicado nesse número da Revista, qual seja, o artigo “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista”, que discutiu a importância de se considerar a educação física segundo as condições socioeconômicas, políticas e culturais para que pudesse “[...] colaborar com a funcionalidade e harmonia da sociedade na qual se insere”¹³⁵. Esse texto sugere a ideia de situar as aulas de educação física no contexto social e histórico em que a criança vive e não impor o esporte com suas regras; proporcionar a elas momentos de socialização e coletivismo, de modo a discutir a importância de cada momento da aula e contribuir para o processo de transformação social.

Além disso, o jogo sugerido pela imagem fotográfica da capa não se coaduna com a ideia de jogo de bola como esporte de alto nível, a ponto de motivar a pesquisa científica e as práticas de educação física mediante experiências laboratoriais. Antes, o jogo suscitado pela fotografia deixa entrevê-lo como atividade de lazer, recreação, uma atividade lúdica, brincadeira livre de regras, sem hora para começar e para acabar. É o que os pés descalços, o

¹³⁵ BRACHT, Valter. A criança que pratica esportes respeita as regras do jogo... capitalista. RBCE, v. 7, n. 2, jan. 1986, p. 63.

chão de terra e as roupas puídas parecem sugerir, assim como sugerem as condições socioeconômicas precárias dessas crianças, de um ambiente marcado pelo imprevisto. Além disso, os “atletas” exibidos pela imagem fotográfica fogem à ideia de atleta pressuposta em esportes de alto nível, não parecem competidores, mas amigos, quiçá irmãos; são crianças, e não adultos, não estão preparados com roupas e calçados apropriados à atividade.

Para dar lugar à imagem fotográfica, houve um rearranjo dos elementos gráficos. A logomarca do Colégio foi deslocada para o mesmo espaço ocupado pelo nome da Revista, onde se juntaram sem diminuir o tamanho da letra nas duas locuções do nome. Se antes a logomarca do Colégio ficava numa posição inferior à da designação da Revista, na nova composição ela passou a ocupar o espaço superior, acima do nome; embora menor, ficou mais visível porque o desenho da logomarca contrasta com o das letras. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que esse arranjo demarcou posições, evidenciando o CBCE e a RBCE. Por fim, o Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas (ISSN)¹³⁶ e as informações sobre a edição foram agrupadas na parte inferior esquerda da capa, sobre uma linha horizontal, como se compusessem um campo informacional único.

Essa capa rearticulada graficamente durou bem menos tempo que sua matriz. Mas sinalizou o desejo de mudança do corpo editorial, já que nesse momento a política do país estava sendo reestruturada com uma transformação na forma de governo, agora democrática. Essa vontade de mudança estava presente no corpo social que endossava campanhas pela liberdade de expressão e por uma sociedade mais justa e igualitária, segundo Skidmore¹³⁷. Nesse sentido, percebemos que a Revista, de certo modo, expressava em suas páginas a aspiração por mudanças sociais para a maior parte da população, a qual ansiava por melhores condições de vida.

No ano seguinte, surgia outra capa. Nessa, em vez de acréscimo de elementos gráficos, houve supressão — da figura abstrata impressa nas edições anteriores (n. 1/ v. 1 ao n. 3/v. 6 de 1985) e (n. 2/v. 7 de 1986). A fotografia introduzida na composição gráfica (FIGURA 5)

¹³⁶ Em inglês, International Standard Serial Number. Trata-se do “[...] identificador aceito internacionalmente para individualizar o título de uma publicação seriada, tornando-o único e definitivo. Seu uso é definido pela norma técnica internacional da International Standards Organization ISO 3297. O ISSN é operacionalizado por uma rede internacional, e no Brasil o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) atua como Centro Nacional dessa rede. O ISSN identifica o título de uma publicação seriada em circulação, futura (pré-publicação) ou encerrada, em qualquer idioma ou suporte físico utilizado (impresso, online, CD-ROM etc). O ISSN é composto por oito dígitos, incluindo o dígito verificador, e é representado em dois grupos de quatro dígitos cada um, ligados por hífen, precedido sempre por um espaço e a sigla ISSN.” BRASIL. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. ISSN. Disponível em: <<http://www.ibict.br/secao.php?cat=ISSN>>. Acesso em: 16 nov. 2010.

¹³⁷ SKIDMORE, Thomas E. *Uma história do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. Tradução Raul Fiker.

ocupa todo o espaço da capa como um fundo, sobre o qual se imprimem o nome da Revista, o logotipo do Colégio e dados técnicos da edição.

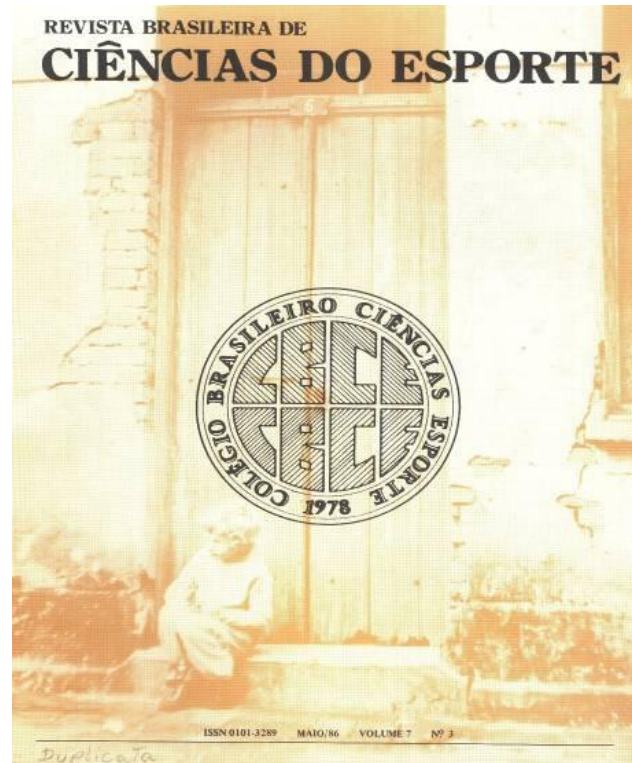


FIGURA 5 – Reprodução da capa indicando a mudança gráfica

Fonte: RBCE, 2003.

Essa capa, além de deixar entrever uma opção de ordem política, também permite supor que o corpo editorial fez uma reflexão maior, considerando-a como um recurso estético para atrair a atenção do leitor, para “vender” a Revista. Ela apresenta uma composição mais harmônica do que as anteriores; há menos “competição” entre o aspecto gráfico e o textual, tal é a distribuição deles. Cada elemento apresenta aspectos de que precisa para se destacar. O título ocupa o topo da capa, horizontalmente, mas ainda partido em duas locuções que ocupam, cada qual, uma linha; o destaque tipográfico à segunda locução, “ciências do esporte”, se mantém, com letras maiúsculas negritadas e maiores, de uma margem à outra, destacando o escopo da Revista. Mais que isso, supostamente a diretoria e o corpo editorial acataram algo que é tradição gráfico-editorial em revistas diversas, de projeção ou não: da posição do título do periódico no topo da folha de capa, horizontalmente e em letras grandes. A logomarca do Colégio, no centro da página, impõe-se, mas não mais que os outros

aspectos gráficos e textuais. A imagem fotográfica se projeta graças a sua dimensão e a sua função de fundo. As informações textuais referentes ao número de registro e os dados da edição ocupam uma parte horizontal discreta no rodapé da página, mas se beneficiam da posição da criança retratada: não há como ver uma e ignorar a outra. Assim, vemos um equilíbrio que nos leva a supor que houve preocupação com a função de vitrine da capa. Talvez essa preocupação tenha sido motivada por um desejo de alinhar a *RBCE* a periódicos afins, cuja capa combinava os mesmos elementos que a *RBCE*, mas distribuídos com mais harmonia e com mais coerência com o conteúdo, como se pode deduzir dos exemplos a seguir, da *Revista Brasileira de Educação Física e Desporto*, periódico da área referido no capítulo 1.



FIGURA 6 – *RBEFD*, capa do v. 7 n. 26, 1975
Fonte: *RBEFD*, v. 7/ n. 26, 1975.



FIGURA 7 – RBEFD, capa do v. 8/n. 29, 1976
 Fonte: RBEFD, v. 8/n. 29, 1976.

Ainda sobre a capa do n. 3/v. 7, de 1986, permaneceu uma parte do tema da fotografia que ilustrou a capa da edição anterior a essa, n. 2/ v. 7, 1986. Uma criança num contexto de condições socioeconômicas precárias, insinuadas pelo que parece ser uma casa de construção antiga, cuja porta fechada pode ser indício de que a criança retratada não residia ali, assim como não se pode dizer que os meninos retratados na fotografia anterior residissem na área onde foram fotografados. Por isso insistimos na ideia de contexto. Nessa ótica, o puído na roupa dos meninos retratados na capa anterior se alinha ao puído no rodapé da porta de madeira; a terra solta do chão batido ecoa no reboco que parece estar se soltando da parede; é verdade que os pés descalços dos meninos exibidos na imagem anterior não têm equivalente nos pés calçados mostrados na imagem dessa capa. Desse modo, essa nova capa nos indica um propósito para a educação física, segundo o qual suas investigações poderiam contribuir para a criação de condições melhores de ensino, de lazer, de desenvolvimento social, voltando o olhar para a situação das condições da educação física no país.

Essas mudanças na composição gráfica da capa replicaram, também, na linha editorial, em especial no conteúdo dos textos, cujos títulos dão a ideia de que a reflexão passou a abranger outras questões associadas ao esporte e à educação física, pois é patente a presença de termos do campo semântico da educação, tais como “ensino de primeiro grau”, “alunos de 1ª a 4ª séries escolar” “nível pré-escola”, como se nota no sumário do n.

3/v. 7, de 1986. Até então, os textos focavam exclusivamente na relação entre esportes e educação física; ou seja, é como se a educação física não fosse disciplina educacional, uma parte da formação escolar, da formação do cidadão. Essa representação gráfica da mudança reitera a ideia de que a linha editorial da *RBCE* se impõe, se replica, se mostra textual e visualmente.

2.5.2 Apresentação gráfica dos textos e sua disposição

Como mencionamos anteriormente, os periódicos de divulgação científica vinculados a universidades e centros de pesquisa científica acabam servindo como parâmetro do modelo de publicação que veicula experimentos, achados científicos, concepções, valores, juízos, ideologias etc. Nessa leitura, do ponto de vista (tipo)gráfico dos textos da *RBCE*, a apresentação gráfica e a divisão textual seguem o modelo típico de revistas acadêmicas.

No n. 1/v. 1 e n. 2/ v. 1 da *RBCE*, os textos foram diagramados em uma única coluna, exceto a seção “CBCE em notícias”, divulgada no n. 2/v. 1. A partir do n. 3/v. 1, de 1980, até o n. 2/v. 4, de 1983, os textos, as normas para publicação e a seção “CBCE em notícias” foram dispostos em duas colunas. O “Sumário”, o “Editorial”, os “Resumos” e os “*Abstracts*” dos artigos, as seções “Artigo de fundo”, “Comunicado aos editores” e “Congressos” foram dispostas em uma coluna só. A partir do n. 3/v. 4, de 1983, os “Resumos” e “*Abstracts*” dos artigos, os textos e as normas para publicação foram diagramados em duas colunas. O “Sumário”, o “Editorial”, o “Formulário de Inscrição” e a seção “Comunicado aos editores” foram mantidos numa coluna única. Nas três edições de 1986, a formatação dos textos foi modificada: no n. 2/v. 7, de 1986, os “Resumos” e os “*Abstracts*” foram dispostos numa caixa de texto no canto superior direito da página, e os textos dos artigos foram divididos em três colunas; no n. 3/v. 7 e n. 1/v. 8, de 1986, a diagramação seguiu outro padrão, sendo “Resumos” e “*Abstracts*” apresentados numa coluna só, separados por linhas horizontais na parte superior e inferior, e o texto dos artigos em duas colunas. Textos, ilustrações e gráficos foram impressos em preto e as capas foram estampadas em cores.

Por um lado, a diagramação dos textos em uma coluna marca a disposição gráfica do texto de periódicos de divulgação científica; além disso, remontam à apresentação gráfica de textos que materializam trabalhos científicos, tais como monografias, dissertações de mestrado e teses de doutorado, embora possa haver variações diversificadas, conforme os propósitos e o conteúdo. Contudo, é a inconstância que parece ser mais significativa, pois sugere certa experimentação na feição gráfica da Revista,

como se quem a diagramasse estivesse testando leiautes possíveis para apresentar graficamente os textos e elementos não textuais. É provável que apresentação dos textos da *RBCE* em colunas, típica de jornais e revistas impressos, manifestasse uma preocupação com o leitor na condição de consumidor de um artefato cultural cuja experiência de consumo deveria ser facilitada para ser estimulada.

2.5.3 As Ilustrações

Até 1985, alguns textos publicados pela *RBCE* se valeram de recursos não textuais, como tabelas, gráficos, ilustrações¹³⁸ e fotografia. O uso de gráficos e tabelas dá uma medida da abordagem quantitativa das pesquisas veiculadas pela Revista. Os desenhos são recursos ilustrativos para elucidar e sintetizar ideias, conceitos, exemplos etc. Na *RBCE*, destacamos esse uso elucidativo e informacional que aparece no texto “Índices de flexibilidade de colegiais, obtidos de exercícios específicos em espaldar sueco e a mãos livres, pelo método estático”, publicado no n. 2/v. 5, de 1984. A ilustração (FIGURA 8) reúne 20 desenhos do corpo humano em posições diferentes do exercício ginástico necessárias à realização do exercício físico no espaldar sueco, aparelho da ginástica olímpica.

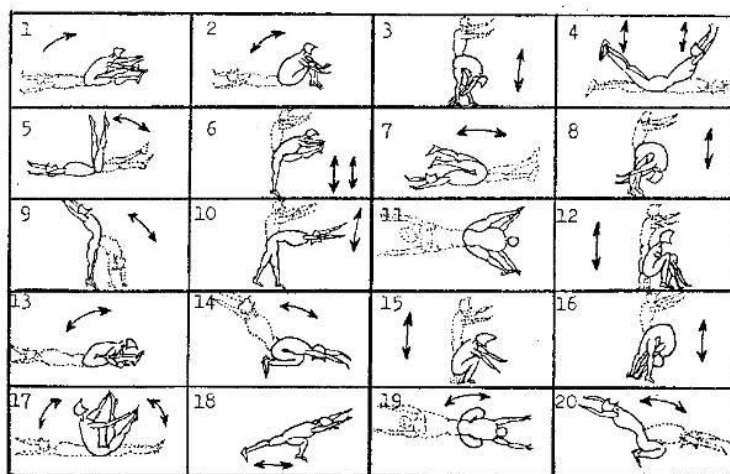


FIGURA 8 – Desenho representando vários exercícios ginásticos para serem executados no espaldar sueco com as mãos livres
Fonte: *RBCE*, n. 2/v. 5, 1984, p. 44.

¹³⁸ Segundo Alan Male, a partir do século XIX, a ilustração ganhou corpo como uma forma precisa de capturar o mundo físico e intelectual. Seja em preto-e-branco ou em contornadas, em livros didáticos elementares ou livros para estudantes de nível avançado, em livros populares de referência ou em enciclopédias para eruditos, quase toda área do conhecimento se submeteu ao escrutínio visual amplo e à pesquisa de ilustradores na Inglaterra vitoriana. Em termos gerais a ilustração funcionaria como meio instrucional por excelência, que engaja o leitor com conteúdo da mensagem. Cf. MALE, Alan. *Illustration: a theoretical and contextual perspective*. Lausanne, Suíça: Ava, 2007, p. 90; 91.

Noutro texto, publicado no n. 3/v. 1, de 1980, “Correlação entre medidas antropométricas e força de membros inferiores”, os autores incluíram duas ilustrações do corpo humano em contornos (FIGURA 9) na posição de pé, com algumas linhas pontilhadas assinalando medidas antropométricas nos membros inferiores (peso, dobras cutâneas, altura, altura tronco-cefálica, comprimentos aparentes e comprimentos reais de membros inferiores, da coxa e da perna, perímetro da perna e coxa), demonstrando como foi aplicado o teste nos indivíduos.

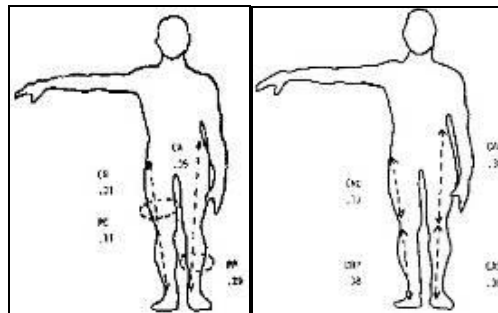


FIGURA 9 – Pontos assinalados indicam correlação linear simples entre impulsão horizontal e medidas antropométricas nos membros inferiores

Fonte: *RBCE*, n. 3/v. 1, 1980, p. 27-28.

A representação em contornos do corpo humano aparece também no artigo “Eletromiografia de exercícios abdominais: um estudo piloto”, publicado na edição do n. 1/v. 6, de 1984. São onze desenhos (FIGURA 10) do corpo humano em formas diversas de movimento na execução de exercícios para o abdômen, como se vê na reprodução a seguir.

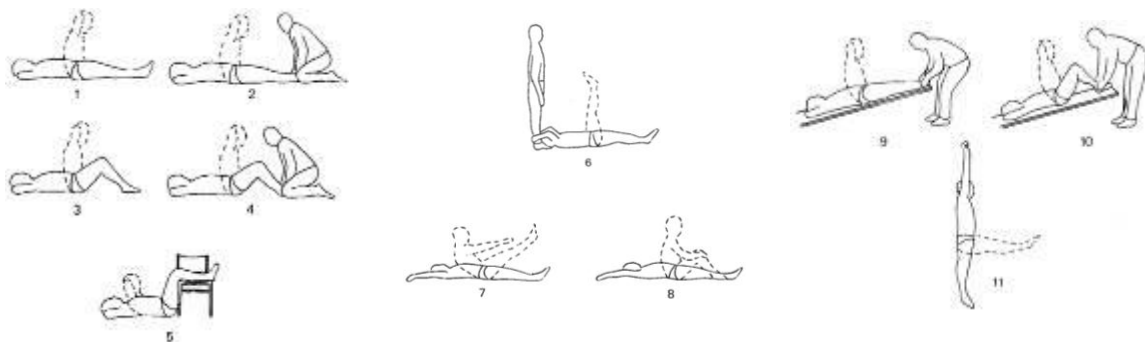


FIGURA 10 – Desenhos de exercícios ginásticos específicos para abdômen

Fonte: *RBCE*, v. 6, n. 1, 1984, p. 111-113.

Outro desenho esquemático (FIGURA 11) foi publicado no “Estudo do efeito da cafeína em diferentes níveis de exercício” (n. 2/ v. 6 de 1985) e ilustra como seria o acoplamento de quem faz dado teste com o equipamento próprio para fazê-lo.

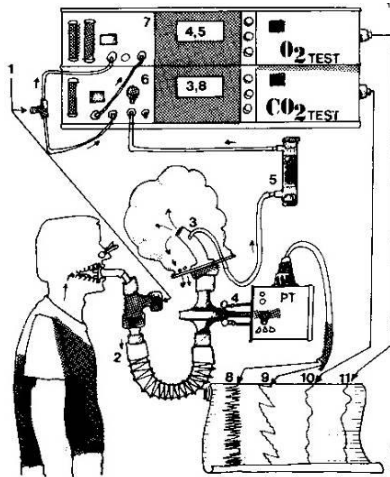


FIGURA 11 – Sistema de registro aberto empregado na análise da função respiratória durante exercícios
Fonte: *RBCE*, v. 6, n. 2, 1985, p. 141.

Também publicado no n. 2/v. 6, de 1985, o artigo “Flexibilidade e aptidão física: revisão de literatura” contém o desenho de uma pessoa na posição de quem está realizando o teste de sentar e alcançar de Wells e Dillon (FIGURA 12), diga-se de passagem, um dos testes mais praticados para esse tipo de análise. Outra ilustração nesse texto é o flexômetro de Leighton (FIGURA 13), aparelho que consiste num disco dividido em graus, em que os ponteiros se movem livremente, conforme a ação da gravidade os afeta, e mede quase 30 movimentos articulares com precisão.

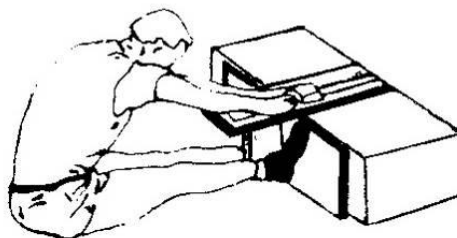


FIGURA 12 – Forma de medir flexibilidade no Teste de Wells e Dillon
Fonte: *RBCE*, v. 6, n. 2, 1985, p. 160.

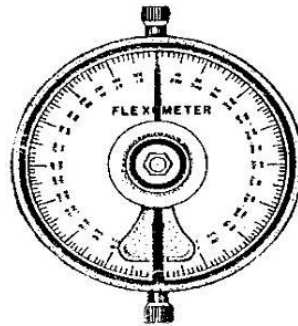


FIGURA 13 – Flexômetro de Leighton
Fonte: *RBCE*, v. 6, n. 2, 1985, p. 161.

No artigo “Respostas respiratórias e circulatórias a diferentes níveis de tensão muscular”, publicado no n. 3/v. 5, de 1984, o autor ilustrou a realização de teste no cicloergômetro e como os equipamentos para ergoexpirometria, eletromiograma, eletrocardiograma e pressão arterial teriam sido acoplados à pessoa durante o teste (FIGURA 14). As pessoas que realizaram o teste pedalarão uma bicicleta ergométrica de frenagem eletromagnética, graduada em watt. A eletromiografia foi usada para quantificar a atividade elétrica desenvolvida nas intensidades diversas de contração muscular.

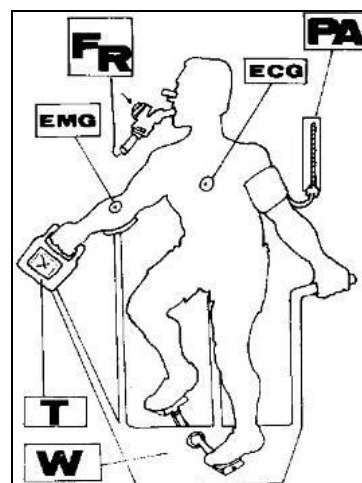


FIGURA 14 – Análise da composição e o fluxo do ar expirado
Fonte: *RBCE*, v. 5, n. 3, 1984, p. 78.

O texto “Potência anaeróbica alática em indivíduos treinados e não treinados”, do n. 3/v. 1, de 1980, contém desenhos representativos de como uma escada e um relógio foram usados na aplicação de um teste de velocidade de subida vertical pelo método de Margaria (FIGURA 15).

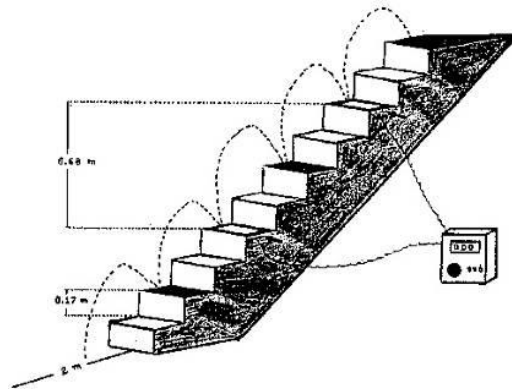


FIGURA 15 – Representação de instrumentos materiais usados no teste de Margaria
Fonte: *RBCE*, v. 1, n. 3, 1980, p. 13.

O artigo “Comparação do VO_2 max através de metodologias de avaliação direta e indireta em esteira rolante e pista”, do n. 3/v. 4, de 1983, inclui outros exemplos de ilustração; o desenho ilustra o esquema básico simplificado do aparelho ergo-oxyscreen e o acoplamento dos equipamentos (FIGURA 16).

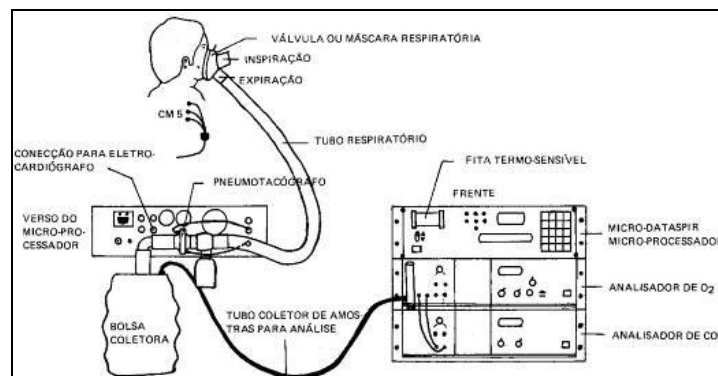


FIGURA 16 – Instrumento de mensuração ergoespirométrica
Fonte: *RBCE*, v. 4, n. 3, 1983, p. 82.

A fotografia foi um elemento visual raro na Revista no período estudado. Foram necessários 16 números para que a imagem fotográfica aparecesse na capa da *RBCE* como elemento de composição gráfica. Nos textos das edições aqui analisadas, houve um único caso de uso da fotografia para ilustração (FIGURA 17).

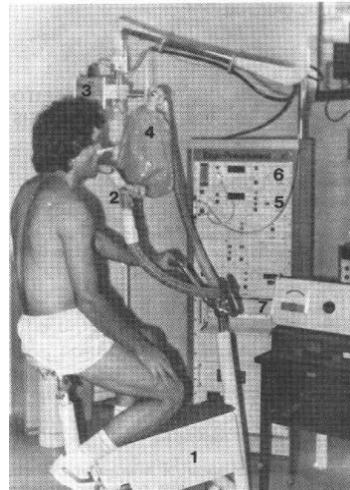


FIGURA 17 – Foto ilustrativa do esquema básico simplificado do Ergo-oxyscreen
Fonte: *RBCE*, v. 6, n. 2, 1985, p. 140.

Como se vê, em essência essa iconografia remete ao treinamento e à mensuração, ideias que permearam muitos dos textos publicados até 1985. Assim, além da forma do movimento, os recursos visuais exibem as formas e os modelos de teste para aferir o que o movimento pode desencadear no corpo. Embora preponderassem como recurso visual elucidativo, os desenhos apareceram pouco nos textos, e preferencialmente para representar movimentos em certos exercícios físicos e aparelhos usados para testes variados, conforme o propósito de cada pesquisa (antropométricos, respiratórios, de flexibilidade e ergonômicos). O uso de tais recursos era decisão a ser tomada pelos autores, mas deveria seguir as recomendações editoriais sintetizadas na seção “Normas para publicação”, como o uso de imagens em preto e branco. É possível que tal recomendação tivesse justificativa financeira, pois imprimir em cores aumentaria os custos de produção da Revista.

Esse conjunto iconográfico revela uma articulação intrínseca com os testes aplicados na realização das pesquisas, pois visava elucidar claramente o método usado, a forma como foi feito e as posições de aplicação, prevenindo eventuais dúvidas e questionamentos do leitor. Mais que isso, reitera a presença da ilustração como um escrutínio visual do corpo e de aparelhos usados para mensurá-lo. Recurso recorrente cada vez mais na ciência experimental, a iconografia ampliou as possibilidades semânticas dos textos, porque oferecem outra possibilidade de leitura da descrição verbal de um experimento, um tipo de ponte que estreita

a distância entre o leitor e a compreensão precisa do texto, uma espécie de “olho mágico”¹³⁹ da ciência sobre os corpos, conforme Soares. Mais que isso, veio suprir a necessidade de um olhar mais exato sobre os gestos e sobre a precisão e a economia de forças, demandas das novas configurações dos espaços de convivência social e do mundo do trabalho.

Considerando a imagem como elemento material da Revista, entendendo-a para além dos textos não verbais, como parte fundamental do próprio suporte e suas formas de composição, pode-se dizer que estas referem-se à produção de efeitos e sentidos sobre as formas de leitura dos textos publicados¹⁴⁰. Portanto, todos os recursos de imagens veiculados na Revista certamente tinham um propósito, um objetivo; pois sinalizavam uma forma de organização, hierarquização, intencionalidade, concepção de homem, mundo e de Educação Física.

2.6 Composição editorial e gráfica no teor científico da *RBCE*

Essa tentativa de apontar evidências editoriais e gráficas do teor científico da *RBCE* desde sua criação não se propõe a ser exaustiva. No conjunto relativo ao período aqui recortado, a Revista oferece uma riqueza de possibilidades de se tomá-la como registro material, logo, histórico e intelectual de dado contexto passado. Porém, mesmo não sendo exaustiva, cremos que essa tentativa dá mostras da constituição de um significado e de uma política editorial que guiaram as formas como a Revista veicula e expõe seus textos ao seu público leitor e a leitores eventuais. Nossa intenção foi apontar alguns indícios da manifestação do teor científico do periódico nas dimensões gráfico-editorial e textual. Como se viu, a *RBCE* tem características elementares que se assemelham a traços de publicações científicas do presente. Por outro lado, como se trata da construção do processo editorial e gráfico voltado para um sentido de educação física, com um caráter científico, acreditamos que esse processo possa ter tido falhas, também patentes na materialidade da Revista, na apresentação gráfica dos textos e nos demais recursos visuais de composição gráfica. Assim, as edições da Revista traduzem uma ideia de construção e, de certo modo, formação da sua composição editorial, como se o periódico estivesse sendo planejado, isto é, como se tivesse sendo criado à medida que era publicado.

Como revista de ciências do esporte, é normal que a construção da *RBCE* apresentasse o rigor formal, a padronização e a regularidade, que se espera do experimento e da pesquisa

¹³⁹ SOARES, Carmen Lúcia. Do corpo, da educação física e das muitas histórias. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, set./dez. 2003, p. 131.

¹⁴⁰ Cf. BICCAS, 2008.

científicos. Mas o tom discursivo formal que se impõe maciçamente nos seus artigos veiculados apresenta discrepâncias com os textos dos editoriais, que revelam certa informalidade, certa pessoalidade, enfim, certa intimidade com o leitor, o que pode nos indicar também uma forma que os editores encontraram para se aproximarem do leitor, de fazê-lo sentir parte do grupo *CBCE/RBCE* sendo vistos como “[...] uma forma descontraída da *RBCE* falar aos seus leitores”¹⁴¹:

Como você está?

Eu estava com saudades ... e ansioso por este reencontro. Então resolvi escrever esta carta especial. São tantas coisas para dizer que peço desculpas se esquecer de contar ou lembrar alguns fatos. Afinal, meus afazeres (quantos!) não me deixam descansar ... o tempo dos quefazeres já se foi.¹⁴²

Ao mesmo tempo em que permitia o uso de imagens (desenhos e fotografias) para elucidar o texto e enriquecer a experiência de leitura, oferecendo outro meio de expressão do conteúdo, a *RBCE* admitia, por exemplo, a diminuição do “tamanho da letra” para caber mais texto, pois assim o número de páginas também diminuiria e, conseqüentemente, o custo.

A *RBCE* estabeleceu normas de publicação — referidas no “Editorial” do n. 3/v. 6, de 1985, ao pedir que “[...] por favor leiam com atenção as normas, pois já estamos um pouco cansados de bancarmos os ‘co-autores anônimos’, corrigindo erros de Português, refazendo gráficos, refazendo resumos em Inglês, colocando data em referências bibliográficas, etc”¹⁴³. Mas tais normas não se preocupavam em pedir aos autores que informassem a fonte ou a autoria dos desenhos e das fotografias que ilustraram a Revista. Como se vê, o rigor científico não cobria todos os elementos envolvidos na construção do periódico.

Outro indício da construção do planejamento editorial ou da ausência de um projeto gráfico foi a inconstância no modelo de diagramação dos textos. No período em que a estudamos, a *RBCE* estampou o expediente da Revista de modo incompleto, que supostamente daria os créditos devidos ao projetista gráfico, ao diagramador, ao capista, ao revisor de texto — supõe-se que a Revista tivesse um revisor com base neste trecho das normas de publicação: “[...] o português será o idioma de publicação e os trabalhos só serão enviados para revisão caso estejam em português”¹⁴⁴. A ideia de comprimir o nome-logomarca da Revista num quarto de página parece ir contra uma tendência visível em periódicos de linha editorial semelhante à da *RBCE*: situar o nome da publicação no topo da capa, horizontalmente,

¹⁴¹ EDITORIAL. *RBCE*, v. 4, n. 2, jan. 1983, p. 29.

¹⁴² EDITORIAL: carta aos amigos. *RBCE*, v. 2, n. 1, 1980, p. 5.

¹⁴³ EDITORIAL. *RBCE*, v. 6, n. 3, 1980, p. 175.

¹⁴⁴ NORMAS para publicação. *RBCE*, v. 1, n. 2, 1980, p. 40.

ocupando quase toda largura da página de capa e com destaque tipográfico, em geral, letras maiúsculas. cremos que um profissional da composição gráfica de revistas teria seguido essa tendência; prova disso é que mudaram a partir de 1986 a posição do nome na capa e o tipo de letra em que era vazada. Outro indício de formação e experimentação pode ser visto na presença do número de ISSN na capa. Caso se tome a primeira vez em que este aparece na capa como o momento em que o periódico o obteve, então podemos afirmar que a *RBCE* foi publicada até o fim de 1981, por três anos, sem o registro que a singularizaria no universo dos periódicos. Mais que isso, talvez esse tenha sido o tempo necessário ao ajuste da Revista à norma técnica que condiciona a concessão do número.

Do que foi exposto, conclui-se que a *RBCE*, no período em que a estudamos, buscou construir um modelo para as ciências do esporte, por meio da linguagem verbal, visual e (tipo)gráfica consubstanciada por padrões de estudos de origem norte-americana e por influências de investigações e pesquisadores brasileiros.

E que, no decorrer de suas edições, foi construindo sua identidade editorial (o tipo de texto, o conteúdo, a diagramação etc. e gráfica como publicação do CBCE e como forma de estimular a pesquisa científica e de divulgar resultados do que era feito então no campo das ciências dos esportes e da educação física.

Capítulo 3

CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO FÍSICA VEICULADAS NA
REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Nas páginas escritas por uns e por outros, as vozes estavam presentes. No estudo e no silêncio tentamos escutá-las e fazê-las nossas. As dúvidas serão, então, múltiplas e recíprocas.

(Roger Chartier)

A educação física é construída historicamente e sua constituição abarca ciências como a anatomia e a fisiologia, a psicologia, a matemática e a física — esta tida como cultura do físico, campo da criação de técnicas esportivas sofisticadas, veiculadora de ideologias, cujo compromisso científico é o estudo do homem em movimento¹⁴⁵. Como construto histórico, cremos que a educação física existe em função do homem, ser individual e social, porque é produto da ação humana; é cultural em sentido amplo e fecunda para manifestações individuais e coletivas; mais que isso, é transmissora e transformadora da cultura, sobretudo das atitudes simbólicas relativas ao corpo humano mediante a ginástica, o esporte, a dança, as lutas e outras formas de manifestação física do corpo. Nesse campo, as ciências relativas à educação física e aos instrumentos de sua aplicação fazem um intercâmbio transversal.

A educação física também suscita reflexões filosóficas e abriga questões políticas e sociais, as quais a orientam em suas finalidades teóricas e práticas. Ela não se reduz a uma disciplina nem a um campo de pesquisa; antes, transcende as esferas esportiva, médica, matemática, disciplinar e formativa, porque pressupõe uma atividade prática embasada no movimento do corpo humano, que é, também, uma prática cultural, porque é simbólica, porque se vincula a características próprias do ser humano, ou seja, a suas condições afetivas, psicomotoras e intelectuais, que não ficam incólumes às condições desfavoráveis de uma dessas características. A ação explícita da educação física é sobre o corpo, sem dúvida. “Mas os benefícios extrapolam o corporal”¹⁴⁶ e suas funções não se esgotam no seu relacionamento com o indivíduo, que é integrado a um contexto social do qual faz parte, também, a educação

¹⁴⁵ OLIVEIRA, Vitor Marinho de. *O que é educação física*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

¹⁴⁶ OLIVEIRA, 2004, p. 39.

física. Em suma, é plausível dizer que a característica essencial da educação física é o movimento humano, porque ela desenvolve potencialidades humanas como fenômeno que sociabiliza o homem com seu grupo direto, que é a família, e com outros grupos que o circundam, como o profissional, o escolar e o lúdico, por exemplo.

Como instância educacional, a educação física deve, em vez de reproduzir modelos, auxiliar as pessoas a encontrar seu melhor aproveitamento; sua tarefa não se resume ao exercício de ensinar, pois esse é um meio e não o fim. Isso porque “Educação não é sinônimo de polidez, quietude, disciplina, obediência, nem mesmo ilustração”; tampouco “de aprendizagem, quando despida de valores abonados pelo grupo social”¹⁴⁷. Educação física é educação quando “[...] reconhece o homem como o arquiteto de si mesmo e da construção de uma sociedade melhor e mais humana”¹⁴⁸, é reconhecida por ele como espaço construído e recriado dialeticamente.

As concepções de educação física como construção histórico-cultural, como educação, ou como campo de saber aberto às ciências médicas, à psicologia, à matemática, à física e à especulação filosófica são mudadas ao longo da história e ao sabor dos tempos, de ideologias, dos regimes políticos, e de diversos interesses, justamente porque se vincula a contextos que também mudam historicamente. Também é provável que, sejam quais forem as concepções em dada época, estas tenham sido propaladas para contextos diversos, escolares e não escolares, em que a educação física está presente. Se na escola a divulgação de tais concepções se apoia, sobretudo, no currículo, isto é, nas aulas embasadas nele, fora dela os meios de comunicação, se encarregam de divulgar a forma como a educação física é vista e os fins a ela atribuídos.

Dito isso, esta pesquisa busca delinear concepções de educação física veiculadas pela *RBCE*, tomada aqui como objeto de estudo e, ao mesmo tempo, como fonte. No campo da investigação histórica, é corrente a compreensão de que as fontes não falam por si, por isso têm de ser interrogadas pelo pesquisador, com base em vestígios e fragmentos materiais. Também corrente é a noção de que a própria ideia de fonte e de sua importância para a pesquisa é uma elaboração lenta e densa, resultante de cruzamentos e reverberações próprios de cada tempo pretérito que se quer conhecer no presente com base numa percepção também

¹⁴⁷ OLIVEIRA, 2004, p. 46.

¹⁴⁸ OLIVEIRA, 2004, p. 46.

do presente. Noutros termos, “Talvez neste momento possamos pensar que não há dados naturalmente organizados, mas historicamente construídos”¹⁴⁹.

Com efeito, é a percepção corrente de fonte histórica que subjaz à nossa análise de textos¹⁵⁰ publicados no século passado na *RBCE*. A investigação sobre concepções de educação física nesse periódico objetiva proporcionar o entendimento do que era veiculado e a relação com a história que a Revista construía desde sua criação, no contexto político, social, econômico e cultural do país. Nesse sentido identificamos que o período recortado nesta pesquisa perpassa do último governo da ditadura militar até o início da redemocratização do Brasil, momento esse que, a sociedade almejava por uma transformação na política, na economia, na educação etc, devido o autoritarismo excessivo e as repressões físicas e ideológicas dos militares.

Para isso buscamos apontar, a partir do exame de 94 textos publicados pelo periódico entre 1979 e 1986, visões de homem e de mundo pelo viés das concepções de educação física neles expressas. A leitura desses textos levou à identificação de quatro concepções de educação física — concepção prático-esportivista, concepção médico-biologicista, concepção quantitativo-comportamentalista e concepção histórico-social, as quais abrangem temáticas diversas. Cabe ressaltar que não pretendemos confrontar comparativamente tais conceitos numa lógica de valoração ou juízo. Nossa intenção é analisar os textos publicados de modo que se possa vê-los historicamente, isto é, como algo que contém vestígios e pistas do passado no conteúdo publicado pela *RBCE*. Ou seja, buscamos ler historicamente os textos publicados pelo periódico e ele próprio como objeto, à luz da premissa de que registram o passado.

Para reconhecer as concepções de educação física nas páginas da Revista, através dos textos, fizemos deles uma leitura analítica. O escopo deste trabalho não permitiria uma apresentação crítica minuciosa de todo o conteúdo dos textos; todos foram lidos, mas selecionamos aspectos que convergiam mais para os propósitos da pesquisa. Por isso, foram “recortados” trechos que possibilitassem ressaltar as concepções identificadas. A demarcação das concepções apresentadas não é rígida, nem unânime, tampouco incontestável. Antes, trata-se de uma delimitação e configuração, dentre outras, de

¹⁴⁹ SOARES, Carmem Lúcia. Do corpo, da educação física e das muitas histórias. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, set./dez. 2003.

¹⁵⁰ Designa-se, neste trabalho, como “textos” todo material que manuseado como fonte para esta investigação, pois de acordo com as discussões feitas no capítulo anterior, muitos artigos publicados não foram articulados em nenhuma seção por parte dos editores do periódico. Desse modo, fazem parte desta discussão as seções, “Posição oficial”, “Textos sem indicação”, “Mesa-redonda”, “Artigo original”, “Artigo de revisão”, “Ponto de vista”, “Relato de experiência”, “Cursos” e “Estudos”, para melhor compreensão das concepções de educação física na *RBCE*.

apresentá-las, pois constituem campo profícuo para o debate acadêmico no âmbito da educação e da educação física.

3.1 Concepção prático-esportivista

Os textos delimitados nessa concepção (QUADRO 7) se prestam ao reconhecimento — e à análise — de habilidades físicas para averiguação de desempenho e rendimento na realização de atividades esportivas, assim como à identificação de uma avaliação do desempenho, do aprimoramento de habilidades físicas e de técnicas específicas empregadas pelos indivíduos na concretização de dado movimento ou dada sequência. Eles permitem supor que a concepção prático-esportivista tinha espaço relevante no conteúdo do periódico, como se fosse um tipo de norte para análises de desempenho dos atletas. Além disso, as características identificadas nos trechos evidenciam a influência de uma tendência tecnicista engajada ao modelo positivista de educação física, marcada pela presença da matemática na análise do estudo experimental — calculável, testável e avaliável segundo modelos de testes padronizados.

QUADRO 7

Textos da concepção prático-esportivista de educação física publicados pela RBCE — 1979–1986

TÍTULO	AUTOR	EDIÇÃO.
1 Perda de peso em lutadores	Parecer do American College of Sports Medicine	v. 1, n. 1, 1979
2 Avaliação da potência anaeróbica: teste de corrida de 40 segundos.	MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues.	v. 1, n. 1, 1979
3 Técnica para a análise da estratégia dos 1500m nado livre	ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de; PEREZ, Anselmo J.; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues.	v. 1, n. 3, 1980
4 Influência do fator sócio-econômico no desenvolvimento somático e neuro-motor do pré-escolar	DE ROSE, R.C.F.; DE ROSE, E.H.	v. 1, n. 3, 1980
5 Correlação entre medidas antropométrica e força de membros inferiores	SESSA, Madalena; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues; TARAPANOFF, Ana Maria P.A.	v. 1, n. 3, 1980
6 A quantidade e qualidade de exercício recomendada para o desenvolvimento e manutenção da aptidão física em adultos saudáveis	Apoiado no parecer do American College of Sports Medicine	v. 1, n. 3, 1980
7 Potência anaeróbica aláctica em indivíduos treinados e não treinados	RIBEIRO, J.P.; LUZARDO A.A.; PETERSÉN R.D; DE ROSE, E.H.	v. 1, n. 3, 1980
8 A frequência cardíaca máxima em nove diferentes protocolos de teste máximo	ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de; BASTOS, Mauro Antônio Pinto Machado; PINTO Nelson Luiz Siqueira; CÂMARA Rubens Sampaio.	v. 2, n. 1, 1980
9 Bateria de testes de aptidão física geral	MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues.	v. 2, n. 1, 1980
10 Aptidão física geral de gêmeas basquetebolistas	MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues.; DUARTE, Carlos Roberto.	v. 2, n. 2, 1980
11 Estratégias para comparação de performances de nadadores de diferentes especialidades	ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de.	v. 3, n. 1, 1981
12 Características de aptidão física em universitários de educação física: um estudo longitudinal	DUARTE, Maria de Fátima da Silva; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues.	v. 3, n. 1, 1981
13 Estudo da correlação entre o somatotipo e variáveis de <i>performance</i> física em escolares	GUEDES, Dartagnan Pinto.	v. 3, n. 3, 1982
14 Desenvolvimento da capacidade aeróbica em treinamento contínuo e intervalado	BALDISSERA, Vilmar.	v. 3, n. 3, 1982
15 Efeitos do treinamento de futebol sobre a PWC170 em escolares	SOARES, Jesus; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues.	v. 4, n. 1, 1982
16 Determinação da sensação subjetiva de esforço em esportistas em diferentes grupos de idade de ambos os sexos	OSSE, Cleuser Maria Campos; CAVASINI, Sandra Mara; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues.	v. 4, n. 1, 1982
17 Aptidão física de remadores brasileiros	PETROSKI, Édio Luiz; DUARTE, Maria de Fátima da Silva.	v. 4, n. 2, 1983
18 Considerações sobre o desenvolvimento da educação física no ensino superior	CARAM, Eliana de Melo.	v. 4, n. 2, 1983
19 Relação entre velocidade de corrida de abordagem e desempenho no salto a distância	MOURA, Nélcio Alfano; MENDES, Olga de Castro.	v. 4, n. 3, 1983
20 Índices de flexibilidade de colegiais, obtidos de exercícios específicos em espalдар sueco e a mãos livres, pelo método estático	VIANA, Adalberto Rigueira.	v. 5, n. 2, 1984
21 Efeito de dois programas de atividade física sobre a aptidão física geral de escolares	DUARTE, Carlos Roberto.	v. 6, n. 1, 1984
22 Avaliação formativa de habilidades desportivas para o basquetebol no contexto da formação do professor de educação física	MIYAGIMA, Cláudio Hiroyoshi.	v. 6, n. 2, 1985
23 Flexibilidade e aptidão física: revisão de literatura	SILVA, Sílvia Corazza da; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues.	v. 6, n. 2, 1985
24 Atitudes dos idosos através da atividade física: uma comparação entre culturas	SÁ, Heloísa Maria De Amorim.	v. 6, n. 2, 1985
25 Atividades físico-recreativas para deficientes	OLIVEIRA, Márcia Dib.	v. 6, n. 3, 1985
26 Correlação entre três testes de flexibilidade e cinco medidas antropométricas em acadêmicos de educação física	VIANA, Adalberto Rigueira.	v. 6, n. 3, 1985
27 O efeito de três programas de salto em profundidade sobre o resultado do salto vertical	OSÉS, Adilson; K'ÖNING JUNIOR, Bruno.	v. 7, n. 2, 1986
28 Influência do início da medição da altura do salto vertical na precisão do resultado final	PEREIRA, Liliam Fernandes da Rocha	v. 7, n. 3, 1986
29 Análise dos resultados de um programa de capacitação aeróbica em universitários da universidade estadual de campinas “UNICAMP”	MOREIRA, Wagner Wey; PELEGRINOTTI, Ídico Luiz.	v. 8, n. 1, 1986
30. Forças de reação do solo na perna de sustentação de jogadores habilidosos e não habilidosos durante chutes numa bola de futebol	ANJOS, Luiz Antônio dos; ADRIAN, Marlene J.	v. 8, n. 1, 1986

Exemplo disso é o artigo “Técnica para a análise da estratégia dos 1500 m nado livre”, de Araújo, Perez e Matsudo, os quais afirmam que

[...] a meta do atleta deverá ser melhorar o seu resultado (tempo), e para isto sua estratégia durante a prova, deverá ser baseada em bases fisiológicas e não nos adversários que ele por ventura enfrentará, pois no momento em que o nadador altera o seu ritmo devido a um adversário, ocorre uma aceleração positiva ou negativa, que acarreta um maior gasto energético e por conseguinte uma provável piora na performance total. Este fenômeno talvez possa ser explicado com base nos resultados de provas de atletismo — longa distância — dos Jogos Olímpicos de Montreal e de testes de 12 minutos em que a dispersão para cada 400m (aproximadamente equivalente em duração aos 100m em natação) é muito maior do que a encontrada na natação, provavelmente devido a uma interferência muito mais acentuada de um atleta sobre o outro.¹⁵¹

Esse trecho deixa entrever a importância do resultado do atleta na competição, o nível de treinamento que deve atingir, a necessidade de uma estratégia na prova e seu desempenho no momento da competição esportiva, seja atletismo ou natação. Essas preocupações se inserem numa concepção prático-esportivista de educação física, em que se reconhece uma busca incessante pela especialização do atleta na preparação para competições. O texto mostra o esporte nessa perspectiva, dentro de um modelo tecnicista, pois buscava orientar para o aprimoramento da técnica e o aperfeiçoamento da aptidão física do atleta.

Tais aspectos são notáveis, também, no texto “Relação entre velocidade de corrida de abordagem e desempenho no salto a distância”, publicado em 1983. Seus autores, Moura e Mendes, se referem à averiguação de variáveis e níveis de aprimoramento técnico no salto em distância.

[...] foi feita essa investigação, com o objetivo de determinar a influência da velocidade média dos últimos dez metros da corrida de abordagem no resultado do salto em distância, em grupo de atletas do sexo masculino de diferentes níveis de treinamento. [...] Os dados encontrados indicam que a velocidade média nos últimos dez metros da corrida de abordagem parece ter sido um fator de grande importância na determinação do desempenho no salto em distância, para esse grupo.¹⁵²

Essas passagens consideram o dado quantitativo como parâmetro para aferir e constatar resultados obtidos na execução do salto; logo, deixam patente a presença de uma concepção prático-esportivista de educação física. A avaliação do desempenho é aferida

¹⁵¹ ARAÚJO, Cláudio Gil de; PEREZ, Anselmo J.; MATSUDO, Victor K. R. Técnica para análise da estratégia dos 1500 m nado livre. *RBCE*, v. 1, n. 3, maio 1980, p. 39.

¹⁵² MOURA, Nélcio Alfano; MENDES, Olga de Castro. Relação entre velocidade de corrida de abordagem e desempenho no salto em distância. *RBCE*, v. 4, n. 3, maio 1983, p. 75–76.

empiricamente, com um grupo de atletas em estágios diferentes do treinamento. O método empírico também foi descrito no texto “O efeito de três programas de salto em profundidade sobre o resultado do salto vertical”, em que Osés e K’öning Júnior assinalam o modo minucioso de aferir com exatidão a avaliação esportiva.

O teste do salto vertical com a metodologia utilizada preconizada por Mathews foi o escolhido para medir a habilidade de deslocar o corpo verticalmente. Cada testado executou três tentativas em que se computou a melhor. Os resultados foram expressos com precisão de centímetros. A análise de covariância foi utilizada para comparar as médias do pós-teste com a influência do pré-teste removida. O teste de Scheffé foi usado para determinar a significância da diferença entre os pares de médias. O teste t para amostras relacionadas foi aplicado para determinar a significância do tratamento para cada grupo no teste do salto vertical.¹⁵³

No recorte acima se pode notar a preocupação de verificar com precisão os resultados obtidos na aplicação do teste para avaliar o desempenho físico. O teste proposto denota o envolvimento dos pesquisadores com metodologias orientadas pelo positivismo; discutem um saber voltado à medição, comprovação e análise numérica, próprias de uma concepção prático-esportivista de educação física, ou seja, do caminho que algumas pesquisas divulgadas na Revista percorreram para mostrar a natureza científica dos estudos.

O texto “Estratégias para comparação de performances de nadadores de diferentes especialidades” também corrobora uma concepção prático-esportivista de educação física. Nele, Araújo propôs estabelecer um padrão de natação (PN) para nadadores, método usado para enquadrá-los em dado tipo de treinamento e, assim, estabelecer a unificação da execução dos movimentos com o desempenho.

As aplicações práticas deste estratagema são inúmeras e entre elas podemos citar: – comparação de *performance* de nadadores masculinos e femininos; – cálculo de melhor índice técnico; – comparação do desempenho de atletas de diferentes modalidades desportivas, desde que estas modalidades sejam individuais e seus critérios de avaliação sejam objetivos e que, além disso, tenham seus valores referência, isto é, PN equivalente, calculados em 1978. [...] através deste método, a *performance* poderá ser expressa por um valor numérico, podendo portanto ser correlacionada com parâmetros fisiológicos, morfológicos, psicológicos, etc.¹⁵⁴

¹⁵³ OSÉS, Adilson; K’ÖNING JÚNIOR, Bruno. O efeito de três programas de salto em profundidade sobre o resultado do salto vertical. *RBCE*, v. 7, n. 2, jan. 1986, p. 58.

¹⁵⁴ ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de. Estratagema para comparação de performances de nadadores de diferentes especialidades. *RBCE*, v. 3, n. 1, set. 1981, p. 22–23.

As estratégias para alcançar desempenho de alto nível deveriam ser aplicadas à luz de uma lógica cujos critérios de avaliação de parâmetros fisiológicos, morfológicos e psicológicos favorecessem a evolução do desempenho dos atletas nas modalidades esportivas. Essa padronização exigia deles resultados melhores, pois essa forma de avaliação selecionava os melhores para competir nas equipes. A seleção foi valorizada no período da ditadura militar, quando o esporte de alto rendimento em geral foi tomado como forma de elevar o nome do país internacionalmente através do esporte. Por isso não é incorreto supor que, nesse contexto histórico, a tônica na concepção prático-esportivista traduzia uma intenção de elevar o esporte à condição de objeto da investigação científica, apesar de mazelas sociais assolarem a população. Mas, para eclipsar contradições sociais, nada melhor que os efeitos positivos do esporte, supostamente um índice do desenvolvimento das habilidades dos indivíduos ou do povo brasileiro. Promovê-lo era, então, uma forma de minimizar, atenuar e até encobrir os efeitos nefastos da má distribuição de renda e da repressão; reforçava o foco do governo de adotar um tom democrático para cooptar a população ao ajuste de suas estratégias de controle, tendo as práticas esportivas como aliadas.

O aprimoramento das condições físicas individuais e das destrezas da proposta tecnicista está patente no artigo de Silva, Matsudo e Rivet. “Flexibilidade e aptidão física: revisão de literatura”, que se refere à importância da aplicação e validação de testes realizados em laboratórios. A passagem a seguir ilustra isso:

[...] [n]o Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul voltado a pesquisa em Ciências do Esporte do Terceiro Mundo procuramos analisar três pontos de maior importância e utilidade ao profissional de Educação Física e que por certo merecerão nossa atenção em futuros projetos, passaremos então a rever aspectos da flexibilidade em relação a: A) Avaliação, B) Treinamento, C) Crescimento.¹⁵⁵

Se esse trecho permite apontar as pesquisas de laboratório como recurso para munir os profissionais de educação física com instrumentos de mensuração dos indivíduos como preocupação central de uma concepção prático-esportivista, não se pode dizer que não chegavam à esfera política do governo militar. Eis o que disse o presidente Figueiredo sobre educação física e desporto em mensagem dirigida ao Congresso Nacional na abertura da sessão legislativa de 1980:

¹⁵⁵ SILVA, Silvia Corazza da; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues. RIVET, Ricardo Enrique. Flexibilidade e aptidão física: revisão de literatura. *RBCE*, v. 6, n. 2, jan. 1985, p. 160.

Na área da educação física e desporto deu-se continuidade ao projeto de Capacitação de Recursos Humanos, que atingiu 978 docentes, e ao projeto de Construção de Instalações Desportivas. [...] Merece destaque, ainda, o projeto de Instalação e Implantação de Laboratório de Ciência da Atividade Física, tendo sido instalados 16 laboratórios junto às universidades.¹⁵⁶

Naquele momento, tais medidas significavam mais incentivo à produção de pesquisas rumo a uma ciência voltada ao aperfeiçoamento do corpo, sobretudo na prática esportiva. Esses propósitos político-governamentais se alinhavam à tônica do conteúdo da *RBCE*; os textos caracterizáveis como prático-esportivistas publicados pelo periódico apresentavam pesquisas para avaliar aptidão física feitas em tais laboratórios. Como nas edições do periódico não há indício de um discurso oposicionista aos ditames ditatoriais, pode-se aventar certa aproximação entre um e outro; assim como a influência do Estado na *RBCE* em sua história. Segundo Darido, “[...] os estudos conduzidos em laboratórios não tinham intenções explícitas de produzir conhecimento na área escolar”¹⁵⁷; antes, objetivavam agregar conhecimento científico a cursos de formação de professores e melhorar o desenvolvimento do desporto nacional.

Os estudos presentes nas edições da Revista se voltaram à análise de indivíduos em diferentes práticas esportivas, como o esporte de competição e de alto nível, assim como o escolar, não o de educação física propriamente dita, mas a esportivização através das práticas escolares em fases distintas de crescimento e desenvolvimento da pessoa (criança, adulto e idoso). Isso é notável no texto “Influência do fator sócio-econômico no desenvolvimento somático e neuro-motor do pré-escolar”, de De Rose e De Rose, que analisam o desenvolvimento das crianças tendo como variáveis:

[...] o peso e estatura atual, dobras cutâneas de bíceps, tríceps, subescapular, suprailíaca e medial da perna. Os indicadores utilizados para a análise da segunda área foram: a corrida de 20 metros, arremesso, salto em distância, força de mão direita e mão esquerda.¹⁵⁸

A concepção prático-esportivista de educação física se mostra na referência a exame e mensuração da composição corporal e das capacidades físicas das pessoas na prática

¹⁵⁶ BRASIL. Senado. *Mensagem do presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo dirigida ao Congresso Nacional em 1980*. P. 100–101. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/presidential>>. Acesso em: 20 out. 2010.

¹⁵⁷ DARIDO, Suraya Cristina. *Educação física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

¹⁵⁸ DE ROSE, R. C. F.; DE ROSE, E. H. Influências do fator sócio-econômico no desenvolvimento somático e neuro-motor do pré-escolar. *RBCE*, v. 1, n. 3, maio 1980, p. 22.

esportiva. Essa ênfase parece convergir para a constatação de Oliveira de que, no regime militar,

Segundo uma interpretação corrente na historiografia, aliado à interferência governamental no desenvolvimento da Educação Física escolar, o esporte tornava-se referência praticamente exclusiva para a prática de atividades corporais no plano mundial, seja dentro ou fora da escola. Isso teria ocorrido em parte, porque numa certa perspectiva o esporte codificado, normatizado e institucionalizado pode responder de forma bastante significativa aos anseios de controle por parte do poder, uma vez que tende a padronizar a ação dos agentes educacionais, tanto do professor quanto do aluno; noutra, porque o esporte se afirmava como fenômeno cultural de massa contemporâneo e universal, afirmando-se, portanto, como possibilidade educacional privilegiada.¹⁵⁹

No texto “Efeito de dois programas de atividade física sobre a aptidão física geral de escolares”, publicado em 1984, Duarte salienta a relevância da prática de atividade física e do desenvolvimento de programas adequados para cada faixa etária, inclusive nas escolas.

Dentro das Escolas têm-se criado programas para que as crianças façam alguma atividade física. [...] estas atividades devem obedecer a uma programação adequada em cada faixa etária, para alcançar satisfatoriamente seus objetivos. Por outro lado se considerarmos os espetáculos esportivos e o atleta como algo importante, temos de convir que a atividade física programada é de suma importância para crianças. Sabemos ainda que alguns esportes necessitam de iniciação em idades menores para que o atleta adulto alcance um índice ótimo. Não devemos esquecer que estas programações devem obedecer uma série de critérios, como observar a fase de crescimento e desenvolvimento de cada criança, sua condição de assumir responsabilidade, etc.¹⁶⁰

Como se vê, a escola ganha relevo na preocupação em garantir às crianças a prática da atividade física. O modelo ainda se volta ao treinamento, à padronização de movimentos e ao enquadramento delas em atividades específicas; e desde logo, pois vê-se como importante a prática esportiva nas séries iniciais, embora se reduza a exercícios físicos preparatórios para o esporte de competição. Essa atribuição de aprimoramento do desempenho físico à prática de atividades esportivas reforça a presença da concepção prático-esportivista. Além disso, pelo que diz Ghiraldelli¹⁶¹, a atividade física escolar replicava o contexto político em que os governos militares desenvolveram, para a educação física, a política denominada

¹⁵⁹ OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. *A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência*. 2001. 399 f. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001, p. 33.

¹⁶⁰ DUARTE, Carlos Roberto. Efeitos de dois programas de atividade física sobre a aptidão física geral de escolares. *RBCE*, v. 6, n. 1, set. 1984,

¹⁶¹ GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação Física Progressista*. 8 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

competitivista, na crença de que o esporte deveria ser aprendido na escola, base da pirâmide em cujo ápice estariam os campeões.

Duarte se refere ainda à importância da atividade física não só para crianças, mas também para adultos, pois promoveria o desenvolvimento das habilidades físicas segundo um programa de práticas esportivas.

Por tudo isso, tem-se discutido a importância da atividade física para crianças e o consenso geral tem sido de que estas atividades são importantes. Considerando esta importância, as autoridades competentes tem procurado incentivar a prática esportiva, ou atividades físicas gerais, tanto para crianças como adultos. [...] As aulas de Educação Física, além de procurarem minimizar toda esta problemática, tem peso importante na Educação global dos estudantes.¹⁶²

É possível entender essa proposta como algo alinhado às prescrições do decreto 69.450, de 1º de novembro de 1971 para a educação física, pois se referem à mesma época. Nesse documento o então presidente do Brasil, Médici, decretou a aptidão física como “[...] referência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da educação física, desportiva e recreativa, no nível dos estabelecimentos de ensino”¹⁶³ e a educação física escolar como algo que deveria ter

[...] atividades físicas de caráter recreativo, de preferência as que favoreçam a consolidação de hábitos higiênicos, o desenvolvimento corporal e mental harmônico, a melhoria da aptidão física, o despertar do espírito comunitário da criatividade, do senso moral e cívico.¹⁶⁴

Essa prática escolar de atividades físicas, determinadas pelo decreto, para desenvolver e aprimorar a aptidão física discente se estendeu ao período do governo Figueiredo como forma de conformar as pessoas a um modelo social que valorizava o mérito e o ajuste do comportamento individual. Segundo Albuquerque, esse modelo de educação física no sistema educacional refletia os ideais de nação do governo ditador, pois os militares tinham a “[...] intenção de transformar o Brasil em uma potência econômica e isso se refletia em uma educação física que servia como ponte para a transformação do país em uma potência esportiva”¹⁶⁵.

¹⁶² DUARTE, 1984.

¹⁶³ BRASIL. *Decreto lei 69450 de 01 de nov. de 1971*. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D69450.htm>. Acesso em: 05 set. 2010.

¹⁶⁴ BRASIL, 1971.

¹⁶⁵ ALBUQUERQUE, Luís Rogério. *Concepção e saberes da formação de professores em Educação Física, no período de 1970 a 1990, e a relação entre saber e poder*. 2008. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2008, p. 46.

No texto “Características de aptidão física em universitários de educação física: um estudo longitudinal”, Duarte e Matsudo salientam a importância da aptidão física na vida do homem e do seu aperfeiçoamento, em especial na melhoria das condições de saúde.

A importância da aptidão física para o homem não é algo recente. Desde 800 a. C., como podemos verificar nos manuscritos de Ayur Veda, o homem já se preocupava em realizar estudos sobre a sua constituição física, com exercícios que aprimorassem o desenvolvimento muscular, como também com o melhor funcionamento do organismo, tanto na parte funcional como na parte de adaptação ao trabalho a ser realizado. [...] Essa preocupação em se avaliar a aptidão física vem do fato de que no mundo atual, o homem, pelo alto grau tecnológico que vem atingido, está se tornando cada vez mais sedentário e com isso a sua aptidão física cai vertiginosamente, fazendo dele um indivíduo em condições débeis de saúde, pondo assim sua vida em risco. E assim, pesquisa-se muito a respeito de como melhorar a aptidão física, qual o melhor método, ressalta-se a importância da frequência, intensidade e duração do treinamento e de que forma o aprimoramento ou a deterioração da aptidão física poderia ser melhor estudada.¹⁶⁶

Essa referência à centralidade da aptidão física para a saúde humana permite deduzir que o modo de vida de pessoas inaptas fisicamente poderia prejudicar a convivência e produtividade delas na sociedade; por isso precisavam de métodos eficientes de treinamento. Cabe dizer que, à época, o governo militar tentava inculcar na população a ideia do esporte e do desempenho físico como recursos para resolver problemas de saúde, tais como doenças físicas e psicológicas; com a população sã, ele poderia direcioná-la, mediante estratégias coercitivas, ao controle de suas ações. De fato a população viu a aptidão física como necessária a uma vida melhor, mas inconscientes dos motivos por que praticavam certas atividades e dos objetivos do governo com tais estratégias.

Segundo a análise de Teixeira¹⁶⁷, na assunção de ações repressivas do governo, marcantes pela disciplina e pela inibição de tentativas de contestar o modelo social vigente, havia mecanismos que prometiam prazer, divertimento e qualidade de vida pelo aperfeiçoamento físico e esportivo. Tais estratégias visavam disciplinar a população, impor a autoridade e o poder do Estado e disseminá-los pelo controle de práticas corporais, pelo cerceamento eficiente de atitudes antagônicas das pessoas. Em suma, as características da concepção prático-esportivista, como busca de resultados melhores em treinamentos, aperfeiçoamento desportivo, aprimoramento físico e técnico, compõem uma estrutura maior de controle social: aquela criada pelo governo militar.

¹⁶⁶ DUARTE, Maria de Fátima da Silva; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues. Características de aptidão física em universitários de educação física: um estudo longitudinal. *RBCE*, v. 3, n. 1, set. 1981, p. 28.

¹⁶⁷ TEIXEIRA, 2008.

Edições da *RBCE* deixam entrever uma tentativa gráfica e editorial de atribuir um sentido de publicação científica ao periódico. Exemplifica essa tentativa a publicação do texto “Perda de peso em lutadores”, apoiado no Parecer do American College of Sports Medicine, organização dos Estados Unidos vinculada à medicina esportiva. Se a inserção de estudos estrangeiros sugere a necessidade de dar legitimidade à publicação, também pode ser vista como forma de acompanhar e incorporar modelos de pesquisa estabelecidos por países mais avançados economicamente. O Parecer prescreve uma preparação à prática esportiva concebida para sociedade norte-americana e supostamente apropriada à população brasileira, sobretudo aos profissionais da área, leitores da *RBCE*. Eis o que diz o texto:

Portanto, é posição do Colégio Americano de Medicina Esportiva, que o alto grau de risco criado pelo procedimento usado no “acerto de peso” pelos lutadores possa ser eliminado se organizações estaduais e federais fizerem: 1) Proceder à determinação da composição corporal de cada um dos lutadores, várias semanas antes de uma temporada. Indivíduos com quantidade de gordura menor que 5% em relação ao seu peso corporal devem passar por uma revisão médica antes de serem autorizados a competir. 2) Enfatizar o fato de que a necessidade calórica diária de um lutador deverá ser obtida através de uma dieta balanceada e determinada em função da sua idade, superfície corporal, níveis de crescimento e atividade física. A necessidade calórica mínima de um lutador nas escolas e universidades deverá variar de 1200 a 2400 kcal/ dia.¹⁶⁸

Como se vê, na ótica internacional o esporte tinha importância vital na preparação e orientação das pessoas, até mesmo quanto às condições de nutrição que deveriam ser seguidas pelos atletas e por seus treinadores para que pudessem alcançar mais qualidade nas competições.

Com base no Parecer do American College of Sports Medicine, o texto “A quantidade e qualidade de exercício recomendada para o desenvolvimento e manutenção da aptidão física em adultos saudáveis” também tende à concepção prático-esportivista de educação física em seu conteúdo. Seu intuito era recomendar a quantidade e a qualidade do condicionamento cardiovascular-respiratório, físico e estrutural nas funções motoras para o desenvolvimento e a manutenção da aptidão física e da composição corporal. Eis a justificativa da importância de tais indicações:

Baseado nas evidências existentes no que diz respeito à prescrição de exercício para adultos saudáveis e a necessidade de manuais, o American

¹⁶⁸ PARECER do American College of Sports Medicine. Perda de pesos em lutadores. *RBCE*, v. 1, n. 1, set. 1979, p. 4.

College of Sports Medicine faz as seguintes recomendações quanto à quantidade e qualidade de treinamento para o desenvolvimento e manutenção da aptidão cardiorrespiratória e composição corporal em adultos saudáveis: 1. Frequência de treinamento: 3 a 5 dias por semana. 2. Intensidade de treinamento: 60% a 90% da reserva da frequência cardíaca máxima (FC máx.) ou 50% a 85% do consumo máximo de oxigênio (VO₂ máx.). 3. Duração de treinamento: 15 a 60 minutos de atividade aeróbica contínua. A duração irá depender da intensidade da atividade; assim, atividade de menor intensidade pode ser conduzida por um longo período de tempo. Como consequência da importância do efeito de aptidão física total e do fato de ser atingida mais facilmente em programas de longa duração, e por causa dos riscos potenciais e problemas de desistência associados com atividades de alta intensidade, é recomendado [sic] atividade de longa duração e de intensidade baixa a moderada para adultos não atletas.¹⁶⁹

De início, essa influência estrangeira na educação se fez presente mais na educação escolar, coadunando-se com o espírito do projeto “Brasil Grande”, do governo militar, e da modernização, que consolidou o capitalismo de mercado associado-dependente no país, suposta fonte de benesses, perceptíveis na economia, graças ao avanço tecnológico, ao tecnicismo eficiente e ao sistemismo¹⁷⁰.

Nesse processo, o intercâmbio ocorreria, também, na produção do conhecimento. No texto de Moreira e Pelegrinotti, a “Análise dos resultados de um programa de capacitação aeróbica em universitários da Universidade Estadual de Campinas UNICAMP” se fez pelo “[...] Teste de Cooper, por ser mais prático e de reconhecimento internacional”¹⁷¹. Na educação física do período de governo militar, segundo Castro¹⁷², esse teste orientou inicialmente as pesquisas da área. Dado o intercâmbio científico e político do Brasil com países estrangeiros, sobretudo os Estados Unidos, esse modelo de estudo foi adotado pelos pesquisadores brasileiros e se alastrou, como evidenciam estudos veiculados pela *RBCE*.

Com efeito, houve a publicação de resultados de pesquisas tributárias da concepção prático-esportivista de educação física aliadas aos testes físicos que correlacionam aptidão física com flexibilidade, peso, estatura, dobras cutâneas, medidas antropométricas, entre outros elementos. Os termos específicos de pesquisas que seguem a metodologia empírico-

¹⁶⁹ PARECER do American College of Sports Medicine. A quantidade e a qualidade de exercícios recomendados para o desenvolvimento e manutenção da aptidão física em adultos saudáveis. *RBCE*, v. 1, n. 3, maio 1980, p. 5.

¹⁷⁰ SAVIANI et al, 2004.

¹⁷¹ MOREIRA, Wagner Wey; PELLEGRINOTTI, Ídico Luiz. Análise dos resultados de um programa de capacitação aeróbica em universitários da universidade estadual de Campinas — UNICAMP. *RBCE*, v. 8, n. 1, set. 1986, p. 142.

¹⁷² CASTRO, Waldyr Lins de. A fundamentação positivista da pesquisa em Educação Física como um dos instrumentos de dominação da ditadura militar em 64. *Novo Enfoque*, Universidade Castelo Branco, v. 2, n. 2, 2005.

analítica reforçam a concepção prático-esportivista no periódico, em que as análises apresentam índices numéricos de comparação, via estudos experimentais, dos resultados obtidos em treinamentos e em avaliações físicas. Reitera a concepção prático-esportivista pela avaliação de habilidades desportivas, evidenciada na passagem do texto “Potência anaeróbica alática em indivíduos treinados e não treinados”, cujos autores são Ribeiro, Luzardo, Petersén e De Rose.

Na avaliação funcional de atletas procuramos fracionar o resultado da competição nas chamadas Variáveis de Desempenho Físico, de forma a permitir uma análise isolada das funções que interagem na atividade desportiva e realimentar o sistema de orientação do treinamento.¹⁷³

A avaliação de desempenho na prática desportiva e o diagnóstico das capacidades físicas dos indivíduos foram assuntos recorrentes na *RBCE*. Exemplo disso é o texto “Desenvolvimento da capacidade aeróbica em treinamento contínuo e intervalado”. Seu autor, Baldissera, determina os tipos de treinamento ministráveis a pessoas sedentárias para melhorar a sua capacidade respiratória. Diz ele:

Os resultados sugerem que o período de treinamento e a frequência são suficientes para elucidar adaptações orgânicas que levam a um aumento da capacidade aeróbica em ambos os grupos, já que a intensidade do trabalho físico estava acima do limiar de treinamento aeróbico [...] Apesar do treinamento intervalado, por suas características de execussão [sic] ser predominantemente anaeróbico, também levou a uma melhora significativa estatisticamente na capacidade aeróbica, pois alguns tipos de treinamento mostram um aumento simultâneo na capacidade aeróbica e anaeróbica [...] Indivíduos sedentários, portanto com baixo consumo máximo de oxigênio podem inicialmente utilizar-se de programas de treinamento de forma intervalada e de alta intensidade (anaeróbico) em bicicleta ergométrica para uma melhora na capacidade aeróbica. Este método tem a vantagem de requerer pouco tempo de treinamento diário e a necessidade de pouco espaço, no entanto, um acompanhamento médico é recomendado devido a sua intensidade.¹⁷⁴

Como se pode ver nessa passagem, o desenvolvimento das capacidades físicas também se tornou importante nas pesquisas veiculadas pelo periódico, que as enquadrrou num contexto de difusão da concepção prático-esportivista de educação física.

¹⁷³ RIBEIRO, Jorge Pinto et al. Potência anaeróbica alática em indivíduos treinados e não treinados. *RBCE*, v. 1, n. 3, maio 1980, p. 11.

¹⁷⁴ BALDISSEIRA, Vilmar. Desenvolvimento da capacidade aeróbica em treinamento contínuo e intervalado. *RBCE*, v. 3, n. 3, maio 1982, p. 107.

Algumas pesquisas publicadas na Revista se alinham à concepção prático-esportivista porque focam a mensuração, quantificação e avaliação de habilidades motoras, como nesse trecho citado. No artigo “Avaliação da potência anaeróbica: teste de corrida de 40 segundos”, Matsudo descreve a importância de programa de preparação de atletas que padronize a preparação física dos brasileiros:

Inicialmente, gostaríamos de localizar o nosso assim chamado “Atleta de Elite”. Produto final de uma sociedade de um país em desenvolvimento, traz consigo de um lado, as virtudes que caracterizam em geral o brasileiro [...] Sabemos das exceções, dos campeões oriundos de uma situação sócio-econômica privilegiada ou pelo menos normal. Mas seriam esses os lídimos representantes de uma nação de níveis de condições básicas de saúde que conhecemos? Seriam apenas para esta minoria que se investiriam as verbas do Plano Nacional de Educação Física e Desportos? Seria a avaliação de insignificante porcentual de esportistas o papel que caberia aos centros mais avançados de Pesquisas Médico Desportiva. Cremos que a resposta a essas questões possa se traduzir no bom senso de um simples: Não! E qual seria a solução? A proposta é de trabalharmos pela criação de um Modelo Brasileiro de Política Médico Desportiva, que atenda efetivamente as necessidades da Educação Física no Brasil, sempre atento e atualizado às novas conquistas da Ciência Internacional, mas sem o risco de cometer os erros dos que pegam o bonde andando e deixam em branco etapas importantes no processo evolutivo da pesquisa.¹⁷⁵

Tendo em vista as condições socioeconômicas da população no fim da década de 1970 e início da década de 1980, quando a sociedade brasileira passava por crise nesse setor, Matsudo propõe a criação de um modelo desportivo para a educação física. Naquele momento, tal proposta significava promover a atividade física e esportiva em âmbito nacional como forma de minimizar ou até encobrir os problemas. Tal modelo seguia a concepção prático-esportivista porque previa prescrições funcionais para o treinamento esportivo.

O decreto 69.450/71, em seu artigo 1º, “Do relacionamento com a sistemática da educação nacional”, dá pistas da intenção do governo de minimizar a situação relativa a tal modelo; o decreto concebe a educação física como atividade que, por seus meios, processos e técnicas, “[...] desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constitui um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional”¹⁷⁶. Assim, acreditamos que uma finalidade da educação física nacional seria formar atletas como meio de representar o país em eventos e competições internacionais.

¹⁷⁵ MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues. Avaliação da potência: teste de corrida de 40 segundos. *RBCE*, v. 1, n. 1, set. 1979, p. 8.

¹⁷⁶ BRASIL. Decreto lei 69.450 de 1º de nov. de 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D69450.htm>. Acesso em: 5 set. 2010.

Podemos perceber uma aproximação entre o governo e os editores da Revista com a publicação do texto “Considerações sobre o desenvolvimento da educação física no ensino superior”, de Caram, representante da Secretaria de Educação Física e Desportos do Ministério da Educação e Cultura. A publicação do texto mostrou um certo alinhamento da linha editorial do periódico às políticas governamentais para a educação física. No texto, Caram procurou esboçar a expansão do setor educacional e demonstrar a atenção dada à educação física e desportos. Publicado como “Ponto de Vista”, o texto apresenta diretrizes do Plano Nacional de Educação Física e Desportos (PNED), que objetivava estimular o desenvolvimento da educação física no ensino superior à luz das diretrizes do Plano Setorial de Educação, Cultura e Desporto para o período de 1980 a 1985. A concepção prático-esportivista se anuncia em passagens como esta: “A Educação Física, como atividade curricular, contribui para o pleno desenvolvimento físico, intelectual e cultural da população, sendo a base para o desenvolvimento de aptidões físicas e o descobrimento de novos valores para o desporto”¹⁷⁷. Eis aí possíveis elementos da constituição da educação física, os quais reforçam a divulgação pela *RBCE* da necessidade de aperfeiçoamento da aptidão física e da prática de esportes calcados no tecnicismo. Afinal, do ponto de vista do Estado, o desporto era

[...] um valioso elemento de apoio à formação do homem, bem como elemento de coesão nacional e social, e ainda, um dos instrumentos utilizados pelo Estado e pela comunidade para a solução de problemas gerados pela sociedade atual. A iniciação desportiva, que é a base do desporto, tem sua origem no desenvolvimento das aptidões naturais do homem, estando condicionada ao ensino da Educação Física.¹⁷⁸

O governo militar via no desporto uma forma de corrigir problemas, fossem de ordem política, social ou econômica, ajustando a sociedade a uma formação comum e buscando a harmonia entre os indivíduos. Essa forma de estímulo à coesão social germinada no âmago da ditadura militar seguia pressupostos tecnicistas de educação física voltada para a concepção prático-esportivista. Para acompanhar as tendências das pesquisas mundiais na área, que se refletiam naquelas veiculadas pela *RBCE*, o governo propôs novo direcionamento à política educacional.

Considerando-se que a Educação Física é um meio educativo por excelência, contribuindo para a consolidação dos valores morais e culturais dos povos, e desta forma, em seu sentido social mais profundo, pode-se considerar que a Educação Física na universidade passa a ser um recurso indispensável à política educacional, contribuindo para o enriquecimento do elenco de soluções necessárias à vida moderna.¹⁷⁹

¹⁷⁷ CARAM, Eliana de Melo. Considerações sobre o desenvolvimento da educação física no ensino superior. *RBCE*, v. 4, n. 2, jan. 1983, p. 59.

¹⁷⁸ CARAM, 1983, p. 60.

¹⁷⁹ CARAM, 1983, p. 63.

A contribuição da educação física para os planos do Estado ocorreu mediante programas esportivos, a exemplo dos jogos universitários e estudantis, que, segundo Castellani¹⁸⁰, fizeram aumentar expressivamente a participação de estudantes do país todo. Tais programas eram usados como recursos da política educacional, pois ajudavam a cooptar os universitários, direcionando-os ao caminho do ajustamento social e assim dissuadindo-os de eventuais ações políticas de repressão. Segundo Castro, a inserção política na universidade no período militar se justifica, entre outras razões, porque,

[...] preocupados com a resistência que os estudantes vinham fazendo ao regime, os governantes além de reprimi-los pela força, utilizaram-se do esporte como uma forma de desmobilização e alienação nas universidades enquanto os diretórios acadêmicos eram fechados as atléticas eram incentivadas, e a participação esportiva passava a substituir a política.¹⁸¹

Caram também se referiu a um intercâmbio interno e externo em prol das pesquisas da área da educação física:

Há uma crescente necessidade de adequação ao processo de desenvolvimento das técnicas e processos na área da Educação Física, visando manter um fluxo permanente de informações, a nível nacional e internacional, suprindo desta forma, as deficiências nacionais e as disparidades regionais. Poderia haver a continuação dos acordos e intercâmbios técnicos internacionais entre as escolas de Educação Física e o estabelecimento de novas fontes de cooperação nas áreas de conhecimento mais necessárias ao ambiente brasileiro. O estabelecimento de um sistema de “service training” — o treinamento em serviço, pode possibilitar o equilíbrio na formação dos professores experientes que não tiveram oportunidades de conhecer “in loco” as técnicas dos países mais avançados em relação aos professores inexperientes, porém com cursos no exterior.¹⁸²

Essa preocupação do governo em vincular estudos desenvolvidos e programas criados para capacitar profissionais da área, como um suporte teórico-científico, deveria ocorrer entre professores brasileiros e profissionais estrangeiros que pesquisavam na área para auxiliar a formação de docentes inexperientes. Cavalcanti informa que os convênios foram consolidados, a princípio, com os Estados Unidos, depois com a Alemanha e supunham a entrada de professores estrangeiros em universidades brasileiras e na saída de pesquisadores brasileiros para qualificação no exterior. Esse intercâmbio influiu na pesquisa feita no Brasil,

¹⁸⁰ CASTELLANI FILHO, Lino. *Política educacional e educação física*. Campinas: Autores Associados, 1998.

¹⁸¹ CASTRO, 2005, p. 7.

¹⁸² CARAM, 1983, p. 62.

em especial nas linhas de pesquisa e nos programas de pós-graduação¹⁸³. Nesse período de repressão e controle do governo, a educação física passou a ser influenciada por estudos direcionados ao rendimento físico, ao aperfeiçoamento da técnica e do esporte, numa concepção prático-esportivista.

O texto de Caram ainda anuncia a proposta do governo de documentar e divulgar informações técnicas:

É de importância vital para o desenvolvimento da Educação Física e Desportos em todas as suas áreas, o aumento do nível de circulação de informações técnicas. Promover maior utilização do pequeno acervo bibliográfico existente nas Escolas de Educação Física, incentivar a publicação de livros e revistas referentes à área, estabelecendo uma conduta permanente na editoração de material bibliográfico, aumentar a utilização de revistas técnicas estrangeiras especializadas, são algumas das necessidades básicas que, contribuirão para a formação de profissionais do setor, sejam professores, pesquisadores, médicos especializados ou técnicos desportivos. Pretende-se desta forma, estabelecer uma rede de informação, partindo-se de um órgão central, ramificando-se para os subcentros, os órgãos regionais, e daí para os terciários sucessivamente. Por outro lado, a divulgação dos trabalhos de pesquisa através de publicações e a instituição de concursos literários poderão proporcionar maior incentivo ao setor.¹⁸⁴

Como se lê, as informações técnicas deveriam ter espaço em publicações específicas como livros e revistas, pois a divulgação de material nacional e estrangeiro poderia (in)formar os profissionais da área, pelo viés prático-esportivista. Foi essa a tônica do governo militar quanto a difundir a cientificidade tecnicista na pesquisa, à qual subjazia a proposta de avaliar, quantificar e medir as capacidades físicas, biológicas e psíquicas dos brasileiros. Conforme Castro, o controle dos indivíduos e a repressão de possíveis ações subversivas foi uma atitude adotada pelos governantes para realizar a organização almejada e acabar com a crise. Supostamente, a adesão às práticas esportivas individuais e coletivas garantiria a imutabilidade de regras fundamentais¹⁸⁵.

Acreditava-se na educação física reforçada por princípios tecnicistas em seu núcleo, como aliada que ajudaria a preparar, recuperar e manter a força de trabalho dos indivíduos para assegurar o ímpeto desenvolvimentista¹⁸⁶ com mão de obra fisicamente adestrada e

¹⁸³ CAVALCANTI, Verter Paes. *Produção do discurso historiográfico na educação física brasileira na década de 80*. 1996. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

¹⁸⁴ CARAM, 1983, p. 64.

¹⁸⁵ CASTRO, 2005.

¹⁸⁶ Cf. CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. 1988. 157 p. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Pontifícia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

capacitada com auxílio do aprimoramento técnico e do treinamento físico. A concepção prático-esportivista comporia um estágio da história de uma educação física a serviço de ideologias positivistas e valores autoritários. Sua acriticidade e seu conhecimento segmentado criaram condições favoráveis à disseminação do tecnicismo no ensino e na pesquisa, desde o início da década de 1970, de modo que, sob o controle ideológico do governo militar, a educação física foi direcionada ao desenvolvimento de habilidades físicas e da especialização técnica de uma geração inteira de estudantes.

3.2 Concepção médico-biologicista

Os textos veiculados na *RBCE* nos quais subjaz a concepção médico-biologicista (QUADRO 8) de educação física incluem análises fisiológicas específicas na realização de testes físicos, tais como em bicicleta ergométrica, esteira rolante, corrida, provas de natação e em outras modalidades esportivas diversas. Tais abordagens convergem para um refinamento dos dados biológicos, ou seja, à verificação da capacidade aeróbica e anaeróbica durante o exercício, para identificar modificações em grupos diferentes de indivíduos. Nessa concepção identificamos textos que buscam diagnosticar efeitos da prática da atividade física na composição corporal em populações diversas e compará-las, verificar o desempenho biomecânico e neuromuscular de indivíduos em dado tipo de exercício, a influência do uso de agentes químicos em atletas, a avaliação e a variação de resultados em grupos distintos, as condições fisiológicas das mulheres, a fim de mostrar a influência do esporte no gênero feminino. Ainda há referências à fisiologia nessa concepção de educação física, em especial para o aperfeiçoamento das capacidades respiratórias.

Foi dada visibilidade a estudos reconhecidos no âmbito da pesquisa feita dentro de um modelo científico que previa métodos experimentais eficientes para diagnosticar as capacidades físicas dos indivíduos. A ênfase a estudos de feição médico-biologicista criou uma imagem quase unânime de cientificidade para a *RBCE*, inscrevendo-a no cenário editorial do país, com chancela da área da medicina, como estabelecadora de padrão científico para a educação física. A legitimidade dessa interligação residia na ideia disseminada de que exames médicos poderiam prover, na avaliação física dos indivíduos, um diagnóstico útil à determinação de qual seria o melhor treinamento. Esse reducionismo à perspectiva biológica foi significativo para uma vinculação técnica.

Assim, verificamos um alinhamento dos saberes biológicos relativos ao rendimento humano que norteava e dava azo às relações de poder intensas no papel dessa concepção na formação dos indivíduos e da sociedade.

QUADRO 8

Textos da concepção médico-biologista de educação física publicados pela *RBCE* — 1980–1986

TÍTULO	AUTOR	V./N.	ANO
1. Medidas da capacidade aeróbica em bicicleta ergométrica.	GUIMARÃES, José Ney Ferraz.	v. 1, n. 2	1980
2. Medidas da potencia anaeróbica: testes de campo	PEREZ, Sandra Maria.	v. 1, n. 2	1980
3. Inter-relações entre metabolismo aeróbico e anaeróbico:músculo em exercício	MADUREIRA, Gerson.	v. 1, n. 2	1980
4. Atividade física durante a menstruação e a gravidez	Tradução do resumo do artigo de Physical Fitness Research Digest	v. 1, n. 2	1980
5. Comparação de valores de dobras cutâneas em escolares de áreas industriais e regiões litorâneas em desenvolvimento	MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues; SESSA, Madalena; TARAPANOFF, Ana Maria P.A.	v. 1, n. 3	1980
6. O uso e abuso dos esteróides anabólico-androgênicos nos esporte	Apoiada no parecer do American College of Sports Medicine	v. 2, n. 1	1980
7. Limiar anaeróbico - uma alternativa no diagnóstico da capacidade para realizar exercícios físicos de longa duração	RIBEIRO, Jorge Pinto; DE ROSE, Eduardo H.	v. 2, n. 1	1980
8. Comparação de valores de dobras cutâneas em escolares de diferentes níveis sócio-econômicos	GUEDES, Dartagnan Pinto.	v. 2, n. 1	1980
9. Telemetria de ECG em corridas de 1500, 3000 e 5000 metros	FERREIRA, Maria Beatriz Rocha; BARBANTI, Valdir José; CAMARGO, Ana Maria Z. de; KISS, Maria Augusta P. Dal' M.; PINI, Mario Carvalho.	v. 2, n. 2	1981
10. Modificação do marcapasso cardíaco após prova de natação	ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de; TABAK, Daniel Goldberg.	v. 2, n. 2	1981
11. Desenvolvimento da força de preensão manual em função da idade, sexo, peso e altura em escolares de 7 a 18 anos	SOARES, Jesus; MIGUEL, Maria Cristina; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues.	v. 2, n. 2	1981
12. Curso de medicina do exercício	ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de.	v. 2, n. 3	1981
13. Efeitos do 2-etilamino-3-fenil-norcanfano no desempenho físico dos atletas	CISNEROS, Carlos Cadena; QUIÑONEZ, Jorge; LOPES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Jorge Pinto; DE ROSE, Eduardo Henrique.	v. 2, n. 3	1981
14. Biomecânica: análise temporal das fases da marcha	KNACKFUSS, I.G.; CARVALHO, C. M.	v. 2, n. 2	1981
15. Extensão do joelho: comparação da amplitude nas posições deitada e sentada	GOMES, João Luiz E.; BIAZÚS, Luiz; MARCZYK, Luiz Roberto S.	v. 2, n. 3	1981
16. Aspectos toco-ginecológicos do exercício	ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de.	v. 3, n. 1	1981
17. A prática da pesquisa em Ciências do Esporte	MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues.	v. 3, n. 1	1981
18. Biomecânica: determinação do tempo de reação em velocistas	KNACKFUSS, Iracy G.; COSENTINO, M. C.; GENÚNCIO, K .M.; PASTURA, J.L.	v. 3, n. 1	1981
19. Adaptações cardiovasculares e metabólicas ao treinamento físico de coronariopatas	RIBEIRO, Jorge Pinto; HARTLEY, L. Howard.	v. 3, n. 2	
20. Correlação entre testes de potência anaeróbica	FONTANA, K .E.; REIS D. A.	v. 3, n. 2	1981
21. Estudo antropométrico - campeonato sul americano juvenil de atletismo	HEGG, Raymond Victor; AMADIO, Alberto Carlos; STARK, Renata Elza; MANSOLO, Antonio Carlos; KIDO, Kenji; TEIXEIRA, Luis Geraldo Pontes; BARROS, Sérgio Amaury; BASTOS, Flávia da Cunha.	v. 3, n. 2	1981
22. O estudo somatotipológico dos atletas da modalidade de atletismo de Santa Catarina	PETROSKI, Edio Luiz; SANTOS, Airody Pinheiro dos; CARDOSO, Ademir Tadeu; ALVES, Marcilio.	v. 3, n. 3	1981
23. Aspectos endócrinos do exercício	ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de.	v. 3, n. 3	1982
24. Menarca em esportistas brasileiras- um estudo preliminar	MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues.	v. 4, n. 1	1982
25. Influência da atividade física sobre os níveis séricos e na excreção renal de uréia e ácido úrico	HIRATA, Mário Hiroyuki; ROSSI, Alexandre La Rocca; ZUCAS, Sérgio Miguel; SILVA, Antônio Boaventura da.	v. 4, n. 2	1983
26. Comparação do vo2max através de metodologias de avaliação direta e indireta em esteira	FONTANA, Keila E.	v. 4, n. 3	1983

rolante e pista.			
27. Idade da menarca em diferentes níveis de competição no basquetebol	BENITO, Silvia Corazza da Silva; MENDES, Olga de Castro; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues.	v. 4, n. 3	1983
28. Estudo comparativo da gordura subcutânea em escolares de diferentes estados brasileiros	GUEDES, Dartagnan Pinto.	v. 5, n. 2	1984
29. Desenvolvimento da força muscular de membros superiores em escolares de 7 a 18 anos	FRANÇA, Nanci Maria.	v. 5, n. 2	1984
30. Desempenho biomecânico e neuromuscular	KOMI, Paavo V.	v. 5, n. 2	1984
31. Respostas respiratórias e circulatórias a diferentes níveis de tensão muscular	LOR, Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues	v. 5, n. 3	1984
32. Perfil de jogadoras de handebol de alto nível	SOARES, Isabel Montandon.	v. 5, n. 3	1984
33. Esteróides anabólicos androgênicos e esportes: uma breve revisão	MOURA, Nélcio Alfano.	v. 6, n. 1	1984
34. Eletromiografia de exercícios abdominais: um estudo piloto	GUIMARÃES, Antônio Carlos Stringhini.	v. 6, n. 1	1984
35. Estudo do efeito da cafeína em diferentes níveis de exercício	PAULA FILHO, Ulisses de; RODRIGUES, Luiz Oswaldo C.	v. 6, n. 2	1985
36. Tentativa de validação de equações para predição dos valores de densidade corporal com base nas espessuras de dobras cutâneas em universitários	GUEDES, Dartagnan Pinto.	v. 6, n. 3	1985
37. Estudo eletromiográfico dos músculos do reto abdominal e oblíquo externo em diversos exercícios, na posição de decúbito dorsal	BANKOFF, Antonia Dalla Pria; FURLAN, José.	v. 7, n. 2	1986
38. Levantamento da incidência de cifose postural e ombros caídos em alunos de 1 a 4 séries escolares	BRIGHETTI, Valter; BANKOFF, Antonia Dalla Pria.	v. 7, n. 3	1986
39. Efeito do condicionamento físico aeróbico sobre a reserva miocárdica de oxigênio em sedentários	CARDOSO, Ademir Tadeu.	v. 7, n. 3	1986
40. Efeitos de nove semanas de atividades físicas sobre a composição corporal e consumo máximo de oxigênio em universitários	PETROSKI, Edio Luiz; PIRES NETO, Cândido Simões.	v. 8, n. 1	1986

No texto “Efeitos de nove semanas de atividades físicas sobre a composição corporal e consumo máximo de oxigênio em universitários”, Petroski e Pires Neto se referem aos benefícios atribuídos pelos programas de exercícios físicos aos praticantes de esportes em diferentes modalidades.

[...] a) as atividades físicas desenvolvidas durante nove semanas através das modalidades de Judô, Condicionamento Físico e Basquetebol propiciam alterações benéficas no organismo com incremento da massa corporal magra e do VOMax. em universitários; b) existem evidências de que a modalidade desportiva escolhida seja um fator determinante para uma maior ou menor alteração na composição corporal e no consumo máximo de oxigênio em universitários.¹⁸⁷

Nas edições da *RBCE*, a articulação entre pesquisas na área da fisiologia e avaliações da aptidão física dão o tom da concepção médico-biologicista de educação física e pode ser correlacionada com o caráter instrumental da produção científica, isto é, com a criação de modelos de testes físicos e sua aplicação. Seguindo essa linha, no texto “Curso de medicina do exercício” 1ª parte, Araújo menciona a função de médicos e professores de Educação Física na prescrição de atividades físicas.

Quantos médicos saberiam orientar a prescrição de atividade física em termos de tipo, frequência, intensidade e duração para sedentários, obesos, coronariopatas, hipertensos, diabéticos, asmáticos, gestantes, etc? O médico não tem preparo específico para tal; o professor de Educação Física desconhece os aspectos médicos da atividade física, estando em geral mais preparado para lidar com atletas do que com indivíduo sedentário sem qualquer aspiração competitiva e mais importante ainda, falta-lhe conhecimento de Clínica Médica para sua atuação com pacientes. Este lugar de “orientador” está vago, embora a sociedade o solicite com urgência. Até então, o médico desportista e o cardiologista têm dentro de suas limitações, exercido estas funções; entretanto, um novo ramo da Medicina — a Medicina do Exercício (tal como é denominada no Canadá) — é que parece ser a melhor solução para este problema.¹⁸⁸

Se é o caso dessa necessidade apontada pelo autor, de uma área que abranja análises médicas no domínio esportivo, tornar-se uma especialização, cremos que ela preconize a restrição da formação desses profissionais a uma concepção médico-biologicista de educação física. Isso porque o ponto central dessa perspectiva reside na avaliação de aptidão física e fornecimento do diagnóstico para o indivíduo.

¹⁸⁷ PETROSKI, Edio Luiz; PIRES NETO, Cândido Simões. Efeitos de nove semanas de atividades físicas sobre a composição corporal e consumo máximo de oxigênio em universitários. *RBCE*, v. 8, n. 1, set. 1986, p. 126.

¹⁸⁸ ARAUJO, Cláudio Gil Soares de. Curso de medicina do exercício. *RBCE*, v. 2, n. 3, maio 1981, p. 13.

Mais que resultados de pesquisas, o periódico publicou textos de mesa-redonda sobre fisiologia, apresentada no I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Destacamos o de Guimarães, “Medidas da capacidade aeróbica em bicicleta ergométrica”, que se propôs a avaliar a influência dos treinamentos na avaliação cardiorrespiratória. Alguns trechos deixam entrever a filiação à concepção médico-biologicista de educação física. Por exemplo:

Os testes aeróbicos submáximos baseiam-se, em sua maioria, num incremento progressivo de cargas, onde sucessivos ajustes metabólicos ocorrem a cada passo do teste até que atinjamos um nível pré-estabelecido em função do “status” fisiológico do indivíduo. As cargas subseqüentes devem obedecer a uma coerência fisiológica, isto é, provocar um novo ajuste não muito distante do nível metabólico anterior, como o proposto por Blake cujo teste cicloergométrico cresce de 25 em 25 watts. [...] Os testes submáximos são instrumentos útil [sic] na avaliação de um treinamento, isto é, indicando se está ocorrendo uma melhora na capacidade circulatória do indivíduo, fato este observado por uma resposta menor de FC frente à mesma carga, durante os vários testes de avaliação evolutiva.¹⁸⁹

Em consonância com o anterior, texto “Efeito do condicionamento físico aeróbico sobre a reserva miocárdica de oxigênio em sedentários”, de Cardoso, explica que

A execução de um exercício exige o ajustamento de numerosas funções orgânicas, cuja solicitação depende da intensidade, duração e freqüência do exercício e das características específicas da atividade praticada. O aumento do rendimento orgânico é dependente da forma e da função dos órgãos submetidos ao *stress* fisiológico, induzindo-os à manutenção do equilíbrio dinâmico até os limites da potencialidade biológica.¹⁹⁰

Como se vê, as análises nesses estudos enfocam a avaliação de desempenhos fisiológicos específicos dos indivíduos durante o exercício com aplicação de testes físicos. Nesse caso, reiteram efeitos positivos na instauração e no fortalecimento de uma concepção médico-biologicista. As teorizações da *RBCE*, veiculadas em tais estudos, revestiam-se dos anseios de um estatuto legitimador de uma ciência médica para a área.

No texto “Medidas da potência anaeróbica: testes de campo”, Perez segue a mesma tendência de concepção de educação física dos textos mencionados há pouco. É perceptível na seguinte passagem a importância dos estudos sobre a construção, aplicação, mensuração e prescrição de testes da potência anaeróbia para a avaliação física:

¹⁸⁹ GUIMARÃES, José Ney Ferraz. Medidas da capacidade aeróbica em bicicleta ergométrica. *RBCE*, v. 1, n. 2, jan. 1980, p. 17.

¹⁹⁰ CARDOSO, Ademir Tadeu. Efeito do condicionamento físico aeróbico sobre a reserva miocárdica de oxigênio em sedentários. *RBCE*, v. 7, n. 3, maio. 1986, p. 109.

A aplicação de um determinado teste depende do objetivo e dos recursos materiais e metodológicos disponíveis para cada avaliação. Além disso, é necessário atenção às construções de baterias de testes, onde o tempo utilizado e o material requerido para cada teste deve *[sic]* ser o mínimo possível, pois todas as variáveis de aptidão física precisam ser mensuradas para que possamos no final da avaliação, com uma maior precisão, prescrever treinamentos ou analisar a atuação do escolar na aula de educação física.¹⁹¹

Como se nota, a avaliação de treinamentos denota a tônica empírica da pesquisa — traço marcante da concepção médico-biologicista de educação física — nas páginas da *RBCE*, a ponto de alcançar até a forma de avaliar alunos nas aulas de Educação Física na escola.

No texto “A prática da pesquisa em ciências do esporte”, Matsudo teoriza a configuração das práticas de pesquisa num país de Terceiro Mundo. Para ele, os estudos científicos deveriam se enquadrar em padrões menos sofisticados para que as investigações abarcassem uma parte relevante da população.

[...] dentro da realidade de um Terceiro Mundo deveríamos procurar atender, na medida do possível, aos três pontos relevantes: 1) Utilizar instrumental o menos sofisticado; 2) Empregar técnicas não complexas; 3) Adotar uma metodologia que permita que o produto final de seus achados reverta a uma faixa significativa da população. É importante frisar que essas são recomendações e não regras; não devendo também implicar em uma atitude simplista de escolha do mais fácil, mas sim, em uma consciência dos diversos caminhos alternativos que possibilitem uma opção madura. [...] Na escolha do material de medida, lembramos a importância do profissional do Terceiro Mundo em Ciências do Esporte procurar atender ao binômio: “material não sofisticado—técnicas não complexas”.¹⁹²

Esse autor dá a entender que os métodos deveriam ser menos rigorosos para que se popularizassem, porque isso supostamente facilitaria a aplicação da pesquisa e avaliação dos dados coletados. Em suma, ele sugere um tipo de pesquisa que seja simples, pois num país, como o Brasil, classificado à época como de Terceiro Mundo, os pesquisadores não teriam a necessidade de utilizar técnicas sofisticadas e complexas para realização de suas investigações.

O texto “Atividade física durante a menstruação e a gravidez”, é tradução de um texto da revista *Physical Fitness Research Digest*, publicada em Washington, nos Estados Unidos, cujo título em português o periódico não menciona. O conteúdo orienta a prática de exercícios

¹⁹¹ PEREZ, Sandra Maria. Medidas da potência anaeróbica: testes de campo. *RBCE*, v. 1, n. 2, jan. 1980, p. 22.

¹⁹² MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues. Curso de metodologia científica: a prática da pesquisa em ciências do esporte — 3ª parte. *RBCE* v. 3, n. 1, set. 1981, p. 18.

físicos no período da menstruação e da gravidez. O trecho a seguir mostra a presença de uma concepção médico-biologicista:

O Comitê de Aspectos Médicos da Associação Médica Americana concluiu que: “Geralmente a dismenorréia não afeta a participação esportiva e nem é resultado da mesma. O exercício pode também melhorar a regulação do ciclo menstrual. Um acompanhamento de atividades esportivas de âmbito internacional mostra que as atletas experimentaram um maior número de gravidez sem complicação e maior conforto no parto que um grupo controle formado por mulheres normais, porém menos ativas”.¹⁹³

Como se lê, essa passagem enfatiza a importância da prática esportiva entre as mulheres, seja qual for seu período fisiológico. Com a publicação de tais orientações certificadas pelo Comitê de Aspectos Médicos da Associação Médica Americana, a *RBCE* procurava dar credibilidade a suas edições pela veiculação de conteúdo validado internacionalmente. Essa incorporação de textos estrangeiros para legitimar a informação fornecida pela Revista aparece, também, no texto de Araújo: “Aspectos toco-ginecológicos do exercício” (2ª parte do Curso de Medicina). Alguns trechos mostram que Araújo apontou aspectos da variação fisiológica da mulher e os efeitos dos exercícios físicos nesses períodos:

As opiniões abaixo refletem o posicionamento oficial de importantes grupos de cientistas americanos e são aqui transcritas: 1. O Colégio Americano de Medicina Desportiva advoga que as mulheres deverão serem permitidas [sic] competir em nível nacional e internacional nas mesmas distâncias que os homens. 2. Segundo o Comitê de Aspectos Médicos do Esporte da Associação Médica Americana, a dismenorréia é inafetada ou diminuída como resultado da participação em atividades desportivas. Este mesmo Comitê diz que, as mulheres treinadas possuem uma maior facilidade de parto e menor número de complicações gravídicas.¹⁹⁴

A presença do discurso estrangeiro, em especial dos Estados Unidos, aumentou aos poucos, sobretudo com textos aos quais subjaz uma concepção médico-biologicista de educação física. Essa presença deixava o periódico com uma feição teórica, quase que equiparada a um manual para realização de pesquisas na área das ciências do esporte e, logo, na área da educação física. O ponto de vista contido nos textos veiculados pela Revista traduzia um desejo de disseminar essa concepção de educação física elaborada por mecanismos científicos e empíricos de investigação guiados por ideais positivistas, pelo

¹⁹³ COLÉGIO Brasileiro de Ciências do Esporte. Atividade física durante a menstruação e a gravidez. *RBCE*, v. 1, n. 2, jan. 1980, p. 33.

¹⁹⁴ ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de. Curso de medicina do exercício: aspectos tocoginecológicos do exercício — 2ª parte. *RBCE*, v. 3, n. 1, set. 1981, p. 13.

imediatismo e por resultados regulados pela avaliação e prescrição. A leitura dos textos mostra que a orientação das pesquisas ali publicadas se alinhava à dos estudos veiculados pelo Colégio Americano de Medicina Esportiva. Prova disso é que a *RBCE* divulgou o texto “O uso e abuso dos esteróides anabólicos-androgênicos nos esporte”, também apoiado no Parecer do American College of Sports Medicine.

Essa influência marca diretamente o texto que Moura publica, “Esteróides anabólicos androgênicos (EAA) e esportes: uma breve revisão”, que propôs demonstrar os efeitos provocados por essas substâncias; e indiretamente o texto “Estudo do efeito da cafeína em diferentes níveis de exercício”¹⁹⁵, de Paula Filho e Rodrigues, que objetivaram verificar a reação à cafeína no organismo durante a prática de atividade física; verificaram que, usada como agente estimulador, ela induziu o aumento da capacidade física de trabalho nos níveis menos intensos de exercícios, enquanto as anfetaminas agiam em exercícios de curta duração. Assim, ao veicular informações técnicas e prescritivas, a *RBCE* reforça em suas páginas aspectos afetos à saúde de atletas de alto nível, tidos como exemplos para as demais parcelas da população; isto é, reforça uma concepção médico-biologicista de educação física com efeitos no corpo social.

Estudos eletromiográficos também foram veiculados pelo periódico, como o texto de Guimarães¹⁹⁶, “Eletromiografia de exercícios abdominais: um estudo piloto” e o de Bankoff e Furlani¹⁹⁷, “Estudo eletromiográfico dos músculos do reto abdominal e oblíquo externo em diversos exercícios, na posição de decúbito dorsal”. Em suas análises, esses pesquisadores quiseram verificar o grau de participação dos músculos em certos tipos de movimento durante o exercício em posições diferentes. A eletromiografia é uma técnica de monitoramento da atividade elétrica das membranas celulares dos músculos para detectar doenças neuromusculares, vinculando-se, portanto, ao campo da medicina. Ao tratarem dessa técnica em associação com o desempenho dos indivíduos na prática esportiva, a abordagem reforça a presença de uma concepção médico-biologicista de educação física.

Essa concepção se faz presente, também, na avaliação da composição corporal dos indivíduos, como nos estudos “Comparação de valores de dobras cutâneas em escolares de áreas industriais e regiões litorâneas em desenvolvimento”, de Matsudo, Sessa e Tarapanoff, e “Comparação de valores de dobras cutâneas em escolares de diferentes níveis sócio-

¹⁹⁵ PAULA FILHO, Ulisses de; RODRIGUES, Luiz Oswaldo C. Estudo do efeito da cafeína em diferentes níveis de exercícios. *RBCE*, v. 6, n. 2, jan. 1985.

¹⁹⁶ GUIMARÃES, Antônio Carlos Stringhini. Eletromiografia de exercícios abdominais: um estudo piloto. *RBCE*, v. 6, n. 1, set. 1984.

¹⁹⁷ BANKOFF, Antonia D. P.; FURLANI, José. Estudo eletromiográfico dos músculos retoabdominal e oblíquo externo em diversos exercícios, na posição de decúbito dorsal. *RBCE*, v. 7, n. 2, jan. 1986.

econômicos”, de Guedes. Estes expõem com clareza sua finalidade: verificar medidas antropométricas como dobras cutâneas, peso, altura, diâmetro ósseo e outras, com objetivo de compará-las em escolares de condições socioeconômicas e regionais distintas para padronizar e determinar um perfil corporal para eles conforme o nível social e econômico e a região de cada grupo, como se pode ler nestas duas passagens:

Estes resultados indicam que os valores de dobras cutâneas de escolares em regiões altamente industrializadas não diferem dos escolares urbanos de regiões litorâneas que passaram recentemente por fase intensa de desenvolvimento, sendo que influências sociais, ecológicas, de migração populacional, clima, alterações de hábitos profissionais e alimentares poderiam ser fatores determinantes dessa situação.¹⁹⁸

[...] os valores de dobras cutâneas em escolares de uma mesma região, mas de diferentes níveis sócio-econômicos, diferem entre si, sendo que o aspecto social, os hábitos alimentares, a maturação sexual, a atividade física e até mesmo a formação étnica poderiam contribuir para que essas diferenças fossem evidenciadas [...].¹⁹⁹

Guedes também pesquisou a composição corporal, e os resultados obtidos aparecem no texto “Estudo comparativo da gordura subcutânea em escolares de diferentes estados brasileiros”, que demonstra procedimentos da avaliação das variáveis antropométricas para os estudos experimentais.

A avaliação da quantidade de gordura através da mensuração dos valores de dobras cutâneas baseia-se na observação de que grande parte do tecido adiposo se encontra debaixo da pele [...] O estudo compreendeu de avaliações do peso corporal, da estatura e do depósito de gordura no tecido celular subcutâneo em sete diferentes locais. O peso corporal foi determinado em uma balança FILIZOLA, com precisão de 100 gramas, e a estatura através de um estadiômetro com precisão de meio centímetro. A mensuração do depósito de gordura foi obtida através das medidas de dobras cutâneas, utilizando-se para tanto de um compasso específico do tipo HARPENDEN que é bastante utilizado por pesquisadores de todo o mundo com tal finalidade.²⁰⁰

Esses estudos podem nos informar sobre os direcionamentos dados às pesquisas realizadas no âmbito escolar, transpondo para este ambiente uma concepção médico-biologicista de educação física voltada, prioritariamente, à mensuração da composição

¹⁹⁸ MATSUDO, Victor K. R.; SESSA, Madalena; TARAPANOFF, Ana Maria P. A. Correlação entre medidas antropométricas e força de membros inferiores. *RBCE*, v. 1, n. 3, 1980, p. 33.

¹⁹⁹ GUEDES, Dartagnan Pinto. Comparação de valores de dobras cutâneas em escolares de diferentes níveis sócio-econômicos. *RBCE*, v. 2, n. 1, set. 1980, p. 42.

²⁰⁰ GUEDES, Dartagnan Pinto. Estudo comparativo da gordura subcutânea em escolares de diferentes estados brasileiros. *RBCE*, v. 5, n. 2, jan. 1984.

corporal dos indivíduos com o método empírico para obter resultados, servindo-se de alunos de contextos sociais e regionais diferentes como amostra para investigação.

A concepção médico-biologicista marca também estudos sobre biomecânica. Os textos “Biomecânica: análise temporal das fases da marcha”, de Knackfuss e Carvalho²⁰¹, “Extensão do joelho: comparação da amplitude nas posições deitada e sentada”, de Gomes, Biazús e Marczyk²⁰², e “Biomecânica: determinação do tempo de reação em velocistas”, de Knackfuss, Cosentino, Genúncio e Pastura²⁰³, abordam a avaliação e o aprimoramento das capacidades e condições físicas dos indivíduos ao realizarem certos movimentos. No texto “Desempenho biomecânico e neuromuscular”, Komi menciona a relevância do estudo biomecânico, que define como “[...] estudo da estrutura e função do sistema biológico por meio da mecânica”²⁰⁴. É patente que esses textos se voltam para a análise experimental específica de movimento, o que os situa numa perspectiva médico- biologicista.

3.3 Concepção quantitativo-comportamentalista

Os textos que se enquadram na concepção quantitativo-comportamentalista de educação física (QUADRO 9) tratam da construção, aplicação de técnicas estatísticas e fórmulas, que informam os pesquisadores da área sobre o uso de dados numéricos na avaliação de resultados obtidos pela aplicação de testes. A *RBCE* apresentou também textos que tratavam de análises da avaliação comportamental dos indivíduos ao realizarem atividades esportivas.

QUADRO 9
Textos da concepção quantitativo-comportamentalista de educação física publicados pela
RBCE — 1980–1986

TÍTULO DO TEXTO	AUTOR/ES	EDIÇÃO DA <i>RBCE</i>
1 Personalidade do atleta: uma revisão da literatura	CAVASINI, Sandra Mara.	v. 1, n. 2, 1980
2 Métodos simples de avaliação psicológica na área das atividades físicas e esportivas	CAVASINI, Sandra Mara; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues.	v. 1, n. 3, 1980
3 Autoconceito e participação em atividades física	CAZELATTI, Sônia; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues; CAVASINI, Sandra Mara.	v. 2, n. 1, 1980
4 Estatística aplicada a ciências do esporte (1ª parte)	CALDEIRA, Sandra; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues	v. 2, n. 2, 1981
5 <i>Designs</i> da pesquisa experimental	TUBINO, Manuel José Gomes.	v. 2, n. 3, 1981

²⁰¹ KNACKFUSS, I. G.; CARVALHO, C. M. Biomecânica: análise temporal das fases da marcha. *RBCE*, v. 2, n. 2, jan. 1981.

²⁰² GOMES, João Luiz E.; BIAZÚS, Luiz; MARCZYK, Luiz Roberto S. Extensão do joelho: comparação da amplitude nas posições deitada e sentada. *RBCE*, v. 2, n. 3, maio 1981.

²⁰³ KNACKFUSS, I. G.; COSENTINO, M. C.; GENÚNCIO, K. M.; PASTURA, J. L. Biomecânica: determinação do tempo de reação em velocistas. *RBCE*, v. 3, n. 1, set. 1981.

²⁰⁴ KOMI, Paavo V. Desempenho biomecânico e neuromuscular. *RBCE*, v. 5, n. 2, jan. 1984, p. 66.

em educação física		
6 Objetividade e reprodutibilidade do teste sociométrico aplicado em equipes esportivas	OSSE, Cleuser Maria Campos; CAVASINI, Sandra Mara; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues.	v. 2, n. 3, 1981
7 Estatística aplicada a ciências do esporte (2ª parte)	CALDEIRA, Sandra; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues.	v. 2, n. 3, 1981
8 Escalas progressivas — construção e utilização	OSÉS, Adilson; GIANNICH, Ronaldo; FRAUSE, Hildegard; MYOTIN, Emmil.	v. 3, n. 2, 1981
9 Reflexões sobre os estilos de ensino revelados por alunos-mestre durante as atividades de estágio supervisionado	FARIA JÚNIOR, A. G.	v. 3, n. 3, 1982
10 Efeito da situação de platéia, selecionada através da sociometria e relacionada a características de personalidade	CAVASINI, Sandra Mara; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues; CAZELATTI, Sônia; SOEIRO, Alfredo Gomes C.	v. 4, n. 1, 1982
11 O desenvolvimento da atenção em crianças: implicações teóricas e práticas	PELLEGRINI, Ana Maria.	v. 4, n. 2, 1983
12 Abreviaturas de periódicos — uma contribuição aos pesquisadores em ciências do esporte	DUARTE, Maria de Fátima Silva.	v. 4, n. 2, 1983
13 Esporte e personalidade: temos que renunciar a nossa tão antiga convicção?	KLEINE, Dietmar	v. 6, n. 3, 1985
14 Análise de técnicas estatísticas aplicáveis à educação física	BOTELHO, Elisa Maria Diniz.	v. 7, n. 2, 1986

O texto de Tubino²⁰⁵, “Designs da pesquisa experimental em educação física”, o de Osés, Giannich, Frause, Myotin²⁰⁶, “Escalas progressivas: construção e utilização” e o de Duarte²⁰⁷, “Abreviaturas de periódicos: uma contribuição aos pesquisadores em ciências do esporte”, divulgaram os métodos de aplicação estatística como forma de auxiliar os profissionais da área em análises de resultados quantitativos, caracterizando-os segundo um modelo tecnicista de ciência. Nessa mesma linha de estudo, Caldeira e Matsudo, no texto “Estatística aplicada a Ciências do Esporte”, no “Curso de Metodologia Científica”, destacam a grande importância dos métodos estatísticos nas pesquisas da área.

Estamos sentindo que a cada dia que passa a pesquisa em Educação Física, Treinamento e Medicina Desportiva, deixa de ser apenas uma coletânea de vivências de treinadores, médicos e professores, passando a adquirir o “status” de investigação científica, o que torna indispensável o conhecimento dos métodos estatísticos por parte de todos.²⁰⁸

²⁰⁵ TUBINO, Manoel José. Designer da pesquisa experimental em educação física. *RBCE*, v. 2, n. 3, maio 1981.

²⁰⁶ OSÉS, Adilson; GIANNICH, Ronaldo; FRAUSE, Hildegard; MYOTIN, Emmil. Escalas progressivas: construção e utilização. *RBCE*, v. 3, n. 2, jan. 1982.

²⁰⁷ DUARTE, Maria de Fátima Silva. Abreviaturas de periódicos: uma contribuição aos pesquisadores em ciências do esporte. *RBCE*, v. 4, n. 2, jan. 1983.

²⁰⁸ CALDEIRA, Sandra; MATSUDO, Victor K. R. Estatística aplicada à ciência do esporte — Curso de metodologia científica — 1ª parte. *RBCE*, v. 2, n. 2, jan. 1981, p. 5.

Essa percepção dos autores de que a *RBCE* se certificava como científica por publicar estudos cujos métodos eram estatísticos, abre espaço, no painel dos periódicos pedagógicos para uma concepção quantitativo-comportamentalista de educação física que, também, vem compor, aos poucos, a feição teórica do periódico. Essa possibilidade é reforçada por Botelho, cujo texto “Análise de técnicas estatísticas aplicáveis à educação física” também registrou a importância da estatística para a área da educação física.

Os profissionais da área podem recorrer a instrumentos apropriados para medir, avaliar, e baseados nas informações obtidas, decidir quanto ao que pretendem desenvolver [...] Não é necessário que conheçam profundamente os fundamentos matemáticos dos métodos, uma vez que não serão produtores desses métodos. Entretanto, eles devem ser capazes de: a) reconhecer as possíveis aplicações em problemas práticos de sua vida profissional cotidiana, b) fazer análises simples dos resultados obtidos; c) compreender artigos que exigem conhecimentos estatísticos; d) consultar o estatístico sobre planejamento e análise mais complicadas [*sic*]. O seu ensinamento acarreta um aumento do número de profissionais aptos ao consumo crítico da pesquisa. Essas pessoas terão argumentos e fundamentos para uma análise de diversos métodos aplicáveis em suas próprias vidas profissionais. Elas terão desenvolvido o que se pode chamar de raciocínio científico.²⁰⁹

A autora deixa claro, assim, que a estatística é uma forma de os pesquisadores adquirirem conhecimento crítico e científico na interpretação de informações, o que indica seu caráter mecanicista e empirista numa concepção quantitativo-comportamentalista de educação física.

Simultaneamente à publicação de textos de tom prescritivo e avaliativo, numa perspectiva tecnicista e de entonação incisiva, que deixava transparecer a existência de uma padronização nos estudos produzidos, identificamos investigações que recorrem à observação, mensuração e avaliação de comportamentos, como procedimento metodológico. Assim, os textos se apresentam como uma análise de mudanças nos atletas ao realizarem atividades esportivas. Tendem a avaliar o comportamento individual e grupal, identificando traços da personalidade e da atenção em certas situações para mostrar o perfil comportamental de pessoas que fazem atividade física.

O texto “Métodos simples de avaliação psicológica na área das atividades físicas e esportivas”, de Cavasini e Matsudo, descreve a importância da psicologia na vida do homem. Segundo os autores, o desenvolvimento pleno das capacidades individuais, seja do ponto de vista

²⁰⁹ BOTELHO, Elisa Maria Diniz. Análise de técnicas estatísticas aplicáveis à educação física. *RBCE*, v. 7, n. 2, jan. 1986, p. 80; 82.

pessoal, seja do social, deveria ser ajustado a uma forma comportamental coerente com tais capacidades.

A principal meta da Psicologia é proporcionar ao Homem maneiras mais adequadas e práticas de agir, possibilitando um melhor ajustamento dele na Sociedade. Para tanto, é preciso que se estude o Homem nas diversas situações em que vive, pois só conhecendo a natureza humana, é que se poderá ajudar e de uma certa forma assegurar seu bom desenvolvimento. Assim sendo, a Psicologia Esportiva tem como meta principal, investigar o comportamento do Homem em atividades físicas e esportivas. [...] importantes variáveis psicossociais, como a dinâmica de grupo esportivo, a motivação e a socialização podem ser determinadas através de métodos simples e de alta aplicabilidade por todos aqueles que atuam em Ciências do Esporte.²¹⁰

Como deixa entrever essa passagem, a educação física é concebida na ótica da psicologia, numa vertente fortemente comportamental. Em “Personalidade do atleta: uma revisão da literatura”, Cauasini, Matsudo e Cazelatti, exemplificam essa concepção ao ver a personalidade como a “[...] organização dinâmica dentro de um indivíduo, dos seus sistemas psicofísicos que determinam suas características de comportamento e pensamento”²¹¹ e afirmam que “[...] o esporte para a criança tem sido como um fator primordial para o desenvolvimento do ajustamento social e pessoal e que este melhora o autoconceito e outras características de personalidade”²¹².

Kleine reitera essa linha de reflexão no artigo “Esporte e personalidade: temos que renunciar à nossa tão antiga convicção?”, em que destaca a influência da psicologia na atuação do professor.

[...] professor e técnico não se devem restringir exclusivamente ao treinamento do corpo, porém, devem tentar influenciar a formação total da personalidade — isto sim é educação. [...] Pertencem sem dúvida à personalidade, num sentido mais amplo, também as capacidade intelectuais perceptivas e motoras que aqui são englobadas pela aptidão, assim como evidentemente também as qualidades fisiológicas e morfológicas do indivíduo.²¹³

Essas passagens e as de outros estudos englobados na concepção quantitativo-comportamentalista de educação física enfatizam o perfil comportamental e intelectual dos

²¹⁰ CAVASINI, Sandra M.; MATSUDO, Victor K. R. Método simples de avaliação psicológica na área das atividades físicas e esportivas. *RBCE*, v. 1, n. 3, maio 1980, p. 16; 19.

²¹¹ CAUASINI, Sandra M.; MATSUDO, Victor K. R.; CAZELATTI, Sonia. Personalidade do atleta: uma revisão da literatura. *RBCE*, v. 1, n. 2, jan. 1980, p. 9.

²¹² CAUASINI; MATSUDO; CAZELATTI, 1980. p. 10.

²¹³ KLEINE, Dietmar. Esporte e personalidade: temos que renunciar a nossa antiga convicção? *RBCE*, v. 6, n. 3, maio 1985, p. 192; 194.

indivíduos. Mas subjaz a essa visão de educação física, assim como às demais, um foco no desenvolvimento da *performance* do ponto de vista externo. A dimensão subjetiva, que poderia permeá-la e, assim, relativizar a precisão dessas características é tratada numa ótica objetiva, isto é, do observável, do mensurável. Disso se pode depreender que as concepções delineadas até aqui tendem a desconsiderar uma especulação teórica mais aberta e contextualizada da noção de educação física; logo, tendem a desconsiderar o desenvolvimento de uma capacidade crítica na esfera da educação física. Isso porque elas se aproximam de um tom positivista e tecnicista, traduzido na ideia de aprimoramento, no desempenho da capacidade física e na avaliação fisiológica, biomecânica e psicológica, em que prevalecem os valores estatísticos da *performance* física, numa visão funcional e pragmática.

Com efeito, as bases do pensamento positivista incluem a Matemática, a Astronomia, a Física, a Química, a Fisiologia e a Sociologia; também se nutre do empiricismo. Formalizado por Augusto Comte, o positivismo prescreve, como função essencial da ciência, a capacidade de entender e prever a realidade formada por fatos isolados e afirma que só mediante fatos observáveis se poderia identificá-la²¹⁴. Daí o rigor das medições, daí o mecanicismo, na tentativa de encontrar explicações na natureza pela observação e experiência, a fim de identificar as leis universais que regem os fenômenos sociais²¹⁵. Segundo Michael Löwy, “o método positivo visa afastar a ameaça que representam as ideias negativas, críticas, anárquicas dissolventes e subversivas”²¹⁶; considera, no âmbito dos fenômenos sociais, o “[...] mesmo espírito dos fenômenos astronômicos, físicos, químicos, e fisiológicos, isto é, como sujeito a leis naturais invariáveis, cuja descoberta é o objetivo específico de suas pesquisas”.²¹⁷ Para Boaventura de Sousa Santos, o positivismo

[...] parte do pressuposto que as ciências naturais são uma aplicação ou concretização de um modelo de conhecimento universalmente válido e, de resto, o único válido. Portanto, por maiores que sejam as diferenças entre os fenômenos naturais e os fenômenos sociais é sempre possível estudar os últimos como se fossem os primeiros.²¹⁸

Nessa ótica, parte da produção científica veiculada pela *RBCE*, no período que estudamos, mostra que a Revista veiculou, nas concepções de educação física, sinais dessa filosofia, patentes em investigações que buscavam aplicar métodos e técnicas para aperfeiçoar

²¹⁴ Cf. TRIVIÑOS, A. N. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

²¹⁵ Cf. VASCONCELLOS, Maria José. *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus, 2002.

²¹⁶ LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 1994, p. 23.

²¹⁷ LÖWY, 1994.

²¹⁸ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Porto, Portugal: Afrontamento, 1987, p. 35.

as habilidades das pessoas na prática esportiva. De 94 textos das ciências do esporte, 84 apresentam traços alinhados à orientação esportivista, médica, biomecânica, estatística e comportamental, segundo pressupostos tecnicistas. Em 1983, o periódico passou a veicular textos científicos de tendência mais reflexiva e contextual, em que a educação física é concebida como parte importante da formação crítica dos indivíduos, diferentemente das concepções até então apresentadas.

3.4 Concepção histórico-social

Pode-se dizer que os textos tendentes a uma concepção crítica de educação física publicados pela *RBCE* (QUADRO 10) representaram uma nova forma de ver os temas da área da educação física marcada, sobretudo, pela crítica austera ao modelo tecnicista de pesquisa (que, por sinal, culminaria historicamente numa “crise de legitimidade” ou numa “descaracterização” dessa área).

QUADRO 10
Textos da concepção histórico-social de educação física publicados pela *RBCE* —
1983–1986

TÍTULO DO TEXTO	AUTOR/AUTORES	EDIÇÃO
1 A (des)caracterização profissional filosófica da educação física	CASTELLANI FILHO, Lino	v. 4, n. 3, 1983
2 Capacidade e habilidades intelectuais solicitadas nas provas escritas das disciplinas técnicas do curso de licenciatura em educação física e técnico em desportos da UFPE, segundo a taxionomia de Bloom e colaboradores	TAFFAREL, Celi Neuza Zulke	v. 6, n. 1, 1984
3 Diagnóstico do funcionamento da prática da educação física de 1ª a 4ª séries do 1º grau, em escolas da rede oficial de ensino, da zona urbana de Maringá – PR	OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de	v. 6, n. 3, 1985
4 A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista	BRACHT, Valter	v. 7, n. 2, 1986
5 Educação física na escola de 1º grau — 1ª a 4ª séries	MOREIRA, Wagner Wey	v. 7, n. 2, 1986
6 A educação física no ensino de 1º grau: do acessório ao essencial	SOARES, Carmen Lúcia	v. 7, n. 3, 1986
7 Análise da educação física em nível pré-escolar no município de São Paulo	BÖHME, Maria Tereza Silveira; KISS, Maria Augusta Peduti Dal’ Molin; BUSSAB Wilton de Oliveira	v. 7, n. 3, 1986
8 Ginástica para a alma música para o corpo	OLIVEIRA, Vitor Marinho de	v. 8, n. 1, 1986
9 A importância da educação física para o adolescente que trabalha uma abordagem psicológica	DAOLIO, Jocimar	v. 8, n. 1, 1986
10 A educação física precisa de filosofia?	FEITOSA, Anna Maria A.	v. 8, n. 1, 1986

Em 1983, no texto “A (des)caracterização profissional filosófica da educação física”, Lino Castellani Filho busca, com base em documentos legais, identificar o papel da Educação Física nos estabelecimentos de ensino no Brasil; isto é, procura encontrar traços da identidade

da Educação Física. Ele constatou que a inspiração liberal patente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 cedeu lugar a uma tendência tecnicista incorporada pelo caráter reprodutivista da educação nacional, que estruturou a educação física por meio da *performance*, do adestramento físico e da preparação da força de trabalho.

Daí então entendermos que para descrevermos com propriedade a Educação Física, tenhamos que despi-la das vestes por ela até então trajadas (descaracterizá-la, portanto) buscando desnudá-la, entender a personagem por ela representada no “palco” ou “cenário” educacional brasileiro. Assim, ao vermos nua, poderemos resgatá-la em sua dimensão histórica, nela objetivando encontrar a sua verdadeira identidade. Compartilhamos do pensamento daqueles que acreditam que, para tal caracterização, aqui agora entendida como identificação, devemos nos reportar a análises de elementos informativos entendidos como de fundamentação teórica, quais sejam de cunho filosófico-científico, como também de fundamentação fatural, onde enfatiza-se dentre outros aspectos, aqueles pertinentes à Legislação.²¹⁹

Nessa passagem, Castellani Filho propõe descaracterizar a educação física para que haja entendimento de suas interfaces na dimensão histórica. Essa proposição configura um direcionamento das reflexões e das pesquisas ancoradas numa dimensão mais científico-filosófica, diferentemente das concepções de base positivista mencionadas há pouco, mais tendentes ao científico-técnico. A crítica ao princípio empírico e reducionista de educação física foi então a tônica de alguns estudos publicados na *RBCE*.

Nessa perspectiva, Taffarel publicou, em 1984, o texto “Capacidade e habilidades intelectuais solicitadas nas provas escritas das disciplinas técnicas do curso de licenciatura em educação física e técnico em desportos da UFPE, segundo a taxionomia de Bloom e colaboradores”. Embora a autora tenha usado em sua pesquisa uma estrutura hierárquica como método de análise conforme indicado pelo título, suas discussões são enfaticamente críticas quanto às avaliações feitas e ao perfil dos profissionais graduados em Educação Física. Eis o tom de suas indagações à formação restrita oferecida aos alunos do curso de Educação Física, que nos parece coerente com uma concepção crítica de educação física no campo pedagógico:

Considerando-se a exigência atual, na definição de muitos estudiosos, na discussão do perfil do profissional em Educação Física/Espportes, de capacidades e habilidades de análise, síntese, com ampla visão da realidade e atitude crítica (julgamento) diante dela, conscientizando-se de suas responsabilidades perante a sociedade, demonstrando desempenhos científicos, pedagógicos, psicológico, ético, moral e político, pergunta-se: será

²¹⁹ CASTELLANI FILHO, L. A (des)caracterização profissional filosófica da educação física. *RBCE*, v. 4, n. 3, maio/set. 1983, p. 95.

possível atingir estas competências e atitudes, enfatizando-se, ou dando-se maior ênfase solicitando dos alunos respostas que exigem processos mentais simples, como o são a memorização e a compreensão? Não seriam procedimentos desta ordem que contribuíram para o perfil de formação de um aluno médio em uma escola de Educação Física ser [...] “semi-alfabetizado, incapaz de explicar com clareza... noções pouco amplas... visão mais voltada para alguns esportes... dificuldade em entender a importância da fundamentação teórica em relação à prática... supervalorização de competição, resultados, vitórias... visão individualista... possuidor de consciência ingênua... extrema dificuldade de comunicação e manutenção de um diálogo efetivo”? Cabe, portanto, aos corpos administrativos, docentes e discentes dos Cursos de Licenciatura em Educação Física e Técnico de Desportos, uma vez admitidos estes resultados aqui apresentados e considerando suas implicações didático-pedagógicas e sócio-políticas, buscar uma forma alternativa de estruturação do sistema de avaliação adotado.²²⁰

O texto “Diagnóstico do funcionamento da prática da educação física de 1ª a 4ª séries do 1º grau, em escolas da rede oficial de ensino, da zona urbana de Maringá – PR”, de Oliveira, defende a educação física como algo necessário ao todo da formação educacional- (escolar), pois

[...] necessitam de um correto desenvolvimento das capacidades necessárias para a perfeita integração e participação do homem na sociedade, tendo a Educação Física o centro integrador dos desenvolvimentos propostos pelas outras disciplinas do processo educacional. [...] envidamos esforços no sentido de recuperarmos a real função da Educação Física, não como meio isolado para o desenvolvimento do físico, mas como disciplina integrante do processo educacional, que proporciona à criança e ao indivíduo o desenvolvimento sadio da personalidade em toda sua abrangência.²²¹

Se ainda é possível detectar marcas marca textuais indicativas de um teor tecnicista de educação, isso não encobre o fato de que as ideias são desenvolvidas de modo a ultrapassar as características positivistas de educação, isto é, trabalhar dentro de um processo global de educação e de educação física com vistas ao desenvolvimento integral da criança. O âmbito escolar aparece também em “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista”, de Bracht, ao discutir a importância do professor de Educação Física como quem pode apresentar novas interpretações da realidade que merecem ser incorporadas, dada a sua pertinência.

Neste sentido, o da identificação destes espaços, cumpre inicialmente incluir a Educação Física/Esporto escolar no contexto mais amplo da Educação e,

²²⁰ TAFFAREL, Celi Neuza Zülke. Capacidades e habilidades intelectuais solicitadas nas provas escritas das disciplinas técnicas do curso de licenciatura em educação física e técnico em desportos da UFPE, segundo a taxionomia de Bloom e colaboradores. *RBCE*, v. 6, n. 1, set. 1984, p. 121.

²²¹ OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. Diagnóstico do funcionamento da prática da educação física de 1ª a 4ª séries do 1º grau, em escolas da rede oficial de ensino, da zona urbana de Maringá – PR. *RBCE*, v. 6, n. 3, maio 1985, p. 204.

enquanto parte desta, analisar as possibilidades de contribuição/colaboração para o processo de transformação social, condição para a concretização de uma sociedade mais justa e livre. [...] Os professores de Educação Física na ação devem, efetivamente, incorporar novas posturas frente a algumas questões básicas: – Precisam superar a visão positivista de que o movimento é predominantemente um comportamento motor. A “motricidade já não é mais biológica e sim histórica e social”. [...] A consequência disso para a ação pedagógica, é de que nas aulas de Educação Física devemos objetivar muito mais do que a aptidão física, a aprendizagem motora, a destreza desportiva, etc., devemos entender que o movimento que a criança realiza num jogo, tem repercussões sobre todas as dimensões do seu comportamento, e mais, que esta atividade veicula e faz a criança introjetar determinados valores e normas de comportamento. [...] Para que este novo esporte, que leve a uma nova sociabilização, emergja, os professores de Educação Física devem suportar também a ideia muito difundida, de que nas aulas de Educação Física não se deve falar, ou seja, não se deve sentar e discutir com os alunos o que está se fazendo, sob o argumento de que a aula de Educação Física deve ser “prática” (entenda-se “adestrante”).²²²

É patente nessa passagem uma concepção histórico-social de educação física, materializada nas críticas do autor à ação pedagógica instaurada. Aborda em suas reflexões as possíveis contribuições da educação física ao desenvolvimento dos indivíduos e à transformação da sociedade, assim como outras possibilidades de entendimento do papel da educação física escolar para superar a visão positivista, em que predominava o rendimento e *performance* corporal.

Também o estudo “Educação Física na escola de 1º grau – 1ª a 4ª séries”, de Moreira, reitera esse repensar sobre a educação física, ao salientar que

[...] a consciência da prática da Educação Física relaciona-se com a consciência que se tem sobre a educação de forma geral e com visão de mundo. [...] Educação Física consciente, para o professor e para o aluno, é aquela que contribui com a educação geral para o ato educativo [...] É a ação educativa que favorece, via sua metodologia específica, o processo socializante de interação, na busca em conjunto, da resolução dos problemas educacionais. [...] Educação Física consciente, no professor e no aluno, eliminaria de vez a execução dos movimentos mecânicos e repetitivos, transformando todo este quadro em uma prática crítica, onde ambos fariam sua hora, não esperando acontecer.²²³

Esse trecho deixa entrever uma posição autoral crítica das atuações tecnicistas, pois discute um pensar consciente e reflexivo sobre a educação de modo global, em que o conteúdo deveria privilegiar as formas de expressão da criança, em que ela tenha motivação para realizar a atividade e conseguir se comunicar corporalmente. O autor faz alusão à música “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, que se tornara uma espécie de hino contra a ditadura

²²² BRACHT, 1986, p. 65; 66; 67.

²²³ MOREIRA, W. W. Educação Física na escola de 1º grau — 1ª a 4ª séries. *RBCE*, v. 7, n. 2, jan./maio 1986, p. 77.

militar e que, no trocadilho aqui apresentado, aparece como um chamamento para mudanças nas práticas de educação física, assim como aquelas que ocorriam no campo político-social.

No estudo “A educação física no ensino de 1º grau: do acessório ao essencial”, Soares entende que o movimento é o principal elemento pedagógico da educação física, construído histórica e socialmente. Em suas palavras, na

Educação Física como Educação, entendemos que o seu material pedagógico — o movimento — não se reduz puramente ao biomecânico, mas vai mais além. Este ato motor, esta motricidade, este gesto, esta expressão que se dá através do movimento, seja ele codificado (gesto desportivo), seja ele criado (expressão), não é algo que se traduz por tendências naturais, espontâneas e mágicas, pelo contrário, é histórico e social. Entendemos que a ciência do movimento, enquanto um saber elaborado, sistematizado e que se pretende transmitido e assumido é simultaneamente atividade intelectual e material, embora sendo o domínio físico, o específico.²²⁴

Como se pode depreender, essa autora inscreve sua análise numa concepção histórico-social de educação física na medida em que expressa a importância de refletir continuamente segundo uma perspectiva transformadora da realidade, sobre o desenvolvimento do movimento nas pessoas como um processo histórico-social.

No texto “A educação física precisa de filosofia?”, Feitosa recorre às palavras de Manuel Sérgio para expressar a importância de ter um pensamento crítico de educação física; ela discute seu papel dentro de uma concepção histórico-social porque expõe a necessidade de responsabilidade, consciente e reflexiva no ato pedagógico, antagônico ao saber tecnicista. A passagem a seguir deixa entrever elementos para essa afirmação:

[...] a Educação Física, se quer ser considerada uma ciência, não pode estar bem e sem crítica e autocrítica. Não temos o direito de fugir à responsabilidade de atuar de forma crítica, consciente e pensante, na permanente busca de respostas a perguntas universais. Respostas essas que variam a cada época e em cada cultura. Se a Educação Física não se reconhece em crise e nega-se o humano exercício de pensar e recriar o mundo, foge ao universo das ciências e denuncia-se como saber reducionista e tecnicista, restringindo a sua influência e importância no processo social. [...] Por realizarem uma tarefa acriticamente prática, abstêm-se muitas vezes de refletir sobre os valores que fundamentam a sua ação correndo, assim, o risco de se repetirem frequentemente. A ausência da prática-teórica promove uma esclerose que impede a Educação Física de responder aos anseios do homem moderno. Se queremos interferir no processo de desenvolvimento do ser humano ao mais se, conforme anunciamos em muitos dos objetivos formulados em nossos planos de trabalho, é imprescindível que nos

²²⁴ SOARES, Carmen Lúcia. A educação física no ensino de 1º grau: do acessório ao essencial. *RBCE*, v. 7, n. 3, maio 1986, p. 90; 91.

interroguemos antes de cada ato pedagógico: Que tipo de homem estou contribuindo para formar?²²⁵

Como se vê, os autores, nessa perspectiva, questionaram a fundo a visão tecnicista de educação física e sua aplicação, como se quisessem contribuir para transformar a área da educação física, a partir de uma visão mais ampla, qual seja, a de superar a dinâmica positivista na educação física.

Concluindo, os trabalhos publicados e os temas discutidos nas edições da *RCBE* que estudamos nos permitiram delinear quatro orientações político-filosóficas de educação física: prático-esportivista, médico-biologicista, quantitativo-comportamentalista e a histórico-social. A tendência positivista permeou os traços de muitas pesquisas descritivas e empírico-analíticas reduzidas a testes e aferições, descritas sem problematização predominantes na linha editorial da Revista. Assim, coube aos textos que delineiam a concepção histórico-social expor ideias representativas numa tentativa de estabelecer e legitimar uma reflexão sobre a dimensão do papel da educação física para ampliar o campo de visão dos profissionais da área. Em parte, isso se materializou na incorporação da educação física ao campo educacional como forma de contribuir para a formação integral das pessoas e para propor a transformação da visão de uma sociedade; além disso, sugeriam aos profissionais assumir a realidade tendo em vista o desenvolvimento intelectual, físico e social do indivíduo.

²²⁵ FEITOSA, Anna Maria A. A educação precisa de filosofia. *RCBE*, v. 8, n. 1, set. 1986, p. 140; 141.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema não é inventar. É ser inventado hora após hora e nunca ficar pronta nossa edição convincente.

(Carlos Drummond de Andrade)

Os periódicos pedagógicos configuram um manancial de elementos e informações que podem direcionar o pesquisador por diversos caminhos, tomando-os como fonte ou como objeto. Apresentam e legitimam discussões de determinados campos do conhecimento em seus embates políticos, sociais e epistemológicos. Tais discussões podem ser úteis ao pesquisador disposto a aprofundar a compreensão de questões que permeiam a educação em diferentes aspectos teórico-práticos. Como parte da cultura material de educação, os periódicos devem ser entendidos e analisados em suas dimensões concretas considerando-se o discurso materializado em textos, assim como a apresentação editorial e gráfica deles, pois as significações históricas se mostram nessas dimensões. Sua leitura e análise, tanto da forma como do conteúdo são importantes porque se complementam e se reiteram, compõem um todo, cujas nuances específicas permitem compreender a realidade educacional segundo um olhar do passado reinterpretado por uma ótica do presente.

Acreditamos que os periódicos relativos à educação física se transformaram em aporte de conhecimentos e concepções, porque veiculam informações múltiplas geradas pela pesquisa científica, que acabaram por apresentar ressonâncias no campo da ação educativa. Nesse sentido, a leitura que se buscou fazer, neste trabalho, da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, abrangendo as edições publicadas entre 1979 e 1986, buscou reconhecer concepções de educação física em suas páginas e compreender como tais concepções se manifestaram na capa, nos editoriais, nos artigos, na diagramação dos textos, nas ilustrações, enfim, na Revista como objeto material, caracterizando-se como fonte e objeto. Assim, apontamos facetas da inserção dessa Revista no universo da produção científica em educação física, em especial no da divulgação científica, como parte da história da educação física, seja como campo de investigação ou como formação educacional.

Vimos que a *RBCE* se consolidou como um periódico educacional, graças ao intercâmbio de seus editores com membros de outras revistas e de associações, inclusive

estrangeiras e, pela produção de estudos realizados por pesquisadores brasileiros. Nessa consolidação, os editores buscaram construir um significado para o periódico, como uma publicação científica, assim como uma identidade editorial e gráfica que traduzisse o publicado. Com enfoque editorial calcado no tecnicismo e ligado ao rendimento humano, ao cientificismo, à *performance* esportiva, aos testes físicos aplicados em laboratórios e à avaliação de características psicológicas e fisiológicas numa perspectiva comparativa dos indivíduos, a Revista se alinhou a um projeto maior, instituindo ideologicamente a ação esportiva como possibilidade de mostrar a relevância da área no Brasil.

Nesse horizonte em que a educação física se inscrevia, seu objetivo era alcançar o aprimoramento da aptidão física para melhorar os resultados no esporte. Tal entendimento ocorreu sob perspectivas diversas, que identificamos neste trabalho como concepção prático-esportivista, concepção médico-biologicista e concepção quantitativo-comportamentalista. Elas traduzem de certa forma parte da política editorial que a Revista seguiu no período investigado nesta pesquisa, trazem consigo alguns indícios das ideologias manifestadas pelo sistema organizacional do Estado, as quais tentavam imprimir um papel social para a educação física.

Nos textos veiculados pelo periódico entre 1979 e 1986, notamos a preponderância da tendência tecnicista, o que pode ser atestado pela quantidade de textos sobre as condições físicas dos indivíduos, as habilidades técnicas voltadas para o esporte de alto rendimento, a fisiologia do esforço, o treinamento desportivo e as análises antropométricas, biomecânicas e estatísticas. Nos primeiros quatro anos, esse periódico veiculou e fomentou um referencial teórico orientado para a divulgação de estudos científicos cujo modelo epistemológico advinha de pesquisas estrangeiras no campo da educação física e de outras áreas afins às ciências do esporte.

Identificamos que, a maior parte dos textos que abordavam discussões sobre a educação física escolar seguia uma linha tecnicista, neles, se avaliava a aplicação de testes de aptidão física aliada à avaliação fisiológica, médica, biomecânica e psicológica. A Revista também publicou textos com abordagens da educação física na condição de instância de formação discente voltada para o enfoque do desempenho físico e da prática esportiva. Nesses, os aspectos predominantes foram medição e aferição dos alunos, tendo em vista o aprimoramento técnico, esportivo e competitivo, características que se alinhavam aos pressupostos do Estado para fortalecer a população e consequentemente a nação.

A maioria dos textos publicados na *RBCE* nesse período adotou a educação física como atividade meramente física e/ou esportiva, seja no âmbito escolar ou na sociedade em geral. A essa educação física voltada para as condições físicas das pessoas com a contribuição das práticas e *performances* esportivas para a formação geral subjazia a crença de que só fortalecer o corpo bastava. Sendo assim, identificamos nos textos a apresentação do professor de educação física como técnico auxiliar do desenvolvimento e da aquisição de habilidades esportivas. Sua função era propor métodos para aprimorar a *performance* dos alunos em consonância com o jogo político-social estabelecido, de modo que deveriam executar os mesmos movimentos como demonstração de seu desempenho atlético e de sua aptidão física. Portanto, além de influenciar os profissionais da área que elegiam o periódico como objeto de leitura no momento de se prepararem e realizarem suas próprias pesquisas, esses direcionamentos limitavam o campo de visão do profissional porque o tornavam alheio a questões mais críticas e reflexivas, relativas ao indivíduo na sociedade. Entendemos que a tendência tecnicista foi predominante na Revista nesse período devido às influências da área das ciências do esporte e do próprio grupo de editores que dirigiam a Revista. Já a partir do ano de 1983, alguns artigos publicados na *RBCE* voltaram suas análises para uma concepção histórico-social de educação física, pois se fundamentaram em uma visão com um registro mais crítico desse campo de conhecimento, tendo como referência a educação física como prática educativa e como disciplina escolar, além de considerar o aluno e o professor de Educação Física como sujeitos de suas ações. Esses estudos veiculados pela *RBCE* funcionavam como estímulo à reflexão dos profissionais para que se conscientizassem de sua responsabilidade como agentes formadores da sociedade, carente não apenas de ciência aplicada ao esporte, mas também de uma formação pedagógica, ética, moral e política. Nesses textos com alusão a uma prática mais reflexiva, os autores anunciavam ainda a necessidade de a educação física participar, com as outras disciplinas educacionais, da integração do homem na sociedade. Nessa configuração, divulgavam uma forma mais ampla de entendimento da educação física numa perspectiva histórica e social, em que ganham corpo os valores social, moral, cultural e o diálogo como elementos que a permeiam. Entendemos que a presença de uma concepção histórico-social de educação física nos estudos publicados na Revista a partir de 1983, apesar da ainda forte influência da tendência tecnicista, foi um indício para um posterior processo de mudança na política editorial da Revista.

Com a redemocratização em 1986, ou seja, com a restauração da democracia e do Estado de direito, coincidentemente ou não, identifica-se mais claramente essa transformação tanto na diretoria do *CBCE* quanto no corpo editorial da *RBCE*. Tal mudança refletiu

consequentemente no universo gráfico e editorial da Revista, sobretudo no conteúdo dos textos, os quais se debruçavam em reflexões críticas ao modelo de educação física instaurado.

Envolvidos por essa visão mais crítica, os autores reiteraram a ideia de que a prática da educação física deveria operar em função da educação geral, como processo de socialização, interação e auxílio na solução de problemas educacionais. Para eles, a substância pedagógica da educação física era o movimento, de maneira geral, como um gesto esportivo e de expressão espontânea ou criada num contexto histórico e social, de forma que fosse transmitido e assumido como atividade física e intelectual. Enfim, a educação física deveria se responsabilizar pela sua recriação numa proposta autocrítica que buscasse responder às indagações de cada época rumo a uma reflexão dinâmica e prático-teórica que contribuísse para a vida do homem na sociedade. Essa importância da participação de profissionais da educação física na tomada de decisões concernentes a essa área e aos esportes os insere nos processos de formação a que se submete o indivíduo, sobretudo na escola.

Percebemos que, mesmo a *RBCE* mostrando essa concepção histórico-social de educação física na consubstanciação de uma outra postura na forma de pensar e pesquisar nessa área, ela não deixou da noite para o dia de publicar artigos de feição tecnicista, pesquisas empíricas, quantitativas e reducionistas segundo uma ótica limitada ao esporte de rendimento. De certa forma, concepções distintas de educação física conviveram no conjunto dos textos da Revista. A *RBCE* construiu significados históricos, compostos pela trama política, social, econômica e cultural num âmbito mais geral, assim como as decisões em sua própria política editorial. Assim, a Revista se consolidou ao longo do tempo, apresentando ideias balizadas pelo legado histórico da área das ciências do esporte no Brasil situado num contexto político, econômico e cultural. De fato, os artigos explicitaram necessidades postas para a educação física responder.

A *RBCE* se revelou como rico objeto de estudo para a pesquisa histórica na área de educação física, contendo elementos que provocaram problemas que não puderam ser investigados neste trabalho, dadas as limitações temporais, pois a pesquisa acadêmica, em seu rigor, exige aprofundamento; cada questão nova que se anuncia na leitura analítica da fonte pede outra investigação. Ao problematizar nossas questões iniciais, outras podem ser provocadas: a *RBCE* era acessível aos professores de educação física das escolas? Como foi a recepção e aceitação da *RBCE* entre professores de educação física em instituições escolares? As pesquisas veiculadas os ajudavam em suas aulas? Qual a influência da legislação na produção da Revista? São perguntas cuja resposta pode ampliar o entendimento sobre a

atuação da *RBCE* na sociedade, na educação física e na escola e, assim, mostrar o papel da veiculação de conteúdos pedagógicos na história da educação no país.

REFERÊNCIAS

- ALBURQUERQUE, Luís Rogério. *Concepção e saberes da formação de professores em Educação Física, no período de 1970 a 1990, e a relação entre saber e poder*. 2008. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2008.
- _____. A concepção e os saberes da formação de professores em educação física no período pós-golpe militar de 1964. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., Curitiba, 2009. *Anais...* Curitiba: PUC-PR, 2009.
- BASTOS, M. H. C. A imprensa periódica educacional. In: CATANI, D.; BASTOS, M. H. C. (Org.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 173–187.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BETTI, Mauro. *A educação física na escola brasileira de 1º e 2º graus no período 1930–1986: uma abordagem sociológica*. 218 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BICCAS, Maurilane de Souza. O impresso como estratégia de formação: *Revista de Ensino de Minas Gerais (1925–1940)*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008. 216 p.
- BORGES, Vera Lúcia Abrão. *A ideologia do caráter nacional da educação em Minas: Revista de Ensino (1925–1929)*. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.
- BRASIL. *Decreto lei 69.450 de 1º de nov. de 1971*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D69450.htm>. Acesso em: 5 set. 2010.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. *ISSN*. Disponível em: <<http://www.ibict.br/secao.php?cat=ISSN>>. Acesso em: 16 nov. 2010.
- BRASIL. Senado. *Mensagem do presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo dirigida ao Congresso Nacional em 1980*. P. 100–101. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/presidential>>. Acesso em: 20 out. 2010.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *A imprensa periódica como objeto de instrumento de trabalho: catálogo da hemeroteca Júlio de Mesquita do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. 1975. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CARVALHO, Carlos H.; INÁCIO FILHO, Geraldo. Debates educacionais na imprensa: republicanos e católicos no Triângulo Mineiro — MG (1892–1931). In: SCHELBAUER, Analete R.; ARAÚJO, José Carlos S. (Org.). *História da educação pela imprensa*. Campinas/Uberlândia: Alínea/ed. UFU, 2007.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A escola nova e o impresso: um estudo sobre estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Org.). *Modos de ler, formas de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1997, p. 65–86.
- CARVALHO, Washington Luiz de. *O corpo administrado: biopolítica e disciplinarização na Revista Brasileira de Educação Física (1972–1980)*. 169 f. Dissertação (Mestrado em

Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

CASPARD, Pierre; CASPARD, Penélope. Imprensa pedagógica e formação contínua dos professores primários (1815–1939). In: CATANI, D.; BASTOS, M. H. C. (Org.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 33–45

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação física no Brasil: a história que não se conta*. 1988. 157 p. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Pontifícia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Política educacional e educação física*. Campinas: Autores Associados, 1998.

CASTRO, Waldyr Lins de. A fundamentação positivista da pesquisa em Educação Física como um dos instrumentos de dominação da ditadura militar em 64. *Novo Enfoque*, Universidade Castelo Branco, v. 2, n. 2, 2005.

CATANI, Denice Barbara. *Educadores à meia-luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo — 1902–1919*. 1989. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

CATANI, Denice B. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. *Educação e Filosofia*, Uberlândia: ed. UFU, v. 10, n. 20, 1996, p. 115–130.

CAVALCANTI, Verter Paes. *Produção do discurso historiográfico na educação física brasileira na década de 80*. 1996. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

DARIDO, Suraya Cristina. *Educação física na escola questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DE LUCA, Tânia Regina. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: ed. UNESP, 1999.

DI TIZIO, Iberê Luiz. *Cotação oficial do dólar*. Disponível em: <<http://www.ditizio.ecn.br/tabelas/dolar.html>>. Acesso em: 18 out. 2010.

FRADE, Isabel Cristina A. S. *Imprensa pedagógica: um estudo de três revistas mineiras destinadas a professores*. 2000. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13. ed. São Paulo: ed. USP, 2008. 657 p.

FERNANDES, Ana Lúcia Cunha. O impresso e a circulação de saberes pedagógicos: apontamentos sobre a imprensa pedagógica na história da educação. In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif. *Impressos e história da educação: usos e destinos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 15–29.

GERMANO, José Wellington. *Estado militar e educação no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994, 281 p.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação Física Progressista*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Physica*. 1999. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) — Instituto de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

HENDEL, Richard. Glossário. In: _____. *O design do livro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 213–216.

LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 1994.

MACIEL, David. *A argamassa da ordem: da ditadura militar à nova república (1974–1985)*. São Paulo: Xamã, 2004.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif. *Impressos e história da educação: usos e destinos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

MALE, Alan. *Illustration: a theoretical and contextual perspective*. Lausanne, Suíça: Ava, 2007, p. 90–95.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890–1922)*. 1997. Tese (Doutorado em História Social) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MONARCHA, Carlos (Org.). *Levantamentos das revistas: Revista da Sociedade de Educação (1923–1924); Educação (1927–1930); Escola Nova (1930–1931); Educação (1931–1932); Revista de Educação (1933–1935); Revista de Educação (1935–1937); e Revista de Educação (1938–1943)*. 2003. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

NÓVOA, António (Dir.). A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, D.; BASTOS, M. H. C. (Org.). *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 30–31.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. *A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da rede municipal de ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência*. 2001. 399 f. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. *O que é educação física*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, Adriano Moura de. A grande potência: o projeto Brasil Potência no interior do pensamento Geopolítico brasileiro. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: PODER, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO. ANPUH/SP-USP, 9., São Paulo, 2009. *Anais...* São Paulo: ANPUH-USP, 2008.

PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. 1993. *Educação física/ciências do esporte: resgates e perspectivas na luta dos sentidos dentro do CBCE*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1993.

PALAFIX, Gabriel Humberto Muñoz. *Educação Física no Brasil: aspectos filosóficos-pedagógicos subjacentes à política nacional em ciência e tecnologia para esta área no período 1970–1985*. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Estudos Pós-graduados em Educação da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

PINTO, Joélcio. F.; VAGO, Tarcísio. M.; FARIA FILHO, Luciano. M. Representações de esporte e Educação Física na ditadura militar: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos dedinho (1969–1974). CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO

ESPORTE, 15.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2., Recife, 2007. *Anais...* Recife: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Digitalizada – Ano 1, n. 1 set. 1979; Ano 25, n. 1, 2003 – Campinas: CBCE, 2003. CD-ROM.

RIO Grande do Sul. *Fundação de Economia e Estatística*. Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/servicos/pg_atualizacao_valores.php>. Acesso em: 18 out. 2010.

ROMANO, Frank J. Printing [Imprensa]. In: STERLING, Christopher H. (Ed.). *Encyclopedia of journalism*. Thousand Oaks: Sage, 2009, p. 608–611

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Porto, Portugal: Afrontamento. 1987.

SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares de; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. *O legado do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 1–57.

SAVIANI, Dermeval. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2007.

SCHELBAUER, A. R. Entre anúncios e artigos: registros do método de ensino intuitivo do jornal *A Província de São Paulo* (1875–1889). In: SCHELBAUER, Analete R.; ARAÚJO, José Carlos S. (Org.). *História da educação pela imprensa*. Campinas/Uberlândia: Alínea/ed. UFU, 2007, p. 07–30.

SCHNEIDER, Omar. *A revista de Educação Physica (1932–1945): estratégias editoriais e prescrições educacionais*. 2003. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

SCHRIEWER, Jürgen. Études pluridisciplinaires et réflexions philosophico-herméneutiques: la structuration du discours pédagogique em France et en Allemagne. *Paedagogica Historica*, Supplementary Series, v. III, 1998.

SILVA, Francisco Carlos T. Brasil, em direção ao século XXI. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990, p. 385–445.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo (1964–1985)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1994.

SKIDMORE, Thomas. The road to redemocratization [O caminho da redemocratização]. In: _____. *Brazil: five centuries of change [Brasil: cinco séculos de mudança]*. New York: Oxford University Press, 1999, p. 184–8.

SOARES, Carmem Lúcia. Do corpo, da educação física e das muitas histórias. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 125–147, set./dez. 2003.

SOARES, Carmen Lúcia. Do corpo, da educação física e das muitas histórias. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 125–147, set./dez. 2003.

TEIXEIRA, S. *O lazer e a recreação na Revista Brasileira de Educação Física e Desportos como dispositivos educacionais (1968–1984)*. 2008. 251 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

TEIXEIRA, S. *O lazer e a recreação na Revista Brasileira de Educação Física e Desportos como dispositivos educacionais (1968–1984)*. 2008. 251f. Dissertação

(Mestrado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

TRIVIÑOS, A. N. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, Maria José. *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus. 2002.

VEIGA, Cynthia Greive. *História da educação*. São Paulo: Ática, 2007.

WALD, James. Periodicals and periodicity [Periódicos e periodicidade]. In: ELIOT, Simon; ROSE, Jonathan (Ed.). *A companion to the history of book* [Manual de história do livro]. Oxford: Blackwell, 2007, p. 421–33

FONTES PERIÓDICAS — *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*

- *Edições citadas*

Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São Caetano do Sul, SP, v. 1, n. 1, set, 1979.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São Caetano do Sul, SP, v. 1, n. 2, jan, 1980.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São Caetano do Sul, SP, v. 1, n. 3, maio, 1980.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São Caetano do Sul, SP, v. 2, n. 1, set, 1980.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São Caetano do Sul, SP, v. 2, n. 2, jan, 1981.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São Caetano do Sul, SP, v. 2, n. 3, maio, 1981.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São Caetano do Sul, SP, v. 5, n. 3, maio, 1984.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São Caetano do Sul, SP, v. 6, n. 1, set, 1984.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São Caetano do Sul, SP, v. 6, n. 3, maio, 1985.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São Caetano do Sul, SP, v. 7, n. 2, jan, 1986.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São Caetano do Sul, SP, v. 7, n. 3, maio, 1986.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São Caetano do Sul, SP, v. 8, n. 1, set, 1986.

- *Artigos citados*

ARAÚJO, Cláudio Gil de; PEREZ, Anselmo J.; MATSUDO, Victor K. R. Técnica para análise da estratégia dos 1500 m nado livre. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, n. 3, p. 35-44, maio 1980.

ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de. Curso de medicina do exercício. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 2, n. 3, p. 13-27, maio 1981.

ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de. Curso de medicina do exercício: aspectos tocoginecológicos do exercício — 2ª parte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 3, n. 1, p. 5-15, set. 1981.

ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de. Estratagemas para comparação de performances de nadadores de diferentes especialidades. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 3, n. 1, p. 22-23, set. 1981.

BALDISSERA, Vilmar. Desenvolvimento da capacidade aeróbica em treinamento contínuo e intervalado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 3, n. 3, p. 106-109, maio 1982.

BANKOFF, Antonia D. P.; FURLANI, José. Estudo eletromiográfico dos músculos retoabdominal e oblíquo externo em diversos exercícios, na posição de decúbito dorsal. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 7, n. 2, p. 69-74, jan. 1986.

BOTELHO, Elisa Maria Diniz. Análise de técnicas estatísticas aplicáveis à educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 7, n. 2, p. 80-83, jan. 1986.

BRACHT, Valter. A criança que pratica esportes respeita as regras do jogo... capitalista. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 7, n. 2, p. 62-68, jan. 1986.

CALDEIRA, Sandra; MATSUDO, Victor K. R. Estatística aplicada à ciência do esporte — Curso de metodologia científica — 1ª parte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 2, n. 2, p. 5-10, jan. 1981.

CARAM, Eliana de Melo. Considerações sobre o desenvolvimento da educação física no ensino superior. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 4, n. 2, p. 59-65, jan. 1983.

CARDOSO, Ademir Tadeu. Efeito do condicionamento físico aeróbico sobre a reserva miocárdica de oxigênio em sedentários. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 7, n. 3, p. 109-112, maio. 1986.

CASTELLANI FILHO, L. A (des)caracterização profissional filosófica da educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 4, n. 3, p. 95-101, maio. 1983.

CAUASINI, Sandra M.; MATSUDO, Victor K. R.; CAZELATTI, Sonia. Personalidade do atleta: uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, n. 2, p. 9-13, jan. 1980.

CAVASINI, Sandra M.; MATSUDO, Victor K. R. Método simples de avaliação psicológica na área das atividades físicas e esportivas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, n. 3, p. 16-20, maio 1980.

COLÉGIO Brasileiro de Ciências do Esporte. Atividade física durante a menstruação e a gravidez. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, n. 2, p. 31-35, jan. 1980.

DE ROSE, R. C. F.; DE ROSE, E. H. Influências do fator sócio-econômico no desenvolvimento somático e neuro-motor do pré-escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, n. 3, p. 21-25, maio 1980.

DUARTE, Carlos Roberto. Efeitos de dois programas de atividade física sobre a aptidão física geral de escolares. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 6, n. 1, p. 123-124, set. 1984.

DUARTE, Maria de Fátima da Silva; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues. Características de aptidão física em universitários de educação física: um estudo longitudinal. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 3, n. 1, p. 28–40, set. 1981.

DUARTE, Maria de Fátima Silva. Abreviaturas de periódicos: uma contribuição aos pesquisadores em ciências do esporte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 4, n. 2, p. 53–58, jan. 1983.

FEITOSA, Anna Maria A. A educação precisa de filosofia. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 8, n. 1, p. 140–141, set. 1986.

GOMES, João Luiz E.; BIAZÚS, Luiz; MARCZYK, Luiz Roberto S. Extensão do Joelho: comparação da amplitude nas posições deitada e sentada. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 2, n. 3, p. 32–33, maio 1981.

GUEDES, Dartagnan Pinto. Comparação de valores de dobras cutâneas em escolares de diferentes níveis sócio-econômicos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 2, n. 1, p. 41–44, set. 1980.

GUEDES, Dartagnan Pinto. Estudo comparativo da gordura subcutânea em escolares de diferentes estados brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 5, n. 2, p. 50–57, jan. 1984.

GUIMARÃES, Antônio Carlos Stringhini. Eletromiografia de exercícios abdominais: um estudo piloto. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 6, n. 1, p. 110–116, set. 1984.

GUIMARÃES, José Ney Ferraz. Medidas da capacidade aeróbica em bicicleta ergométrica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, n. 2, p. 15–19, jan. 1980.

KLEINE, Dietmar. Esporte e personalidade: temos que renunciar a nossa antiga convicção? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 6, n. 3, p. 192–202, maio 1985.

KNACKFUSS, I. G.; CARVALHO, C. M. Biomecânica: análise temporal das fases da marcha. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 2, n. 2, p. 25–29, jan. 1981.

KNACKFUSS, I. G.; COSENTINO, M. C.; GENÚNCIO, K. M.; PASTURA, J. L. Biomecânica: determinação do tempo de reação em velocistas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 3, n. 1, p. 24–7, set. 1981.

KOMI, Paavo V. Desempenho biomecânico e neuromuscular. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 5, n. 2, p. 66–69, jan. 1984.

MATSUDO, Victor K. R.; SESSA, Madalena; TARAPANOFF, Ana Maria P. A. Correlação entre medidas antropométricas e força de membros inferiores. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, n. 3, p. 30–34, maio 1980.

MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues. Avaliação da potência: teste de corrida de 40 segundos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, n. 1, p. 8–16, set. 1979.

MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues. Curso de metodologia científica: a prática da pesquisa em ciências do esporte — 3ª parte. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte v. 3, n. 1, p. 16-20, set. 1981.

MIYAGIMA, Cláudio Hiroyoshi. Avaliação formativa de habilidades desportivas para o basquetebol no contexto da formação do professor de educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 6, n. 2, p. 153-157, jan. 1985.

MOREIRA, W. W. Educação Física na escola de 1º grau — 1ª a 4ª séries. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 7, n. 2, p. 75-79, jan. 1986.

MOREIRA, Wagner Wey; PELLEGRINOTTI, Ídico Luiz. Análise dos resultados de um programa de capacitação aeróbica em universitários da universidade estadual de Campinas — UNICAMP. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 8, n. 1, p. 142-147, set. 1986.

MOURA, Nélio Alfano; MENDES, Olga de Castro. Relação entre velocidade de corrida de abordagem e desempenho no salto em distância. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 4, n. 3, p. 74-77, maio 1983.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. Diagnóstico do funcionamento da prática da educação física de 1ª a 4ª séries do 1º grau, em escolas da rede oficial de ensino, da zona urbana de Maringá – PR. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 6, n. 3, p. 203-214, maio 1985.

OSÉS, Adilson; GIANNICH, Ronaldo; FRAUSE, Hildegard; MYOTIN, Emmil. Escalas progressivas: construção e utilização. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 3, n. 2, p. 50–58, jan. 1982.

OSÉS, Adilson; K'ÖNING JÚNIOR, Bruno. O efeito de três programas de salto em profundidade sobre o resultado do salto vertical. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 7, n. 2, p. 56-61, jan. 1986.

PARECER do American College of Sports Medicine. A quantidade e a qualidade de exercícios recomendados para o desenvolvimento e manutenção da aptidão física em adultos saudáveis. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, n. 3, p. 5–10, maio 1980.

PARECER do American College of Sports Medicine. Perda de pesos em lutadores. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, n. 1, p. 3–7, p. 3-7, set. 1979.

PAULA FILHO, Ulisses de; RODRIGUES, Luiz Oswaldo C. Estudo do efeito da cafeína em diferentes níveis de exercícios. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 6, n. 2, p. 139–146, jan. 1985.

PEREZ, Sandra Maria. Medidas da potência anaeróbica: testes de campo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, n. 2, p. 20-23, jan. 1980.

PETROSKI, Edio Luiz; PIRES NETO, Cândido Simões. Efeitos de nove semanas de atividades físicas sobre a composição corporal e consumo máximo de oxigênio em universitários.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 8, n. 1, p. 124-128, set. 1986.

RIBEIRO, Jorge Pinto et al. Potência anaeróbica alática em indivíduos treinados e não treinados. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, n. 3, p. 11-15, maio 1980.

SILVA, Silvia Corazza da; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues. RIVET, Ricardo Enrique. Flexibilidade e aptidão física: revisão de literatura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 6, n. 2, p. 158-165, jan. 1985.

SOARES, Carmen Lúcia. A educação física no ensino de 1º grau: do acessório ao essencial. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 7, n. 3, p. 89-92, maio 1986.

TAFFAREL, Celi Neuza Zülke. Capacidades e habilidades intelectuais solicitadas nas provas escritas das disciplinas técnicas do curso de licenciatura em educação física e técnico em desportos da UFPE, segundo a taxionomia de Bloom e colaboradores. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 6, n. 1, p. 117-122, set. 1984.

TUBINO, Manoel José. Designer da pesquisa experimental em educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. São Caetano do Sul: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 2, n. 3, p. 38-44, maio 1981.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 21. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.

ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: um comentário sobre suas etapas iniciais. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Ijuí: Sedigraf, 1998.

ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru: Edusc, 2006.

BARREIRA, Luiz Carlos. *História e historiografia: as escritas da história da educação brasileira (1971-1988)*. 1995. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

BRACHT, Valter. *Educação física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992

_____. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: CED/UFES, 1997.

_____. *Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: ed. UNIJUÍ, 1999.

_____. As ciências do esporte no Brasil: uma avaliação crítica. In: NETO, Amarílio et al. *As ciências do esporte no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1995, p. 29-49.

_____. *Um pouco de história para fazer história: 20 anos de CBCE*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Ijuí: Sedigraf, 1998.

BRASIL. Parecer nº 977, de 3 dezembro de 1965. Definição dos cursos de pós-graduação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 30, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.ccpqg.puc-rio.br/nucleodememoria/textosfinais/parecerCFE97765.pdf>. Acesso em: 5 set. 2010.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*. São Paulo: ed. UNESP, 1992, p. 27–37.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. p. 244.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, A. S. F.; CRUVINEL, A. F.; MACHADO, J. C.; SOUZA, J. A.; LIMA, L. F. O debate sobre o tema “formação de professores” na *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* no período de 1979 a 2003. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE/CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14./1., 2005, Porto Alegre, 2005. *Anais...* Porto Alegre: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

DAÓLIO, Jocimar. *Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980*. Campinas: Papirus. 1998.

FERREIRA NETO, Amarílio (Org.). *Pesquisa histórica na educação física brasileira*. Vitória: CEFD/UFES, 1997, v 2.

FERREIRA NETO, A.; SCHNEIDER, O.; AROEIRA, K. P.; SANTOS, M. S.; Silva, E. B. C. Bibliografia sobre teoria da educação física em periódicos brasileiros (1979–1999).

Proteoria: Espírito Santo, 2000. Disponível em:

<http://www.proteoria.org/textos/2000bibliografia_peri%C3%B3dicos_brasileiros.pdf>.

Acesso em: 14 jul. 2010.

GAYA, Adroaldo César Araújo. *As ciências do desporto nos países de língua portuguesa: uma abordagem epistemológica*. Porto: Gráficos Reunidos, 1994.

GAYA, Adroaldo César Araújo. Mas, afinal, o que é educação física? *Movimento*, Porto Alegre: UFRGS, ano 1, n. 1, p. 29–34, 1994.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projeto de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006, 175p.

GOELNER, Silvana Vilodre (Org.) *Educação física/ciências do esporte: intervenção e conhecimento*. Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999, 199 p.

MALINA, A.; AZEVEDO, A. C. B. de; OLIVEIRA, V. M. CBCE: um coletivo intelectual da educação física? Filosofia da *práxis*, política e ciência em questão. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, São Paulo. Disponível em:

<<http://www.cbce.org.br/cd/resumos/116.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

MELO, Vitor Andrade de. *História da educação física e do esporte no Brasil: panorama, perspectivas e propostas*. *Revista Eletrônica de História do Brasil*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 12–34, mês 1997.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. Elementos para uma análise da renovação da educação física escolar no Brasil durante a ditadura militar (1964- 1985): uma contribuição para a história das disciplinas. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 7., Porto Alegre, 2000. *Anais...* Porto Alegre: UFRGS, 2000.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. *Cadernos de Pesquisa Scielo*, São Paulo, n.114, nov. 2001.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*. São Paulo: ed. UNESP, 1992, p. 39–62.

SCHUELER, A. F. M. A imprensa pedagógica e a educação de escravos e libertos na corte imperial: impasses e ambigüidades da cidadania na revista instrução pública (1872–1889). *Cadernos de História da Educação*, Belo Horizonte, n. 4, p. 13–25, jan./dez. 2005.

SILVA, A. M.; PINHEIRO, M. S. F.; FRANÇA, M. N. *Guia de normalização de trabalhos técnicos-científicos*: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses. 5. ed. Uberlândia: ed. UFU, 2006. 145p.

SILVA, R. V. S. *Mestrados em Educação Física no Brasil*: pesquisando suas pesquisas. 1990. 236 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1990.

SILVA, R. V. S. *Pesquisa em educação física*: determinações históricas e implicações epistemológicas. 1997. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

VILLANOVA, Carla. No mundo das normalistas: as representações da futura professora nas páginas das revistas *Instituto* e *Normalista*. In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif. *Impressos e história da educação*: usos e destinos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 73–95.